



Pequenos poemas em prosa

Charles Baudelaire



copyright Hedra

edição brasileira© Hedra 2019

título original *Le spleen de Paris: petits poèmes en prose*, 1869

primeira edição Primeira edição

edição Jorge Sallum

coedição Felipe Musetti

assistência editorial Luca Jinkings e Paulo H. Pompermaier

capa Lucas Kröeff

ISBN 978-85-7715-602-3

corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.



Pequenos poemas em prosa

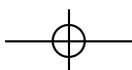
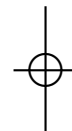
Charles Baudelaire



Dirceu Villa (*prefácio*)

Dorothée de Bruchard (*tradução*)

2ª edição



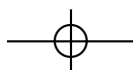
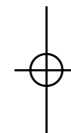


Charles Baudelaire (Paris, 1821—*id.*, 1867), escritor francês, é ainda hoje reverenciado como um dos paradigmas máximos da criação poética. Dono de uma imagética pujante e original, Baudelaire foi também um influente crítico de arte e um tradutor de grande envergadura. Alma inquieta e conturbada, antípoda da de Goethe, segundo o famoso elogio de T. S. Eliot, Baudelaire via com desconfiança a era do progresso, entrevedo na modernidade uma morbidez oculta que sua sensibilidade extremada não tolerava. Em 1857, a publicação de *As flores do mal*, sua obra-prima, ofende a moral burguesa e lhe vale um processo no qual é obrigado a pagar uma multa considerável, além de suprimir sete poemas do livro. Alguns dos sonetos ali encerrados já prefiguravam o simbolismo e o decadentismo, correntes que começavam a tomar corpo. Em *Os paraísos artificiais* (1860), explora o potencial criador sob o efeito do ópio e do haxixe. Como tradutor, verte muitos dos contos e ensaios de Edgar Allan Poe para o francês, tendo influído assim decisivamente para o futuro reconhecimento desse autor, que exerceu influência em sua obra também. Solitário, doente e sem recursos, morre em 1867.

Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris), obra póstuma, publicada em 1869 na reunião de escritos do autor feita por Théodore de Banville e Charles Asselineau, consumiu mais de dez anos até sua feição definitiva, em 1866. Muitos dos poemas já haviam aparecido em jornais e receberam de pronto a estima e a admiração da crítica e do público. Figura, em importância, ao lado de *As flores do mal* na obra de Baudelaire e ombreia com as mais importantes páginas já escritas da literatura universal. Esta edição saiu à luz pela primeira vez em 1988 pela editora da Universidade de Santa Catarina.

Dorothée de Bruchard é graduada em letras, pela Universidade Federal de Santa Catarina, e mestra em Literatura Comparada pela University of Nottingham, Inglaterra. Em 1993 funda a Editora Paraula, dedicada à publicação de clássicos em edições bilíngües. Traduziu Rousseau, Mallarmé, Cendrars, Schwob, e atualmente coordena a ONG Escritório do Livro, onde pesquisa a história e a arte do livro.

Dirceu Villa é poeta, tradutor e mestre em letras pela Universidade de São Paulo. Autor do livro de poemas *Descort* (Hedra, 2003), traduziu *Lustra*, de Ezra Pound (inédito) e colabora em diversos veículos de imprensa.





Pequenos poemas em prosa

Charles Baudelaire

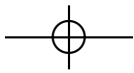
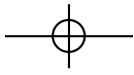
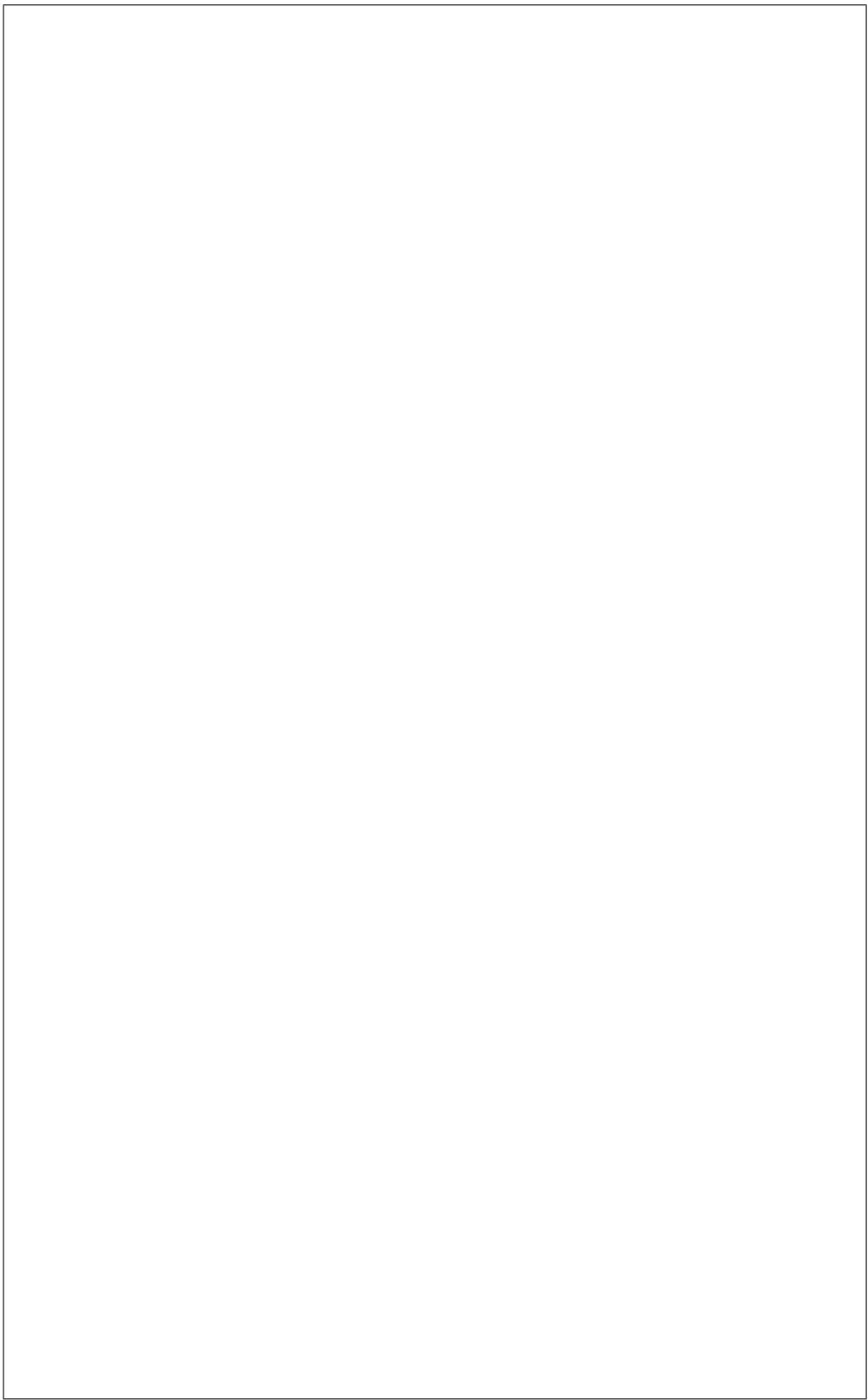


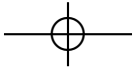
Sumário



Introdução, por Dirceu Villa	6
Pequenos poemas em prosa	29
Índice	297









Introdução

Dirceu Villa

BAUDELAIRE, L'HOMME DES FOULES¹



Charles Baudelaire (1821–1867) é um autor famoso e quase incompreensível para a mentalidade politicamente correta e espontaneísta de nossos dias. É preciso começar dizendo isso porque Baudelaire ataca convenções e é um verdadeiro artesão da palavra, e sobretudo estes *Pequenos poemas em prosa* são uma coleção de textos em que provocou (e não apenas pelo gosto de provocar) o então chamado “pequeno burguês”, aquela pessoa odiosa que se conformava a uma vida mesquinha, porque modestamente confortável, e alheia aos poderes transformadores da arte. Um grupo de pessoas que, aliás, vinha aumentando. Mas de que transformação estaríamos falando? Baudelaire teria algum tipo de engajamento?



Não, na verdade. Ele é um daqueles casos literários indefiníveis, mesmo porque não tinha simpatia por nenhuma causa, e a “ideia de arte” em seu pensamento possui antes um sentido absoluto, que a separa num corte nítido da

1. “o homem das multidões”, como o título do conto de edgar allan poe.

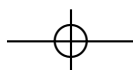


“ideia de natureza”: esse é, em breves palavras, o cerne de sua poesia, e daquilo que Victor Hugo chamou de *frisson nouveau* ao lê-lo. Essa distinção entre arte e natureza lhe conferiu também a peculiaridade de sua *persona* literária, que se desdobrava em poeta, crítico de arte e crítico literário. *Krino, krinein*: o “escolher”, que está na raiz grega da palavra “crítico”. Baudelaire tinha o discernimento necessário para produzir cortes nítidos, um dom raro em poetas.

O título desta parte da introdução o põe como “o homem das multidões”. É uma ideia até certo ponto bizarra dizer desse quase misantropo que fosse um “homem das multidões”, mas a imersão na massa das cidades grandes pouco tinha realmente de um encontro: era, poderíamos dizer, um “perpassar”, quando não fosse explícita repulsa; produtiva, mas repulsa. Lembremos que um dos heróis de Baudelaire, Edgar Allan Poe, após de epígrafe a seu conto muito esperto, chamado “The Man of the Crowd”, a seguinte queixa de La Bruyère: “Ce grand malheur, de ne pouvoir être seul”.²

O conto de Poe, que narra o encontro de um convalescente com a turba que ele espia da janela de um café, num contínuo fluxo de deformidades, é datado de 1840; em “Les fousles” (“As massas”), o décimo segundo destes *Poemas em prosa*, e publicado pela primeira vez em 1861 na *Revue fantaisiste*, Baudelaire parece responder engenhosamente ao pequenino comentário de La Bruyère. Ele nos dá uma fôr-

2. “Essa grande infelicidade, a de não poder estar só”, em Edgar Allan Poe, *Sixty-Seven Tales*, Londres: Leopard Books, 1995, p. 240.





mula de impressionante perspicácia, já que as multidões eram coisa razoavelmente nova: “Multidão, solidão”.

Multidão, solidão: termos iguais e permutáveis para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão, tampouco sabe estar só em meio a uma massa atarefada.

“Povoar sua solidão” e “estar só em meio a uma massa atarefada”. Esses dois movimentos se sucedem por todo o livro, às vezes imbricados: o solitário imerge na multidão; o observador detecta, na massa, um personagem distinto e repleto de significado existencial (como o velho saltimbanco, por exemplo); a solidão é acossada por estranhos que surgem como que do nada; há o ruído da dispersão e o silêncio introspectivo que sonha paraísos artificiais. Não há o “não poder estar só” que, por princípio, se exclui: o poeta é efetivamente um solitário, um diferente, um pária, aquele que, em *Les fleurs du mal*, será comparado ao albatroz apanhado num navio, onde os marujos lhe põem um cachimbo, riem e zombam daquela ave que, antes, voava elegantemente: “Exilado no chão em meio às turbas, / Suas asas de gigante impedem-no de andar”. Em “À une heure du matin” (“A uma hora da manhã”), deste nosso livro, escreve: “Enfin! seul!”, isto é, *Enfim! só!*. Ou, o artista é “um solitário de imaginação ativa”, como Baudelaire definiria o desenhista Constantin Guys, em “O pintor da vida moderna”.³

Crítico muito requintado — que reconheceu nos desenhos de fina observação de Constantin Guys, na arte cari-

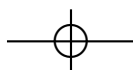
3. Charles Baudelaire, *Sobre a modernidade* (org. e trad. Teixeira Coelho), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 24.





catural e nervosa de Daumier, na música tempestuosa de Wagner e nos textos matematicamente febris de Poe os caminhos da arte, e deles tirou cristalizações que definem seus procedimentos com clareza —, era de se esperar que uma tal mente não se afinasse pelo diapasão de seu meio. Também por isso seu gosto pela frieza da alegoria, que tem um aspecto analítico, mas esconde dentro de si aquela pulsação que encontramos na definição de Emmanuele Tesauro para a força da metáfora, quando dizia que, pela compressão do sentido — que se opõe à sucessividade das imagens —, a metáfora é perspectiva, arrojada, pulsante.

É nisso que vamos encontrar aquele poder transformador, aludido acima. A voz que nos fala no livro cede a impulsos para compreender seus limites, para atender a um apetite passageiro, para realizar uma experiência, e então observa essa experiência quase como faria um pesquisador, para depois fornecer o resultado que se junta à percepção geral já desenvolvida sobre seu tema, necessariamente um modo de flagrar um mundo em transformação, seja no aspecto da paisagem, dos agrupamentos humanos, da cultura ou “da própria percepção”. Não por acaso, enquanto Poe era ignorado nos EUA (quando não fosse considerado simplesmente um sujeito esquisito), ele já havia se tornado um autor da predileção de Baudelaire, que traduziu vários de seus textos ficcionais e críticos para o francês. Baudelaire trazia consigo uma tradição antiga (Tertuliano, Petrónio e Ausônio, a mística de Swedenborg, a poesia tecnicamente impecável de Gautier), mas renovada, e discernia onde algo





novo estava surgindo, algo com que ele tinha mais de uma afinidade, e afinidades mais do que superficiais.

Baudelaire é assim uma encruzilhada: nele se encontram enfeixados os princípios anteriores do rigor formal e gélida superfície da arte poética parnasiana, de Théophile Gautier (a quem não por acaso dedica *Les fleurs du mal*), a retomada de lugares-comuns do romantismo (o satanismo, o *spleen* etc.)⁴ e os primeiros exemplos da arte posterior, de decadentistas e simbolistas (como leríamos em poemas como “Correspondances”, no qual articula pela primeira vez a palavra *symboles*, “símbolos”, assim como apareceria depois no movimento que tomou esse nome, aplicando-o à sinestesia mística colhida por Baudelaire na tradição do ocultismo).⁵ E, como veremos, está muito longe de ser um exagero assinalar em sua obra poética indícios de uma transformação de sensibilidade que teve desenvolvimento depois, no modernismo.

4. Se o leitor se espanta com a afirmação, basta ler em sequência poemas de Byron, Álvares de Azevedo e Baudelaire, onde não raro encontrará vocabulário específico comum e certas poses previamente calculadas para o efeito que produzem. E o efeito é o da separação em relação a uma ideia de “vulgo”. Temos o princípio desse artista que desafia as convenções de seu meio social.

5. *Símbolos*: palavra que não aparece na tradução brasileira de Ivan Junqueira, substituída por “segredos” pelo motivo incômodo da rima. Percebendo a necessidade de manter a palavra e tendo de recorrer a um *enjambement* discutível, Jamil Almansur Haddad conseguiu inseri-la, iniciando com ela o quarto verso da primeira estrofe do poema. Em Charles Baudelaire, *As flores do mal* (trad., pref. e notas de Jamil A. Haddad), São Paulo: Difel, 1964, p. 92.





O que, por outro lado, o afastou do mesmo modernismo⁶ foi menos sua atitude francamente moderna (“é preciso ser absolutamente moderno”) ⁷, diria Rimbaud mais tarde) do que seu esteticismo místico, perverso e preciso, coisas que — excetuando-se a desagradável e complicada palavra “preciso” — atraíram um culto generalizado de imitadores péssimos em toda parte do mundo.

Então, Baudelaire foi de uma só vez o maldito, o recesivo e também o estigmatizado por ter sido copiado, no mínimo por 50 anos, por quase todo indivíduo que arriscou um verso naquela última metade do século XIX e no começo do XX. E mesmo um pouco depois, já que nunca devemos ignorar a disposição dos retardatários.

O ESTETA, O DÂNDI, O FLÂNEUR

Nós temos, imagino, certa dificuldade em apreender o que terá sido um *esteta*, alguém desvinculado da preocupação imediata com as coisas imediatas, particularmente converter seu trabalho em dinheiro.⁸ Teremos de fazer um

6. No manifesto milanês de Guillaume Apollinaire, “L’antitradition futuriste”, de 1913, há uma amostra disso. Dividido em *merde/roses*, era merda para os imprestáveis da tradição (Baudelaire, D’Annunzio, Rostand, Shakespeare, “Dandismos” etc.), e, naturalmente, rosas para Marinetti, Picasso, Boccioni, Apollinaire etc. Em Gilberto Mendonça Teles, *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 118–121.

7. “Il faut être absolument moderne”

8. A propósito do dandismo, Baudelaire escreve: “O dândi não aspira ao dinheiro como a uma coisa essencial; um crédito ilimitado poderia lhe bastar: ele deixa essa grosseira paixão aos vulgares mortais”. Em Charles Baudelaire, op. cit., p. 49.





pequeno esforço de transposição mental para situar uma atitude razoavelmente orgulhosa na arte, e razoavelmente devedora de um comportamento aristocrático,⁹ hoje bastante rarefeito. O esteta tinha para si não a *torre de marfim*,¹⁰ onde o puseram os críticos quase sempre infelizes em suas definições apressadas, mas o cuidado meticuloso do artifício. Baudelaire tinha o sentido desse primado absoluto da estética, do desejo da perfeição na beleza e no horror, mas sabia também que “o estudo do belo é um duelo em que o artista grita de pavor antes de ser vencido”.¹¹

Seria subestimar demais a influência desses códigos em tudo o que se seguiu depois se não traçássemos uma linha divisória, mostrando como isso gerou uma crise no pensamento estético majoritariamente hegeliano da época, a partir do qual se presumia que a arte buscava o belo e o verdadeiro, o aspecto sublime. Tiveram de produzir o construto meio absurdo “belo-horrível” para descrever poemas como “La charogne” (“A carniça”), ou, deste nosso livro, um texto como “Le chien et le flacon” (“O cão e o frasco”), porque não era possível negar o artesanato verbal diligentíssimo que se encarregava de esmiuçar feiúras. Com isso se pôs em xeque a leitura idealizante, e se produziu um dos primeiros aspectos que iriam separar a literatura do chamado modernismo do início do século xx daquela do romantismo,

9. *De hoi aristoi*, em grego, significando “os poucos”, oposto a *hoi polloi*, isto é, “os muitos”.

10. Termo que Baudelaire na época considerava um nobilitante, e achava que torre de marfim era apenas um repúdio ao vulgo.

11. Em “O confiteor do artista”, neste livro.





porque onde Hugo era conciliatório e melodramático (o feio de alma bela que era o sensível corcunda Quasímodo), Baudelaire é intransigente: o leitor é um semelhante, um irmão e, sobretudo, um hipócrita.

Mas não é apenas dessa matéria dura sem e contrastes que é feita a obra de Baudelaire, claro. A leitora e o leitor perceberão que, se não cedem às convenções de moral da sociedade, os *Pequenos poemas em prosa* se revelam muito morais num outro sentido, menos prescritivo: há a simpatia pelo infortúnio em “Le gâteau” (“O bolo”) — assim como desespero em relação à camada brutal da psique humana —, e em “Le joujou du pauvre” (“O brinquedinho do pobre”), e até mesmo naqueles que se pudesse achar mais terríveis, como “Le mauvais vitrier” (“O mau vidraceiro”), no qual chega a matizar sua fúria, reconhecida como impulso inexplicável, e “Assomons les pauvres!” (“Espanquemos os pobres!”), um tipo de *reductio ad absurdum*.

Ao esteta e ao *dândi*, na figura de Baudelaire, junta-se o *flâneur*, que é aquele que flana, ou vive a deambular, caminhar sem rumo pela cidade. Isso é importante: o *flâneur* não está indo a lugar algum, ele está de passagem, e isso se reflete no modo como esses textos devem ser lidos, pois eles resvalam na ideia da cidade, que figura inúmeras sugestões ao observador atento e estético. Baudelaire ainda dinamiza aquela incrível e insuspeita força moral sobre seus objetos de atenção. São cenas passageiras, na rua ou dentro de um teatro da imaginação, e, ao mesmo tempo, exibem uma fixidez de eternidade, numa possível (e bastante óbvia)





analogia com a fotografia, que tem por objetivo recortar e congelar o momento.

O *flâneur* capta um momento anedótico, exemplar, e o poeta Baudelaire o transforma num objeto no qual se enchem complexas visões de estados permanentes da mente.

SPLEEN

Esta é a palavra do título, um “tédio existencial”, mais ou menos; porque, afinal de contas, Baudelaire poderia ter chamado o livro *L’ennui de Paris* se quisesse dizer simplesmente “tédio”, como uma chateação qualquer.

Termo tão específico e difícil de traduzir que Baudelaire, como tantos outros, preferiu deixar mesmo em inglês, assinalando não só o que queria dizer com a palavra específica, mas também sua filiação. Numa edição francesa do *Spleen de Paris*¹² oferece-se como apoio um texto de Diderot no qual o autor diz encontrar um escocês que lhe explica o significado da palavra, levando pouco mais de uma página para tanto, a partir da qual Diderot conclui sem muita esperança: “Sua tristeza é original, e não é triste”. Pode nos lembrar um pouco, de fato, a “boa melancolia”, a imaginativa, aquela valorizada na Renascença e pouco depois, como vemos na célebre gravura de Albrecht Dürer, *Melencolia I* (1514), mas isso ainda não resolve o problema.

12. Charles Baudelaire, *Petits poèmes en prose — Le Spleen de Paris* (préf. et comm. Pierre-Louis Rey), Paris: Pocket, 1998. Diderot: “Le spleen, ou les vapeurs anglaises”, pp. 156–7.





Voltaire, como sempre, tinha algo a dizer sobre o assunto. Escreveu o seguinte: “Os ingleses, com efeito, chamam a essa enfermidade *spleen*, que eles pronunciam *splin*, palavra que significa baço. Nossas mulheres outrora sofriam dessa afecção do baço... Os ingleses têm o *splin*, ou a *splin*, e se matam por humor”.¹³ No antigo esquema dos quatro humores (sanguíneo, melancólico, colérico e fleumático), o baço secretaria, por influência de Saturno, a bile negra do melancólico. Não por acaso, um dos mais famosos e baudelairianos livros de Paul Verlaine iria se chamar *Poèmes Saturniens* (Poemas saturnianos).¹⁴

Mas quem codificou o significado dessa palavra usada largamente durante o período romântico e por todos os imitadores de Baudelaire foi George Gordon Byron, ou Lord Byron, como ficou conhecido o belo barão que diabolicamente mancava de uma perna. Temos de lembrar qual era o código implícito: diz-se que o poeta é um gênio; que, por sê-lo, deve suportar o estar cercado de imbecis; que, cercado por eles, refugia-se na extravagância de seus hábitos inexplicáveis socialmente; e que esse refúgio desenvolve como consequência uma espécie de melancolia pensante, o *spleen*. E daí Baudelaire chegará até mesmo, neste nosso livro, a derivar um adjetivo, *spleenétique*.¹⁵

13. “Dossier”, em *Petits poèmes en prose*, op. cit., p. 156.

14. É possível até mesmo ver a imagem do crepúsculo que Verlaine iria popularizar na literatura decadentista já desenhada em “Le Crépuscule du soir” (“O crepúsculo da tarde”), neste livro.

15. Artur Azevedo (1855–1903) seguiu o exemplo escrevendo “esplenético” num curioso poeminha chamado “Que horror”.





Ele se aplica, como vemos, diretamente à vida nas então recentes metrópoles e, em particular, em Paris. E Paris, no livro, é mais (ou menos) que uma cidade: é, como vimos, um estado mental.

O POEMA EM PROSA

Le Spleen de Paris praticamente inaugura um gênero,¹⁶ se descontarmos o *Gaspard de la nuit*, de Aloysius Bertrand, que Baudelaire diz na carta a Arsène Houssaye ter lido uma boa porção de vezes.¹⁷ É fato que o livro de Bertrand possui seu charme, mas é igualmente fato que não se propõe ao rigor da concisão poética, e funciona mais como um regalo para o diletante educado, que encontrará ali uma prosa de certa elegância e cheia de reminiscências e anedotas, como a do surgimento de uma herética barba pontuda numa sinagoga:

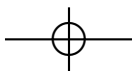
E eis que, de repente, em meio a tantas barbas redondas, ovais, quadradas, em flocos, ou frisadas, que exalavam âmbar e benjoim, notou-se uma barba aparada em ponta.

Um doutor chamado Elébotham, enfeitado de uma meda de flanela que brilhava de pedrinhas, se levanta e diz: “Profanação! Há aqui uma barba pontuda!”¹⁸

16. Sei que é uma afirmação razoavelmente polêmica. Max Milner, da edição do *Gaspard de la nuit* da Gallimard, afirma que foi Bertrand, sem sombra de dúvida, quem criou o gênero, e foi “publicado, para a indiferença geral, em 1842”.

17. Mallarmé também adorava o livro de Bertrand.

18. Aloysius Bertrand, *Gaspard de la nuit: Fantasia à la manière de Rembrandt et Callot* (édition présentée, établie et annotée par Max Milner), Paris: Gallimard, 1980, “École flamande”, iv, p. 93.





Esse episódio, que culminará com uma queda no Reno, ou o mercador de tulipas, o alquimista, “a velha Paris” de cenas pitorescas, são todos tratados como minicontos, pequenas histórias inteligentes, mordazes e curiosas, como aquelas com as quais Apollinaire iria mais tarde deleitar seu círculo de amigos famosos e um grupo de leitores sempre seletos, de paladar literário cosmopolita.

O livro de Baudelaire perfaz um todo — apesar de ele alegar, com certa justiça, que não tem “pé nem cabeça” — se notamos que a diversidade dos textos remete a mais do que a mera curiosidade exótica, ou caráter anedótico de um episódio qualquer: há a singularidade da voz que os enuncia; o permanente e tenso equilíbrio (por vezes mesmo *oposição*) entre multidão / indivíduo; e até mesmo o contato profundo com poemas de *As flores do mal*, com o qual partilha títulos e mesmo o desenvolvimento de alguns textos, que ganham duas abordagens e podem ser lidos com proveito, comparativamente, pelo leitor e pela leitora curiosos.

Um exemplo é “L’invitation au voyage” (“O convite à viagem”), que não divide apenas o título com seu poema-irmão em *As flores do mal*: em ambos há o sonho da viagem para um lugar mirífico de prazeres contínuos. Nos *Pequenos poemas em prosa*, ele tem o nome daquele topônimo fantasioso da Idade Média, *Cocagne* (Cocanha), “onde o luxo tem prazer de se mirar na ordem”, é “uma China ocidental”, repleta de adornos, riquezas, prazer; e o poema em versos se transforma num verdadeiro convite a esse sonho orienta-





lizante e perfumado, um poema musical e inesquecível (“*Là, tout n’est qu’ordre et beauté, / Luxe, calme et volupté.*”¹⁹) que recebeu uma imitação abasileirada de Manuel Bandeira no “Vou-me embora pra Pasárgada”. Nos dois poemas de Baudelaire esse país extraordinário parece com sua convidada, “minha criança, minha irmã”.

Em todo caso, e não obstante as diferenças entre as obras, a de Baudelaire e a de Bertrand, estavam as duas nas luxuosas estantes de livros de Des Esseintes, personagem emblemático do decadentismo, do romance *A rebours* (1884), de J.-K. Huysmans, que escreve no capítulo xiv sobre Des Esseintes folheando: “uma outra plaquete que ele fizera imprimir para seu uso, uma antologia do poema em prosa, um pequeno santuário posto sob a invocação de Baudelaire, e aberto sobre o átrio de seus poemas. Essa antologia compreendia uma seleta do *Gaspard de la nuit*, desse fantasiado Aloysius Bertrand, que transferiu os procedimentos de Leonardo para a prosa e pintou, com óxidos metálicos, pequenos painéis em que as cores vivas cintilam, assim como aqueles esmaltes lúcidos”.²⁰ E este é apenas um trecho da longa descrição do amor de Des Esseintes pelo poema em prosa.

O que é, enfim, o poema em prosa, que praticamente se autonomizou como um gênero? Tentemos uma explicação por contraste: Jean-Jacques Rousseau escreveu um livro, publicado postumamente (1782), chamado *Les rêveries*

19. “Lá, tudo é ordem e beleza, / Luxo, calma e volúpia.”

20. J.-K. Huysmans, *A rebours* (avec un préface de l’auteur écrite vingt ans après le roman), Paris: Fasquelle, 1947, p. 263.



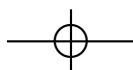


du promeneur solitaire, ou “Os devaneios do caminhante solitário”: dele se disse que poderia ser entendido como “prosa poética”, porque utiliza um grupo de recursos mais comuns na poesia, como aliterações, ecos (rimas), um ritmo demarcado mais claramente. Mas não tem, por outro lado, preocupação alguma de restringir o que se escreve muito prosaicamente, quase *manu corrente*. Empregaria, assim, efeitos superficiais da poesia, mas não se escreveria como tal. Vamos ler o início da “Première Promenade”, onde peço que o leitor preste atenção às copiosas aliterações, ao ritmo *flamboyant*, à rima (itálicos, negritos e sublinhados para destacar esses usos):

Me voici donc seul sur la *terre*, n’ayant plus de *frère*, de prochain, d’**ami**, de société que **moi-même**. Le plus sociable et le plus **aimant** des **humains** en a été proscrit par un accord **unanime**.²¹

Os *Pequenos poemas em prosa* são o contrário da prosa poética de Rousseau, e assim a ordem das palavras na definição “pequenos poemas em prosa” deve ser observada: são antes de mais nada poemas, escritos utilizando aquela outra forma, a prosa, como veículo; da poesia guardam o inevitável específico da alta compressão de significado, e emprestam da prosa da *clarté* francesa seu desenho de nitidez, da exposição direta, quase sem ornamento; portanto, o hábito delicado que alguns críticos têm de chamar seus

21. “E eis que estou nessa vida sem pessoa amiga, irmão, um próximo ou sociedade fora eu-mesmo. O mais sociável e o mais amável dos homens, proscrito em unânime acordo.” Jean-Jacques Rousseau, *Les Revêries du Promeneur Solitaire* (édition critique publié d’après les manuscrits autographes par John S. Spink), Paris: Marcel Didier, 1948, p. 3.





parágrafos de “estrofes”, embora simpático, não faz lá muito sentido. E em “Mademoiselle Bistouri” (“Senhorita Bisturi”), a atitude irônica a respeito do prosaísmo na poesia francesa pode ser lida quando escreve, diante da casa da mulher que acompanhava: “Omito a descrição do casebre; pode ser encontrada em diversos velhos poetas franceses bem conhecidos”. E isso nos dá também o teor de sua escrita.

Um amálgama, por assim dizer, de Baudelaire e Rousseau daria em algo como os longos versículos das “Litanies de la rose”, de Remy de Gourmont, publicadas numa plaquete de luxo em 1892:

Rose couleur de cuivre, plus frauduleuse que nos joies, rose couleur de cuivre, embaume-nous dans tes mensonges, fleur hypocrite, fleur du silence.

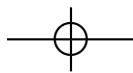
Rose au visage peint comme une fille d’amour, rose au cœur prostitué, rose au visage peint, fais semblant d’être pitoyable, fleur hypocrite, fleur du silence.²²

E assim por diante, no mesmo esquema, por treze páginas.

Mas Walt Whitman já havia, então, circulado no original e em traduções feitas por poetas franceses, como Jules Laforgue; e Gustave Kahn já havia publicado suas experiências e opiniões inteligentes sobre o *vers libre*.²³

22. “Rosa cor de cobre, mais fraudulenta que os nossos gozos, rosa cor de cobre, embalsama-nos em tuas mentiras, hipócrita flor, flor do silêncio. / Rosa de rosto pintado como uma cortesã, rosa de peito prostituído, rosa de rosto pintado, finges ser digna de pena, hipócrita flor, flor do silêncio.” Remy de Gourmont, *Le pèlerin du silence*, Paris: Mercure de France, [1920?], “Livre des Litanies”, p. 151.

23. Num artigo notável para a *Revue indépendante*, em 1888.





Não há dúvida, portanto, de que o caso dos poemas em prosa é um daqueles que oferecem ao futuro um caminho praticável. Há neles inclusive um sentido de *fragmento*, como Schlegel já começara a perceber na literatura romântica, que opera depois nas breves narrativas deste livro, e é o próprio Baudelaire que nos situa quanto a esse aspecto, quando escreve a Houssaye:

Podemos interromper onde quisermos, eu meu devaneio, você o manuscrito, o leitor sua leitura; pois não mantenho suspensa a recalcitrante vontade deste último ao fio interminável de uma intriga supérflua. Retire uma vértebra, e os dois pedaços desta tortuosa fantasia irão se juntar sem dificuldade. Lacere-a em diversos fragmentos, e verá que cada um deles pode existir à parte.²⁴

O que significa a percepção fragmentária da realidade no momento em que Baudelaire escreve? Num ensaio excelente, “Sobre alguns temas em Baudelaire”, Walter Benjamin de certa forma aborda a questão, mostrando que está, no fundo, intimamente ligada às massas das regiões superpopulosas. Apresenta a propósito disso um dos melhores sonetos de *As flores do mal*, “A une passante” (“A uma passante”), no qual uma mulher belíssima é flagrada em meio ao “frenético alarido”²⁵ das multidões na rua. Mas aquele

24. Tradução de Dorothée de Bruchard. Daí a razão de Baudelaire em dizer o “sem pé nem cabeça”.

25. A expressão é de Ivan Junqueira, traduzindo o primeiro verso que diz, no original, “La rue assourdissante autour de moi hurlait”, em Charles Baudelaire, *As flores do mal* (bilíngue; trad., intr. e notas de Ivan Junqueira), Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, pp. 344–5.





instantâneo deslumbramento é desfeito em meio à turba que os separa. O terceto final diz:

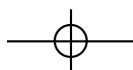
Ailleurs, bien loin d'ici! trop tard! *Jamais* peut-être!
Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais,
O toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais!²⁶

E Benjamin comenta: “O significado do soneto numa frase é o seguinte: a aparição que fascina o habitante da metrópole — longe de ter na multidão somente a sua antítese, somente um elemento hostil — é proporcionada a ele unicamente pela multidão. O êxtase do citadino é um amor não já à primeira vista, e sim à última. É uma despedida para sempre que, na poesia, coincide com o instante do enlevo”.²⁷ É assim que funciona a percepção fragmentária, porque ela anota que o ritmo das coisas foi modificado, que muitas delas ficam então pelo caminho como pedaços a que não se poderia dar um desenho conclusivo e redondo; que não seria exato como representação, também, prover essa percepção com a elasticidade continuada de um romance, por exemplo. Quando chegamos ao século xx e a obras como *Ulysses*, de James Joyce, o fragmento é praticamente a regra, e se destaca como componente estrutural do próprio romance,²⁸ revolucionando-o.

26. Longe daqui! tarde demais! nunca *talvez*! / Pois de ti já me fui, de mim já tu fugiste, / Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste! Op. cit., p. 345.

27. Walter Benjamin, “Sobre alguns temas em Baudelaire” (trad. Edson Araújo Cabral e José Benedito de Oliveira Damião), em *Os pensadores* (volume XLVIII), São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 44.

28. Joyce iria também aprofundar a proximidade entre prosa e poesia no *Finnegans Wake*.





Baudelaire será seguido nessa forma dos poemas em prosa por dois dos mais importantes poetas franceses do fim do século XIX (seus confessos admiradores): Stéphane Mallarmé e Arthur Rimbaud. E deles a árvore ganhará novos ramos.

Mallarmé escreverá alguns poemas em prosa também, claramente baseados no modelo dos *Pequenos poemas em prosa*: basta lermos “Le phénomène futur” (“O fenômeno futuro”), “Plainte d’automne” (“Lamento de outono”), “Pauvre enfant pâle” (“Pobre criança pálida”), “Frisson d’hiver” (“Frisson de inverno”) e “Le démon de l’analogie” (“O demônio da analogia”). É claro, já não são mais como os de Baudelaire, porque Mallarmé mergulha num mundo que as palavras reconstroem com arbítrio próprio. Sobretudo em “Le démon de l’analogie”, recuperando ideias de Poe, Mallarmé aponta inclusive para a técnica inovadora daquele que será seu texto mais famoso e influente, o “Coup de dés”, distanciando-se da referência a Baudelaire e propiciando um novo artesanato construtivo que seria explorado mais tarde pelas vanguardas.

Vindo também do mesmo *poème en prose* de Baudelaire e indo parar bastante longe do desenvolvimento²⁹ que lhe aplicou Mallarmé, Rimbaud escreverá *Une saison en enfer* (*Uma temporada no inferno*) e as *Illuminations* (*Iluminações*, ou *Iluminuras*). Rimbaud daria o passo decisivo, nesses dois textos (juntamente com os *Chants de Maldoror*, de

29. Que o leitor entenda “desenvolvimento” como um fazer diferente, e não melhor. Não é, em nenhum desses três casos, questão de valor, mas um bem prático “a partir de”.





Lautréamont), para aquilo que veio a se chamar surrealismo, pelo modo brusco como levou imagens a colidirem através do “total desregramento dos sentidos”, o que o diferencia claramente de Baudelaire, borrando com mais insistência os limites entre prosa e poesia, entre linguagem inteligível e uma fala poética cujas regras são quase imperceptíveis, estão no limiar do sonho (ou pesadelo).

Além deles, todos os decadentistas e simbolistas mencionados aqui derivam muita coisa das descobertas e da sensibilidade de Baudelaire; num contínuo de sentido, em muitas de suas particularidades, portanto, também o modernismo internacional.

A multidão ganha visões a partir do desbravamento de Baudelaire. Em *The Waste Land*, de T. S. Eliot, uma das referências na primeira parte do poema, chamada “The Burial of the Dead”³⁰ (“O enterro dos mortos”), é justamente a *cidade formigante, cidade repleta de sonhos*³¹ de “Les sept vieillards” (“Os sete velhos”), de *As flores do mal*, mas numa combinação particularmente curiosa: a referência surge da visão de multidões na ponte de Londres e é cruzada com uma paráfrase de versos de Dante Alighieri na *Divina commedia*, mais especificamente no Canto III do “Inferno”, que dizem: [...] *si lunga tratta / di gente, ch’io non avrei creduto / che morte tanta n’avesse disfatta*, ou “[...] enorme

30. Eliot escreve: “A crowd flowed over London Bridge, so many, / I had no thought death had undone so many”, ou “Multidões inundam a Ponte de Londres, tantos, / Eu não imaginava que a morte tivesse aniquilado tantos”. T. S. Eliot, *Collected Poems* (1909–1962), Londres: Faber & Faber, 1974, p. 65.

31. “Fourmillante cité, cité pleine de rêves”, no original.





multidão surgia, / tantos que eu não podia imaginar / tivesse a morte aniquilado um dia”³². Eliot já vê a turba como uma massa inumana, infernal, e estabelece esse circuito bastante fecundo de Dante a Baudelaire.

SPLEEN DE PARIS

Para concluir, tendo comentado brevemente Charles Baudelaire, a forma deste seu livro e as imediações literárias em que se moveu, vamos nos voltar um pouco para certos aspectos das peças literárias que o compõem.

Há de tudo um pouco: ele começa com “L’étranger” (“O estrangeiro”), um brevíssimo intróito dialogado, lembrando que as pessoas são estranhas quando você é um estranho; passa por pequenos poemas narrativos de momentos como uma espécie de iluminação às avessas (quero dizer, normalmente incluindo alguma crueldade³³); pela alegoria cinzenta de “Chacun à sa chimère” (“Cada qual com sua quimera”) e pelo conto de fadas de “Les dons des fées” (“Os dons das fadas”); e termina num epílogo em verso, o único pedaço realmente em verso do livro, e que, não por acaso, está es-

32. Dante Alighieri, *A Divina comédia* (trad., coment. e notas de Cristiano Martins), São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1979, p. 122.

33. Crueldade que, tendo começado em Sade, atinge esse ponto peculiar em Baudelaire, que dará depois em Villiers de L’Isle Adam e seus *Contes Cruels*, em Huysmans e sua perversidade metálica e mineral, como qualifica Gaston Bachelard em *A terra e os devaneios da vontade: ensaios sobre a imaginação das forças* (trad. Paulo Neves da Silva), São Paulo: Martins Fontes, 1990. “O devaneio petrificante”, pp. 165–177, partes I e II.





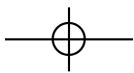
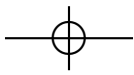
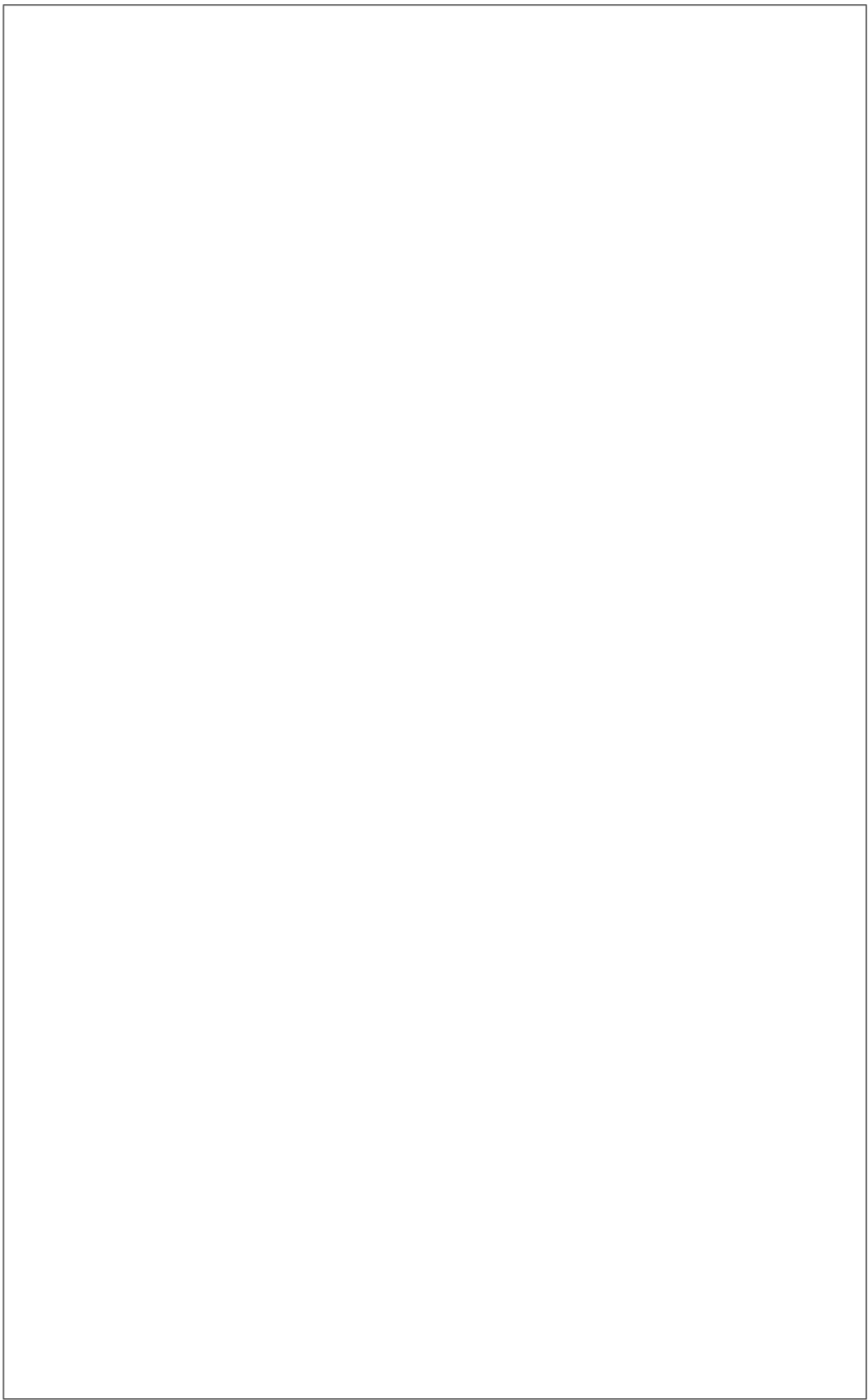
crito em *terza rima*,³⁴ como a *Divina Commedia* dantesca — recuperando aquela relação infernal estabelecida por Eliot em seu binômio Dante-Baudelaire —, onde a cidade por fim recebe uma declaração de amor evocando o grande patrono Satã, as prostitutas, a cidade que é “hospital, lupanar, purgatório, inferno, prisão”.

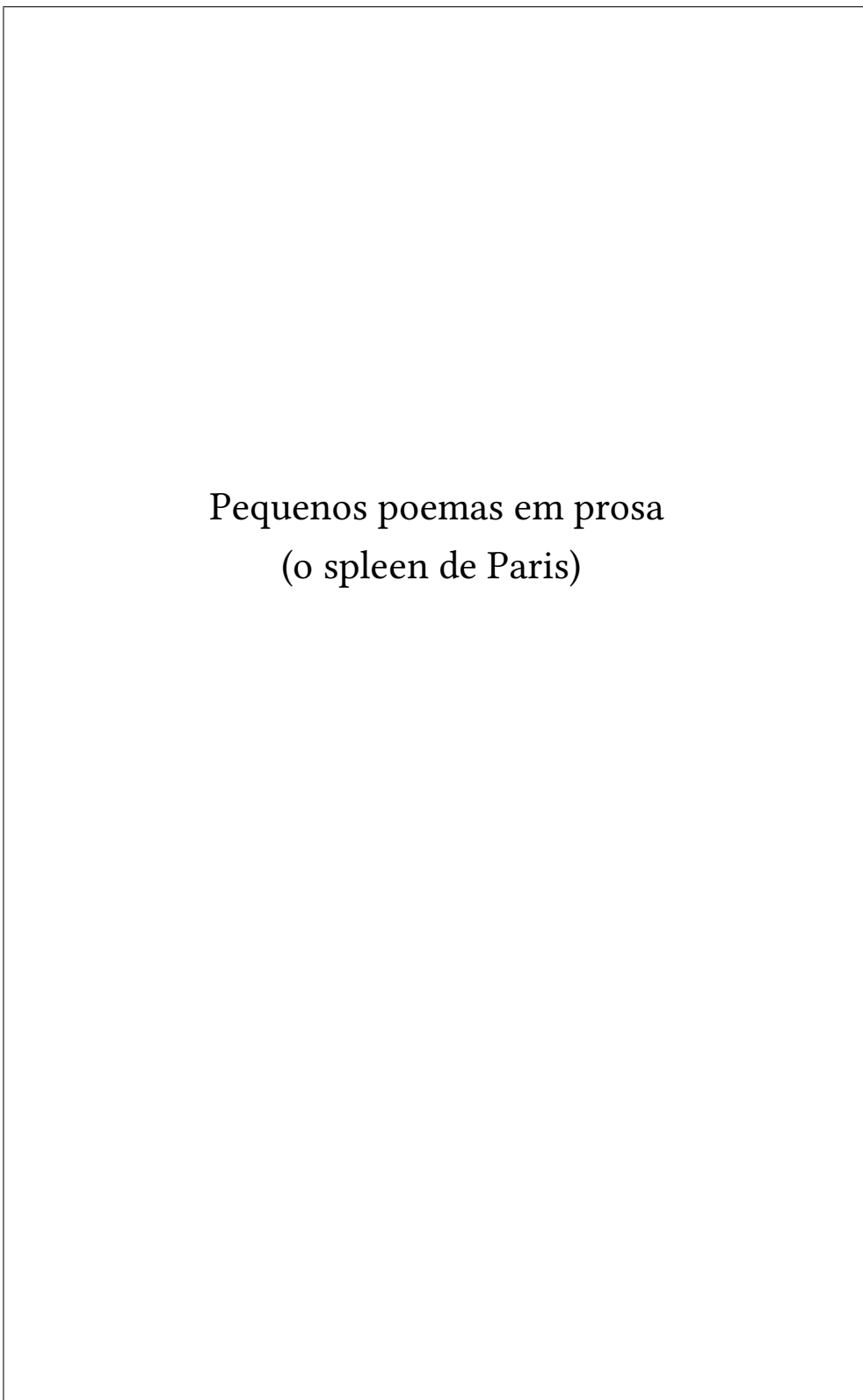
Não é um percurso como por dentro da cidade de Paris, nem também do drama à poesia em algumas páginas, embora possa ser isso se você desejar ver assim; mas é sobretudo um percurso dentro da mente de Baudelaire, pelas cristalizações de seu pensamento. Uso a palavra *cristalizações* para acentuar o fato de que cada um desses poemas em prosa se abre para a comunhão natural de ideias e enfoques com qualquer outro texto de Baudelaire, seja sua crítica de arte, os diários íntimos e fragmentários das *Fusées* ou de “Mon coeur mis à nu” (“Meu coração a nu”, mais explícito, impossível) e mesmo, como vimos, em *Les fleurs du mal*.

É essa, num aperitivo que espera não estragar o apetite, a refeição que espera os leitores. Como dirá o próprio Baudelaire: *Enivrez-vous!* Embriaguem-se.

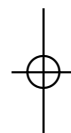
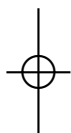
34. Tercetos de rima encadeada.







Pequenos poemas em prosa
(o spleen de Paris)





PETITS POÈMES EN PROSE
(LE SPLEEN DE PARIS)

A Arsène Houssaye

Mon cher ami, je vous envoie un petit ouvrage dont on ne pourrait pas dire, sans injustice, qu'il n'a ni queue ni tête, puisque tout, au contraire, y est à la fois tête et queue, alternativement et réciproquement. Considérez, je vous prie, quelles admirables commodités cette combinaison nous offre à tous, à vous, à moi et au lecteur. Nous pouvons couper où nous voulons, moi ma rêverie, vous le manuscrit, le lecteur sa lecture ; car je ne suspends pas la volonté rétive de celui-ci au fil interminable d'une intrigue superflue. Enlevez une vertèbre, et les deux morceaux de cette tortueuse fantaisie se rejoindront sans peine. Hachez-la en nombreux fragments, et vous verrez que chacun peut exister à part. Dans l'espérance que quelques-uns de ces tronçons seront assez vivants pour vous plaire et vous amuser, j'ose vous dédier le serpent tout entier.

J'ai une petite confession à vous faire. C'est en feuilletant, pour la vingtième fois au moins, le fameux Gaspard de la Nuit, d'Aloysius Bertrand (un livre connu de vous, de moi et de quelques-uns de nos amis, n'a-t-il pas tous les droits à être appelé fameux ?) que l'idée m'est venue de tenter quelque chose d'analogue, et d'appliquer à la description de la vie moderne, ou plutôt d'une vie moderne et plus abstraite, le procédé qu'il avait appliqué à la peinture de la vie ancienne, si étrangement pittoresque.





PEQUENOS POEMAS EM PROSA
(O SPLEEN DE PARIS)¹

A Arsène Houssaye

Meu caro amigo, estou lhe remetendo um pequeno trabalho do qual não se poderia dizer sem injustiça que não tem pé nem cabeça, já que, pelo contrário, tudo nele é ao mesmo tempo cabeça e pé, alternados e reciprocamente. Considere, eu lhe peço, que admiráveis facilidades esta combinação oferece a todos nós, a você, a mim e ao leitor. Podemos interromper onde quisermos, eu meu devaneio, você o manuscrito, o leitor sua leitura; pois não mantenho a recalcitrante vontade deste último suspensa ao fio interminável de uma intriga supérflua. Retire uma vértebra, e os dois pedaços desta tortuosa fantasia irão se juntar sem dificuldade. Lacere-a em diversos fragmentos, e verá que cada um deles pode existir à parte. Na esperança de que algumas destas postas tenham vida suficiente para agradá-lo e diverti-lo, ousou dedicar-lhe a serpente inteira.

Tenho uma pequena confissão a lhe fazer. Foi ao folhear, pela vigésima vez no mínimo, o famoso *Gaspard de La Nuit*, de Aloysius Bertrand (um livro conhecido por você, por mim e alguns dos nossos amigos não tem todo o direito de ser chamado famoso?), que me veio a ideia de tentar algo análogo e aplicar à descrição da vida moderna, ou melhor, de uma vida moderna e mais abstrata, o procedimento que ele aplicou à pintura da vida antiga, tão estranhamente pitoresca.





Quel est celui de nous qui n'a pas, dans ses jours d'ambition, rêvé le miracle d'une prose poétique, musicale sans rythme et sans rime, assez souple et assez heurtée pour s'adapter aux mouvements lyriques de l'âme, aux ondulations de la rêverie, aux soubresauts de la conscience ?

C'est surtout de la fréquentation des villes énormes, c'est du croisement de leurs innombrables rapports que naît cet idéal obsédant. Vous-même, mon cher ami, n'avez-vous pas tenté de traduire en une chanson le cri strident du Vitrier, et d'exprimer dans une prose lyrique toutes les désolantes suggestions que ce cri envoie jusqu'aux mansardes, à travers les plus hautes brumes de la rue ?

Mais, pour dire le vrai, je crains que ma jalousie ne m'ait pas porté bonheur. Sitôt que j'eus commencé le travail, je m'aperçus que non seulement je restais bien loin de mon mystérieux et brillant modèle, mais encore que je faisais quelque chose (si cela peut s'appeler quelque chose) de singulièrement différent, accident dont tout autre que moi s'enorgueillirait sans doute, mais qui ne peut qu'humilier profondément un esprit qui regarde comme le plus grand honneur du poète d'accomplir juste ce qu'il a projeté de faire.

Votre bien affectionné,
C. B.





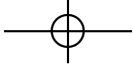
Quem dentre nós não sonhou, nos seus dias de ambição, com o milagre de uma prosa poética, musical sem rima nem ritmo, flexível e desencontrada o bastante para se adaptar aos movimentos líricos da alma, às ondulações do devaneio, aos sobressaltos da consciência?

É sobretudo da frequentação das cidades imensas, do cruzamento de suas inumeráveis relações que nasce este ideal obcecante. Você mesmo, caro amigo, não tentou traduzir numa canção o grito estridente do vidraceiro, e expressar numa prosa lírica todas as aflitivas sugestões que este grito manda para as águas-furtadas, através das mais altas brumas da rua?

Mas, para dizer a verdade, receio que minha inveja não me tenha trazido sorte. Tão logo iniciei o trabalho, percebi que não só eu permanecia bem distante do meu misterioso e brilhante modelo, como também estava fazendo algo (se é que isto pode ser chamado de algo) singularmente distinto, acidente de que qualquer outro além de mim decerto se orgulharia, mas que só pode humilhar profundamente um espírito que encara a maior honra do poeta como sendo o exato cumprimento daquilo que ele projetou fazer.

Afeiçoadamente seu,
C. B.





0.1 L'ÉTRANGER

— Qui aimes-tu le mieux, homme énigmatique, dis ? ton père, ta mère, ta sœur ou ton frère ?

— Je n'ai ni père, ni mère, ni sœur, ni frère.

— Tes amis ?

— Vous vous servez là d'une parole dont le sens m'est resté jusqu'à ce jour inconnu.

— Ta patrie ?

— J'ignore sous quelle latitude elle est située.

— La beauté ?

— Je l'aimerais volontiers, déesse et immortelle.

— L'or ?

— Je le hais comme vous haïssez Dieu.

— Eh ! qu'aimes-tu donc, extraordinaire étranger ?

— J'aime les nuages... les nuages qui passent... là-bas... là-bas... les merveilleux nuages !



0.1 O ESTRANGEIRO

— A quem você ama mais, homem enigmático, me diga:
seu pai, sua mãe, sua irmã ou seu irmão?

— Não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

— Seus amigos?

— Está usando uma palavra cujo sentido para mim permanece até hoje desconhecido.

— Sua pátria?

— Ignoro sob que latitude está situada.

— A beleza?

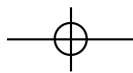
— Eu a amaria com prazer, deusa e imortal.

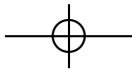
— O ouro?

— Eu o odeio como o senhor odeia a Deus.

— Ei! O que é então que você ama, extraordinário estrangeiro?

— Amo as nuvens... as nuvens que passam... lá, lá, adiante... as maravilhosas nuvens!





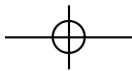
0.2 LE DÉSESPOIR DE LA VEILLE

La petite vieille ratatinée se sentit toute réjouie en voyant ce joli enfant à qui chacun faisait fête, à qui tout le monde voulait plaire ; ce joli être, si fragile comme elle, la petite vieille, et, comme elle aussi, sans dents et sans cheveux.

Et elle s'approcha de lui, voulant lui faire des risettes et des mines agréables.

Mais l'enfant épouvanté se débattait sous les caresses de la bonne femme décrépète, et remplissait la maison de ses glapissements.

Alors la bonne vieille se retira dans sa solitude éternelle, et elle pleurait dans un coin, se disant : — « Ah ! pour nous, malheureuses vieilles femmes, l'âge est passé de plaire, même aux innocents ; et nous faisons horreur aux petits enfants que nous voulons aimer ! »





0.2 O DESESPERO DA VELHA

A velhinha enrugadinha se sentiu toda faceira ao ver a linda criança a quem todos faziam festa, a quem todo o mundo queria agradar; aquele lindo ser tão frágil, como ela, a velhinha e, também como ela, sem dentes e sem cabelo.

E aproximou-se, querendo fazer gracinhas e trejeitos simpáticos.

Mas a criança apavorada se debatia sob as carícias da boa mulher decrépita, e enchia a casa com seus ganidos.

Então a boa velha recolheu-se à sua solidão eterna, e chorava a um canto, pensando: “Ah! para nós, infelizes velhas fêmeas, passou a idade de agradar, mesmo aos inocentes; e horrorizamos as criancinhas que queremos amar!”





0.3 LE «CONFITEOR» DE L'ARTISTE

Que les fins de journées d'automne sont pénétrantes !
Ah ! pénétrantes jusqu'à la douleur ! car il est de certaines sensations délicieuses dont le vague n'exclut pas l'intensité ; et il n'est pas de pointe plus acérée que celle de l'Infini.

Grand délice que celui de noyer son regard dans l'immensité du ciel et de la mer ! Solitude, silence, incomparable chasteté de l'azur ! une petite voile frissonnante à l'horizon, et qui par sa petitesse et son isolement imite mon irrémédiable existence, mélodie monotone de la houle, toutes ces choses pensent par moi, ou je pense par elles (car dans la grandeur de la rêverie, le *moi* se perd vite !) ; elles pensent, dis-je, mais musicalement et pittoresquement, sans arguties, sans syllogismes, sans déductions.

Toutefois, ces pensées, qu'elles sortent de moi ou s'élancent des choses, deviennent bientôt trop intenses. L'énergie dans la volupté crée un malaise et une souffrance positive. Mes nerfs trop tendus ne donnent plus que des vibrations criardes et douloureuses.

Et maintenant la profondeur du ciel me consterne, sa limpidité m'exaspère. L'insensibilité de la mer, l'immuabilité du spectacle me révoltent... Ah ! faut-il éternellement souffrir, ou fuir éternellement le beau ?

Nature, enchanteresse sans pitié, rivale toujours victorieuse, laisse-moi ! Cesse de tenter mes désirs et mon orgueil ! L'étude du beau est un duel où l'artiste crie de frayeur avant d'être vaincu.





0.3 O “CONFITEOR”² DO ARTISTA

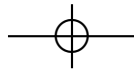
Que penetrantes são os finais de dia no outono! Ah! penetrantes até a dor! Pois certas sensações deliciosas há das quais o indefinido não exclui a intensidade; e ponta mais aguçada não há do que aquela do Infinito.

Grande delícia esta de mergulhar o olhar na imensidão do céu e do mar! Solidão, silêncio, incomparável castidade do azul! Uma pequena vela estremecendo no horizonte e que por sua pequenez e seu isolamento imita minha irremediável existência, melodia monótona do marulho, todas estas coisas pensam por mim, ou eu penso por elas (pois na grandeza do devaneio, o *eu* se perde depressa!); elas pensam, digo, mas musical e pitorescamente, sem argúcias, sem silogismos, sem deduções.

Estes pensamentos, porém, quer surjam de mim, quer jorrem das coisas, em seguida se tornam demasiado intensos. A energia na volúpia cria um mal-estar e um sofrimento positivo. Meus nervos demasiado tensos já não produzem mais que vibrações doloridas e estridentes.

E agora me consterna a profundidade do céu; sua limpidez me exaspera. A insensibilidade do mar, a imutabilidade do quadro me revoltam... Ah! Será preciso penar eternamente, ou o belo eternamente evitar? Natureza, feiticeira sem dó, rival sempre vitoriosa, me deixe! Pare de tentar meu orgulho e meus desejos! O estudo do belo é um duelo em que o artista grita de pavor antes de ser vencido.





0.4 UN PLAISANT

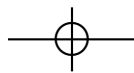
C'était l'explosion du nouvel an : chaos de boue et de neige, traversé de mille carrosses, étincelant de joujoux et de bonbons, grouillant de cupidités et de désespoirs, délire officiel d'une grande ville fait pour troubler le cerveau du solitaire le plus fort.

Au milieu de ce tohu-bohu et de ce vacarme, un âne trottait vivement, harcelé par un malotru armé d'un fouet.

Comme l'âne allait tourner l'angle d'un trottoir, un beau monsieur ganté, verni, cruellement cravaté et emprisonné dans des habits tout neufs, s'inclina cérémonieusement devant l'humble bête, et lui dit, en ôtant son chapeau : « Je vous la souhaite bonne et heureuse ! » puis se retourna vers je ne sais quels camarades avec un air de fatuité, comme pour les prier d'ajouter leur approbation à son contentement.

L'âne ne vit pas ce beau plaisant, et continua de courir avec zèle où l'appelait son devoir.

Pour moi, je fus pris subitement d'une incommensurable rage contre ce magnifique imbécile, qui me parut concentrer en lui tout l'esprit de la France.





0.4 UM ENGRAÇADINHO

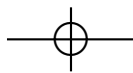
Era a explosão do ano novo: caos de lama e de neve, sulcado por mil carruagens, resplandecendo de brinquedos e balas, formigando de cupidezes e desesperos, delírio oficial de uma cidade grande, feito para perturbar o cérebro do mais forte solitário.

Em meio àquele burburinho e alarido, trotava um burrico com vivacidade, atormentado por um grosseirão armado de um chicote.

O burrico ia dobrando uma esquina quando um belo senhor enluvado, lustrado, cruelmente engravatado e aprisionado em roupas novas em folha inclinou-se cerimoniosamente perante o humilde animal e lhe disse, tirando o chapéu: “Desejo-lhe um bom e feliz ano-novo!”, voltando-se depois para não sei que companheiros com um ar de fatuidade, como a pedir-lhes que unissem sua aprovação ao seu contentamento.

O burrico não viu o belo engraçadinho e continuou a correr com zelo para onde o chamava seu dever.

Quanto a mim, fui subitamente tomado de uma incommensurável raiva pelo magnífico imbecil, que me pareceu concentrar em si todo o espírito da França.





0.5 LA CHAMBRE DOUBLE

Une chambre qui ressemble à une rêverie, une chambre véritablement *spirituelle*, où l'atmosphère stagnante est légèrement teintée de rose et de bleu.

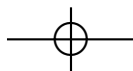
L'âme y prend un bain de paresse, aromatisé par le regret et le désir. — C'est quelque chose de crépusculaire, de bleuâtre et de rosâtre ; un rêve de volupté pendant une éclipse.

Les meubles ont des formes allongées, prostrées, languies. Les meubles ont l'air de rêver ; on les dirait doués d'une vie somnambulique, comme le végétal et le minéral. Les étoffes parlent une langue muette, comme les fleurs, comme les ciels, comme les soleils couchants.

Sur les murs nulle abomination artistique. Relativement au rêve pur, à l'impression non analysée, l'art défini, l'art positif est un blasphème. Ici, tout a la suffisante clarté et la délicieuse obscurité de l'harmonie.

Une senteur infinitésimale du choix le plus exquis, à laquelle se mêle une très légère humidité, nage dans cette atmosphère, où l'esprit sommeillant est bercé par des sensations de serre chaude.

La mousseline pleut abondamment devant les fenêtres et devant le lit ; elle s'épanche en cascades neigeuses. Sur ce lit est couchée l'Idole, la souveraine des rêves. Mais comment est-elle ici ? Qui l'a amenée ? quel pouvoir magique l'a installée sur ce trône de rêverie et de volupté ? Qu'importe ? la voilà ! je la reconnais.





0.5 O QUARTO DUPLO

Um quarto que semelha um devaneio, um quarto realmente *espiritual*, cuja atmosfera estagnante é levemente colorida de azul e cor-de-rosa.

A alma nele toma um banho de preguiça, aromatizado de pena e desejo. — É algo crepuscular, azulado e rosado; um sonho de volúpia durante um eclipse.

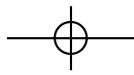
Os móveis têm formas alongadas, prostradas, enlanguescidas. Os móveis parecem sonhar; parecem dotados de vida sonambúlica, como o vegetal e o mineral. Os tecidos falam uma língua muda, como as flores, os céus, os sóis poentes.

Nas paredes, nenhuma abominação artística. Se comparada ao sonho puro, à impressão não analisada, a arte definida, a arte positiva é uma blasfêmia. Aqui, tudo tem a suficiente claridade e a deliciosa obscuridade da harmonia.

Uma infinitésima fragrância da gama mais preciosa, a que se vem juntar muito leve umidade, vai nadando nesta atmosfera onde o espírito sonolento é embalado por sensações de estufa quente.

A musselina chove em abundância frente às janelas e à cama, se expande em cascatas nevadas. Nesta cama, está deitada a Ídola,³ a soberana dos sonhos. Mas como ela veio parar aqui? Quem a trouxe? Que poder mágico a instalou neste trono de volúpia e devaneios? Que importa? Ela está aqui! Eu a reconheço.





Voilà bien ces yeux dont la flamme traverse le crépuscule ; ces subtiles et terribles mirettes, que je reconnais à leur effrayante malice ! Elles attirent, elles subjuguent, elles dévorent le regard de l'imprudent qui les contemple. Je les ai souvent étudiées, ces étoiles noires qui commandent la curiosité et l'admiration.

A quel démon bienveillant dois-je d'être ainsi entouré de mystère, de silence, de paix et de parfums ? O béatitude ! ce que nous nommons généralement la vie, même dans son expansion la plus heureuse, n'a rien de commun avec cette vie suprême dont j'ai maintenant connaissance et que je savoure minute par minute, seconde par seconde !

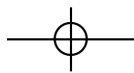
Non ! il n'est plus de minutes, il n'est plus de secondes ! Le temps a disparu ; c'est l'Eternité qui règne, une éternité de délices !

Mais un coup terrible, lourd, a retenti à la porte, et, comme dans les rêves infernaux, il m'a semblé que je recevais un coup de pioche dans l'estomac.

Et puis un Spectre est entré. C'est un huissier qui vient me torturer au nom de la loi ; une infâme concubine qui vient crier misère et ajouter les trivialités de sa vie aux douleurs de la mienne ; ou bien le saute-ruisseau d'un directeur de journal qui réclame la suite du manuscrit.

La chambre paradisiaque, l'idole, la souveraine des rêves, la Sylphide, comme disait le grand René, toute cette magie a disparu au coup brutal frappé par le Spectre.

Horreur ! je me souviens ! je me souviens ! Oui ! ce taudis, ce séjour de l'éternel ennui, est bien le mien. Voici les





São mesmo seus olhos, cuja chama atravessa o crepúsculo; sutis e terríveis olhinhos, que reconheço por sua assustadora malícia! Atraem, subjagam, devoram o olhar do imprudente que os contempla. Com frequência estudei essas estrelas negras que clamam por curiosidade e admiração.

A que demônio benigno devo o estar assim rodeado de mistério, silêncio, paz e perfumes? Oh, beatitude! Isso que geralmente chamamos de vida nada tem em comum, mesmo em sua expansão mais venturosa, com esta vida suprema da qual tenho ciência agora, e que saboreio minuto a minuto, segundo a segundo!

Não! Já não existem minutos! Já não existem segundos! O tempo desapareceu; quem reina é a Eternidade, uma eternidade de delícias!

Mas uma batida terrível, pesada, ressoou na porta e, qual nos sonhos infernais, tive a impressão de levar uma enxadada no estômago.

E então, um Espectro entrou. Um bedel vindo me torturar em nome da lei, uma infame concubina vindo clamar miséria e somar as trivialidades da sua vida às dores da minha; ou então o estafeta de um diretor de jornal cobrando a sequência do manuscrito.

O quarto paradisíaco, a ídola, a soberana dos sonhos, a Sílfiade, como dizia o grande René,⁴ esta magia toda desapareceu com a batida brutal do Espectro.

Horror! Estou lembrando! Sim! Estou! Este casebre, morada do eterno tédio, é realmente o meu. Eis os móveis





meubles sots, poudreux, écornés ; la cheminée sans flamme et sans braise, souillée de crachats, les tristes fenêtres où la pluie a tracé des sillons dans la poussière ; les manuscrits, raturés ou incomplets ; l'almanach où le crayon a marqué les dates sinistres !

Et ce parfum d'un autre monde, dont je m'enivrais avec une sensibilité perfectionnée, hélas ! il est remplacé par une fétide odeur de tabac mêlée à je ne sais quelle nauséabonde moisissure. On respire ici maintenant le ranci de la désolation.

Dans ce monde étroit, mais si plein de dégoût, un seul objet connu me sourit : la fiole de laudanum ; une vieille et terrible amie ; comme toutes les amitiés, hélas ! féconde en caresses et en trahisures.

Oh ! oui ! le Temps a reparu ; le Temps règne en souverain maintenant ; et avec le hideux vieillard est revenu tout son démoniaque cortège de Souvenirs, de Regrets, de Spasmes, de Peurs, d'Angoisses de cauchemars, de Colères et de Névroses.

Je vous assure que les secondes maintenant sont fortement et solennellement accentuées, et chacune, en jaillissant de la pendule, dit : « — Je suis la Vie, l'insupportable, l'implacable Vie ! »

Il n'y a qu'une Seconde dans la vie humaine qui ait mission d'annoncer une bonne nouvelle, la *bonne nouvelle* qui cause à chacun une inexplicable peur.

Oui ! le Temps règne ; il a repris sa brutale dictature. Et il me pousse, comme si j'étais un bœuf, avec son double





tolos, poeirentos, truncados; a lareira sem chama e sem brasa, manchada de cuspe; as tristes janelas em que a chuva traçou sulcos na poeira; os manuscritos, rasurados ou incompletos; a folhinha em que o lápis marcou as datas sinistras!

E este aroma de outro mundo, com que eu me embriagava com sensibilidade aprimorada, ai! foi substituído por um fétido cheiro de fumo misturado a não sei que nauseabundo bolor. Respira-se agora aqui o ranço da desolação.

Neste mundo estreito, mas tão cheio de desencanto, um único objeto conhecido me sorri: a garrafinha de láudano, uma velha e terrível amiga e, ai! como todas as amigas, fecunda em carícias e traições.

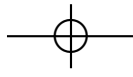
Oh! Sim! O Tempo reapareceu; o Tempo agora reina soberano; e com o hediondo velho, voltou todo o seu demoníaco cortejo de Lembranças, Desgostos, Espasmos, Medos, Angústias, Pesadelos, Raivas e Neuroses.

Garanto que os segundos agora são forte e solenemente acentuados, e cada um deles diz, brotando do relógio: “Eu sou a Vida, a insuportável, a implacável Vida!”

Há na vida humana um único Segundo cuja missão é anunciar uma *boa nova*, a boa nova que causa em todos nós um medo inexplicável.

Sim! O Tempo reina; ele retomou sua brutal ditadura. E me empurra, como se eu fosse um boi, com seu duplo agui-





aiguillon. « — Et hue donc ! bourrique ! Hue donc, esclave !
Vis donc, damné ! »





lhão. — “Ora! Eia! burrico! Ora, sue, escravo! Ora, viva,
danado!”





0.6 CHACUN SA CHIMÈRE

Sous un grand ciel gris, dans une grande plaine poussiéreuse, sans chemins, sans gazon, sans un chardon, sans une ortie, je rencontrai plusieurs hommes qui marchaient courbés.

Chacun d'eux portait sur son dos une énorme Chimère, aussi lourde qu'un sac de farine ou de charbon, ou le four-niment d'un fantassin romain.

Mais la monstrueuse bête n'était pas un poids inerte ; au contraire, elle enveloppait et opprimait l'homme de ses muscles élastiques et puissants ; elle s'agrafait avec ses deux vastes griffes à la poitrine de sa monture ; et sa tête fabuleuse surmontait le front de l'homme, comme un de ces casques horribles par lesquels les anciens guerriers espéraient ajouter à la terreur de l'ennemi.

Je questionnai l'un de ces hommes, et je lui demandai où ils allaient ainsi. Il me répondit qu'il n'en savait rien, ni lui, ni les autres ; mais qu'évidemment ils allaient quelque part, puisqu'ils étaient poussés par un invincible besoin de marcher.

Chose curieuse à noter : aucun de ces voyageurs n'avait l'air irrité contre la bête féroce suspendue à son cou et collée à son dos ; on eût dit qu'il la considérait comme faisant partie de lui-même. Tous ces visages fatigués et sérieux ne témoignaient d'aucun désespoir ; sous la coupole spleenétique du ciel, les pieds plongés dans la poussière d'un sol aussi désolé que ce ciel, ils cheminaient avec la physionomie résignée de ceux qui sont condamnés à espérer toujours.





0.6 CADA QUAL COM SUA QUIMERA

Sob um vasto céu cinzento, numa vasta planície poeirenta, sem caminhos, sem gramados, sem uma urtiga, sem um cardo, deparei com vários homens que andavam curvados.

Cada um deles carregava nas costas uma enorme Quimera,⁵ pesada como um saco de farinha ou carvão, ou como os apetrechos de um soldado da infantaria romana.

Mas a monstruosa besta não era um peso inerte; pelo contrário, envolvia e oprimia o homem com seus músculos elásticos e possantes; enganchava-se com as duas vastas garras no peito de sua montaria; sua cabeça fabulosa sobressaía acima da fronte do homem, como um daqueles capacetes horríveis com que os guerreiros antigos contavam acirrar o terror do inimigo.

Interroguei um desses homens, e perguntei-lhe aonde iam assim. Respondeu-me que de nada sabia, nem ele nem os outros, mas que evidentemente iam para algum lugar, já que eram impelidos por uma invencível necessidade de andar.

Coisa curiosa de se notar: nenhum dos viajantes parecia irritado com a besta feroz pendurada em seu pescoço e grudada em suas costas; até parecia considerá-la como parte de si mesmo. Todos aqueles rostos cansados e sérios não demonstravam nenhum desespero; sob a cúpula *splênica* do céu, os pés mergulhados na poeira de um solo tão desolado quanto este céu, caminhavam com o semblante resignado de quem está condenado a ter sempre esperança.





Et le cortège passa à côté de moi et s'enfonça dans l'atmosphère de l'horizon, à l'endroit où la surface arrondie de la planète se dérobe à la curiosité du regard humain.

Et pendant quelques instants je m'obstinai à vouloir comprendre ce mystère ; mais bientôt l'irrésistible Indifférence s'abattit sur moi, et j'en fus plus lourdement accablé qu'ils ne l'étaient eux-mêmes par leurs écrasantes Chimères.





E o cortejo passou ao meu lado e afundou na atmosfera do horizonte, no lugar em que a superfície arredondada do planeta se esquivava à curiosidade do olhar humano.

E durante alguns instantes, teimei em tentar compreender aquele mistério; mas em seguida a irresistível Indiferença se abateu sobre mim, e me deixou mais duramente oprimido do que eles próprios por suas esmagadoras Quimeras.





0.7 LE FOU ET LA VÉNUS

Quelle admirable journée ! Le vaste parc se pâme sous l'œil brûlant du soleil, comme la jeunesse sous la domination de l'Amour.

L'extase universelle des choses ne s'exprime par aucun bruit ; les eaux elles-mêmes sont comme endormies. Bien différente des fêtes humaines, c'est ici une orgie silencieuse.

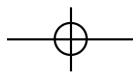
On dirait qu'une lumière toujours croissante fait de plus en plus étinceler les objets ; que les fleurs excitées brûlent du désir de rivaliser avec l'azur du ciel par l'énergie de leurs couleurs, et que la chaleur, rendant visibles les parfums, les fait monter vers l'astre comme des fumées.

Cependant, dans cette jouissance universelle, j'ai aperçu un être affligé.

Aux pieds d'une colossale Vénus, un de ces fous artificiels, un de ces bouffons volontaires chargés de faire rire les rois quand le Remords ou l'Ennui les obsède, affublé d'un costume éclatant et ridicule, coiffé de cornes et de sonnettes, tout ramassé contre le piédestal, lève des yeux pleins de larmes vers l'immortelle Déesse.

Et ses yeux disent : « — Je suis le dernier et le plus solitaire des humains, privé d'amour et d'amitié, et bien inférieur en cela au plus imparfait des animaux. Cependant je suis fait, moi aussi, pour comprendre et sentir l'immortelle Beauté ! Ah ! Déesse ! ayez pitié de ma tristesse et de mon délire ! »

Mais l'implacable Vénus regarde au loin je ne sais quoi avec ses yeux de marbre.





0.7 O LOUCO E A VÊNUS

Que dia admirável! O vasto parque se pasma sob o olho ardente do sol, como a juventude sob a dominação do Amor.

O êxtase universal das coisas não se expressa por ruído algum; as próprias águas estão como adormecidas. Bem diferente das festas humanas, esta é uma orgia silenciosa.

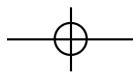
Dá a impressão que uma luz sempre crescente faz mais e mais resplandecerem os objetos; que as flores excitadas ardem no desejo de competir com o azul do céu pela energia de suas cores, e que o calor, tornando os aromas visíveis, os faz subir como fumaça rumo ao astro.

Em meio a este gozo universal, porém, avistei um ser aflito.

Aos pés de uma Vênus colossal, um desses loucos artificiais, desses bufões voluntários incumbidos do riso dos reis quando o Remorso ou o Tédio os obceca, vestindo um traje vistoso e ridículo, cabeça coberta de chifres e guizos, todo encolhido junto ao pedestal, ergue os olhos cheios de lágrimas para a Deusa imortal.

E seus olhos dizem: “Sou o último e o mais solitário dos humanos, privado de amor e de amizade, e nisto bem inferior ao mais imperfeito dos animais. No entanto, também eu fui criado para entender e sentir a imortal Beleza! Ah! Deusa! Tende piedade da minha tristeza e do meu delírio!”

Mas a implacável Vênus olha ao longe, para não sei o quê, com seus olhos de mármore.



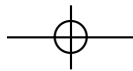


0.8 LE CHIEN ET LE FLACON

« — Mon beau chien, mon bon chien, mon cher toutou, approchez et venez respirer un excellent parfum acheté chez le meilleur parfumeur de la ville. »

Et le chien, en frétilant de la queue, ce qui est, je crois, chez ces pauvres êtres, le signe correspondant du rire et du sourire, s'approche et pose curieusement son nez humide sur le flacon débouché ; puis reculant soudainement avec effroi, il aboie contre moi, en manière de reproche.

« — Ah ! misérable chien, si je vous avais offert un paquet d'excréments, vous l'auriez flairé avec délices et peut-être dévoré. Ainsi, vous-même, indigne compagnon de ma triste vie, vous ressemblez au public, à qui il ne faut jamais présenter des parfums délicats qui l'exaspèrent, mais des ordures soigneusement choisies. »





0.8 O CÃO E O FRASCO

“Meu bom cão, meu belo cão, meu querido cachorrinho, aproxime-se e venha cheirar um perfume excelente, comprado na melhor perfumaria da cidade.”

E o cão, meneando a cauda, o que, acredito, é nestas pobres criaturas o sinal correspondente ao riso e ao sorriso, se aproxima e traz, curioso, seu úmido focinho ao frasco destampado; então, subitamente recuando de terror, late para mim em forma de censura.

“Ah! cão miserável, se eu lhe tivesse oferecido um pacote de excrementos, você o teria farejado com delícia, e talvez devorado. Assim, mesmo você, companheiro indigno de minha triste vida, se parece com o público, ao qual não se deve jamais apresentar delicados perfumes que o exasperam, mas lixo cuidadosamente escolhido.”





0.9 LE MAUVAIS VITRIER

Il y a des natures purement contemplatives et tout à fait impropres à l'action, qui cependant, sous une impulsion mystérieuse et inconnue, agissent quelquefois avec une rapidité dont elles se seraient crues elles-mêmes incapables.

Tel qui, craignant de trouver chez son concierge une nouvelle chagrinante, rôde lâchement une heure devant sa porte sans oser rentrer, tel qui garde quinze jours un lettre sans la décacheter, ou ne se résigne qu'au bout de six mois à opérer une démarche nécessaire depuis un an, se sentent quelquefois brusquement précipités vers l'action par une force irrésistible, comme la flèche d'un arc. Le moraliste et le médecin, qui prétendent tout savoir, ne peuvent pas expliquer d'où vient si subitement une si folle énergie à ces âmes paresseuses et voluptueuses, et comment, incapables d'accomplir les choses les plus simples et les plus nécessaires, elles trouvent à une certaine minute un courage de luxe pour exécuter les actes les plus absurdes et souvent même les plus dangereux.

Un de mes amis, le plus inoffensif rêveur qui ait existé, a mis une fois le feu à une forêt pour voir, disait-il, si le feu prenait avec autant de facilité qu'on l'affirme généralement. Dix fois de suite, l'expérience manqua ; mais, à la onzième, elle réussit beaucoup trop bien.

Un autre allumera un cigare à côté d'un tonneau de poudre, *pour voir, pour savoir, pour tenter la destinée*, pour se contraindre lui-même à faire preuve d'énergie, pour faire





0.9 O MAU VIDRACEIRO

Existem naturezas puramente contemplativas e totalmente impróprias para a ação que, no entanto, movidas por algum misterioso e desconhecido impulso, agem às vezes com uma rapidez de que elas próprias se julgariam incapazes.

Como quem, temendo encontrar com o zelador uma notícia aflitiva, ronda por uma hora covardemente frente à porta de casa sem ousar entrar, como quem guarda durante quinze dias uma carta sem abri-la, ou só ao fim de seis meses se conforma em efetuar um empreendimento necessário desde um ano, elas se sentem às vezes bruscamente precipitadas para a ação por uma força irresistível, qual a flecha de um arco. O moralista e o médico, que afirmam saber de tudo, não podem explicar de onde vem tão de súbito uma tão louca energia nessas almas preguiçosas e voluptuosas, e como é que elas, incapazes de cumprir as coisas mais simples e mais necessárias, encontram em dado momento uma coragem de luxo para executar os atos mais absurdos e até, muitas vezes, os mais perigosos.

Um dos meus amigos, o mais inofensivo sonhador que já existiu, ateou fogo certa vez a uma floresta, para ver, dizia, se o fogo pegava tão facilmente como se costuma afirmar. Dez vezes consecutivas, a experiência falhou; na décima primeira, porém, foi por demais bem sucedida.

Outro poderá acender um charuto do lado de um barril de pólvora, *para ver, para saber, para tentar o destino*, para forçar a si mesmo a dar provas de energia, para dar uma de





le joueur, pour connaître les plaisirs de l'anxiété, pour rien, par caprice, par désœuvrement.

C'est une espèce d'énergie qui jaillit de l'ennui et de la rêverie ; et ceux en qui elle se manifeste si inopinément sont, en général, comme je l'ai dit, les plus indolents et les plus rêveurs des êtres.

Un autre, timide à ce point qu'il baisse les yeux même devant les regards des hommes, à ce point qu'il lui faut rassembler toute sa pauvre volonté pour entrer dans un café ou passer devant le bureau d'un théâtre, où les contrôleurs lui paraissent investis de la majesté de Minos, d'Eaque et de Rhadamanthe, sautera brusquement au cou d'un vieillard qui passe à côté de lui et l'embrassera avec enthousiasme devant la foule étonnée.

Pourquoi ? Parce que... parce que cette physionomie lui était irrésistiblement sympathique ? Peut-être ; mais il est plus légitime de supposer que lui-même il ne sait pas pourquoi.

J'ai été plus d'une fois victime de ces crises et de ces élans, qui nous autorisent à croire que des Démons malicieux se glissent en nous et nous font accomplir, à notre insu, leurs plus absurdes volontés.

Un matin je m'étais levé maussade, triste, fatigué d'oisiveté, et poussé, me semblait-il, à faire quelque chose de grand, une action d'éclat ; et j'ouvris la fenêtre, hélas !

(Observez, je vous prie, que l'esprit de mystification qui, chez quelques personnes, n'est pas le résultat d'un travail ou d'une combinaison, mais d'une inspiration fortuite,





jogador, para experimentar os prazeres da ansiedade, por nada, por capricho, por desocupação.

É uma espécie de energia que jorra do tédio e do devaneio; e aqueles em quem se manifesta tão inopinadamente são em geral, como disse, os mais indolentes e sonhadores dos seres.

Outro, tímido a ponto de baixar os olhos mesmo diante do olhar dos homens, de precisar juntar toda a sua pobre vontade para entrar num bar ou passar em frente a uma bilheteria de teatro, onde os fiscais lhe parecem investidos da majestade de Minos, Éaco e Radamanto,⁶ irá se jogar bruscamente nos braços de um velho que estiver passando ao seu lado, e o beijará com entusiasmo ante a multidão espantada.

Por quê? Porque... porque esta fisionomia lhe era irresistivelmente simpática? Talvez; mas é mais legítimo supor que ele próprio não saiba o por quê.

Fui vítima, mais de uma vez, destas crises e impulsos que nos autorizam a crer que Demônios maliciosos se insinuam dentro de nós e nos fazem cumprir, à revelia, suas mais absurdas vontades.

Certa manhã, levantei-me aborrecido, triste, cansado de ociosidade e levado, assim me pareceu, a efetuar algo grande, uma ação de brilho; e infelizmente, abri a janela!

(Queiram, por favor, observar que o espírito de mistificação, que em certas pessoas não é fruto de um trabalho ou de uma combinação, e sim de uma inspiração fortuita, tem





participe beaucoup, ne fût-ce que par l'ardeur du désir, de cette humeur, hystérique selon les médecins, satanique selon ceux qui pensent un peu mieux que les médecins, qui nous pousse sans résistance vers une foule d'actions dangereuses ou inconvenantes.)

La première personne que j'aperçus dans la rue, ce fut un vitrier dont le cri perçant, discordant, monta jusqu'à moi à travers la lourde et sale atmosphère parisienne. Il me serait d'ailleurs impossible de dire pourquoi je fus pris à l'égard de ce pauvre homme d'une haine aussi soudaine que despotique.

« — Hé ! hé ! » et je lui criai de monter. Cependant je réfléchissais, non sans quelque gaieté, que, la chambre étant au sixième étage et l'escalier fort étroit, l'homme devait éprouver quelque peine à opérer son ascension et accrocher en maint endroit les angles de sa fragile marchandise.

Enfin il parut : j'examinai curieusement toutes ses vitres, et je lui dis : « — Comment ? vous n'avez pas de verres de couleur ? des verres roses, rouges, bleus, des vitres magiques, des vitres de paradis ? Impudent que vous êtes ! vous osez vous promener dans des quartiers pauvres, et vous n'avez pas même de vitres qui fassent voir la vie en beau ! » Et je le poussai vivement vers l'escalier, où il trébucha en grognant.

Je m'approchai du balcon et je me saisis d'un petit pot de fleurs, et quand l'homme reparut au débouché de la porte, je laissai tomber perpendiculairement mon engin de guerre sur le rebord postérieur de ses crochets ; et le choc le renversant, il acheva de briser sous son dos toute sa pauvre





parte, muito, mesmo que apenas pelo ardor do desejo, neste humor, histérico segundo os médicos, satânico segundo os que pensam um pouco melhor que os médicos, que nos impele sem resistência a uma porção de ações perigosas ou inconvenientes.)

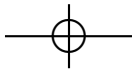
A primeira pessoa que avistei na rua foi um vidraceiro, cujo grito penetrante, dissonante, chegou-me através da pesada e suja atmosfera parisiense. Seria, aliás, impossível dizer por que fui tomado, em relação ao pobre homem, de um ódio tão repentino quanto despótico.

“Ei, ei” e eu lhe gritei que subisse. Entretanto eu refletia, não sem certa alegria, que, ficando o quarto no sexto andar e sendo a escada bastante estreita, o homem devia estar experimentando certa dificuldade em efetuar sua ascensão, e esbarrando em diversos lugares os ângulos de sua frágil mercadoria.

Ele enfim apareceu: examinei com curiosidade todas as suas vidraças e lhe disse: “Mas como? Você não tem vidros coloridos? Vidros cor-de-rosa, vermelhos, azuis, vidros mágicos, vidros de paraíso? Que atrevido é você! Ousa passear pelos bairros pobres e nem sequer tem vidros que tornem a vida bela de se ver!” E o empurrei energicamente para a escada, na qual tropeçou, resmungando.

Aproximei-me da sacada, agarrei um vasinho de flores e, quando o homem reapareceu no vão da porta, deixei cair perpendicularmente meu engenho de guerra na borda traseira das suas forquilhas. Desabando com o choque, ele acabou de destroçar sob suas costas toda a sua pobre fortuna

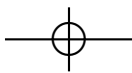




fortune ambulatoire qui rendit le bruit éclatant d'un palais de cristal crevé par la foudre.

Et, ivre de ma folie, je lui criai furieusement : « La vie en beau ! la vie en beau ! »

Ces plaisanteries nerveuses ne sont pas sans péril, et on peut souvent les payer cher. Mais qu'importe l'éternité de la damnation à qui a trouvé dans une seconde l'infini de la jouissance ?





ambulativa, que produziu o ruído estrondoso de um palácio de cristal estilhaçado por um raio.

E embriagado por minha loucura, gritei-lhe furiosamente: “A vida bela de se ver! A vida bela de se ver!”

Essas brincadeiras nervosas não são isentas de perigo, e pode-se às vezes pagar caro por elas. Mas o que importa a eternidade da danação a quem encontrou num segundo o infinito da fruição?





0.10 A UNE HEURE DU MATIN

Enfin ! seul ! On n'entend plus que le roulement de quelques fiacres attardés et éreintés. Pendant quelques heures, nous posséderons le silence, sinon le repos. Enfin ! la tyrannie de la face humaine a disparu, et je ne souffrirai plus que par moi-même.

Enfin ! il m'est donc permis de me délasser dans un bain de ténèbres ! D'abord, un double tour à la serrure. Il me semble que ce tour de clef augmentera ma solitude et fortifiera les barricades qui me séparent actuellement du monde.

Horrible vie ! Horrible ville ! Récapitulons la journée : avoir vu plusieurs hommes de lettres, dont l'un m'a demandé si l'on pouvait aller en Russie par voie de terre (il prenait sans doute la Russie pour une île) ; avoir disputé généreusement contre le directeur d'une revue, qui à chaque objection répondait : « — C'est ici le parti des honnêtes gens, » ce qui implique que tous les autres journaux sont rédigés par des coquins ; avoir salué une vingtaine de personnes, dont quinze me sont inconnues ; avoir distribué des poignées de main dans la même proportion, et cela sans avoir pris la précaution d'acheter des gants ; être monté pour tuer le temps, pendant une averse, chez une sauteuse qui m'a prié de lui dessiner un costume de *Vénustre* ; avoir fait ma cour à un directeur de théâtre, qui m'a dit en me congédiant : « — Vous feriez peut-être bien de vous adresser à Z... ; c'est le plus lourd, le plus sot et le plus célèbre de tous mes auteurs, avec lui vous pourriez peut-être aboutir





0.10 À UMA HORA DA MANHÃ

Enfim! Só! Já não se ouve mais que o movimento de alguns fiacres retardados e estafados. Durante algumas horas, possuiremos o silêncio, se não o repouso. Enfim! Desapareceu a tirania da face humana, e já não sofrerei senão por mim mesmo.

Enfim! É-me então permitido repousar num banho de trevas! Primeiro, duas voltas na fechadura. Parece-me que girar a chave aumentará minha solidão e fortificará as barricadas que me separam atualmente do mundo.

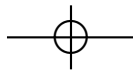
Vida horrível! Cidade horrível! Recapitulemos o dia: ter visto vários homens de letras, um deles me tendo perguntado se era possível ir à Rússia por via terrestre (vai ver, ele achava que a Rússia era uma ilha); ter prodigamente discutido com o diretor de uma revista, que a cada objeção respondia: — “Aqui é o partido das pessoas honestas, o que implica em todos os outros jornais serem redigidos por patifes; ter cumprimentado umas vinte pessoas, quinze das quais me são desconhecidas; ter distribuído apertos de mão na mesma proporção, e isto sem ter tomado a precaução de comprar luvas; ter entrado, para matar o tempo durante um aguaceiro, na casa de uma saltadora que me rogou lhe desenhasse um traje de *Vênus*;⁷ ter cortejado um diretor de teatro, que me disse, ao dispensar-me: — “Talvez fosse bom você dirigir-se a Z... ; é o mais pesado, o mais bobo e o mais famoso dos meus autores, com o qual você talvez pudesse





à quelque chose. Voyez-le, et puis nous verrons ; » m'être vanté (pourquoi ?) de plusieurs vilaines actions que je n'ai jamais commises, et avoir lâchement nié quelques autres méfaits que j'ai accomplis avec joie, délit de fanfaronnade, crime de respect humain ; avoir refusé à un ami un service facile, et donné une recommandation écrite à un parfait drôle ; ouf ! est-ce bien fini ?

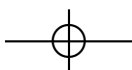
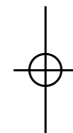
Mécontent de tous et mécontent de moi, je voudrais bien me racheter et m'enorgueillir un peu dans le silence et la solitude de la nuit. Âmes de ceux que j'ai aimés, âmes de ceux que j'ai chantés, fortifiez-moi, soutenez-moi, éloignez de moi le mensonge et les vapeurs corruptrices du monde, et vous, Seigneur mon Dieu ! accordez-moi la grâce de produire quelques beaux vers qui me prouvent à moi-même que je ne suis pas le dernier des hommes, que je ne suis pas inférieur à ceux que je méprise !





chegar a alguma coisa. Vá vê-lo, e então veremos”; ter-me gabado (por quê?) de diversas más ações que nunca cometi, e ter covardemente negado alguns outros malfeitos que cumpri com alegria, delito de fanfarronada, crime de respeito humano; ter recusado a um amigo um fácil favor, e dado uma recomendação por escrito a um perfeito malandro. Ufa! Será que acabou?

Descontente com todos e descontente comigo, gostaria de me redimir e me orgulhar um pouco, no silêncio e na solidão da noite. Almas daqueles que amei, almas daqueles que cantei, fortaleçam-me, sustenham-me, afastem de mim a mentira e os vapores corruptores do mundo. E vós, Senhor, meu Deus! Concedei-me a graça de produzir alguns poucos versos belos, que provem a mim mesmo que não sou o último dos homens, que não sou inferior àqueles que desprezo!





0.11 LA FEMME SAUVAGE ET LA PETITE-MAITRESSE

« Vraiment, ma chère, vous me fatiguez sans mesure et sans pitié ; on dirait, à vous entendre soupirer, que vous souffrez plus que les glaneuses sexagénaires et que les vieilles mendiannes qui ramassent des croûtes de pain à la porte des cabarets.

« Si au moins vos soupirs exprimaient le remords, ils vous feraient quelque honneur ; mais ils ne traduisent que la satiété du bien-être et l'accablement du repos. Et puis, vous ne cessez de vous répandre en paroles inutiles : « Aimez-moi bien ! j'en ai tant besoin ! Consolez- moi par-ci, caressez-moi par-là ! » Tenez, je veux essayer de vous guérir ; nous en trouverons peut-être le moyen, pour deux sols, au milieu d'une fête, et sans aller bien loin.

« Considérons bien, je vous prie, cette solide cage de fer derrière laquelle s'agite, hurlant comme un damné, secouant les barreaux comme un orang-outang exaspéré par l'exil, imitant, dans la perfection, tantôt les bonds circulaires du tigre, tantôt les dandinements stupides de l'ours blanc, ce monstre poilu dont la forme imite assez vaguement la vôtre.

« Ce monstre est un de ces animaux qu'on appelle généralement « mon ange ! » c'est-à- dire une femme. L'autre monstre, celui qui crie à tue-tête, un bâton à la main, est un mari. Il a enchaîné sa femme légitime comme une bête, et il la montre dans les faubourgs, les jours de foire, avec permission des magistrats, cela va sans dire.





0.11 A MULHER SELVAGEM E A PEQUENA-AMANTE

“Você realmente, minha cara, me cansa sem medida e sem dó. Até diria, quem a ouvisse suspirar, que você sofre mais que as respigadeiras sexagenárias e as velhas mendigas que juntam cascas de pão na porta das tabernas.

“Se ao menos seus suspiros expressassem remorsos, algum jus lhe fariam; mas só traduzem a saciedade do bem-estar e o langor do repouso. Você, além disso, não cessa de derramar-se em palavras inúteis: “Me ame muito! Preciso tanto! Me console daqui! Me acaricie dali!” Pois olhe!, quero tentar curá-la; a maneira, talvez a encontremos por dois tostões, em meio a uma festa, e sem ir muito longe.

“Atentemos, lhe suplico, para esta sólida gaiola de ferro dentro da qual se agita, berrando feito um condenado, sacudindo as grades feito um orangotango exasperado pelo exílio, imitando com perfeição ora os saltos circulares do tigre, ora os rebolados estúpidos do urso branco, este monstro peludo cuja forma imita um tanto vagamente a sua.

“Este monstro é um desses animais que chamamos geralmente de “meu anjo”, ou seja, uma mulher. O outro monstro, o que grita desesperadamente com um bastão na mão, é um marido. Ele acorrentou sua mulher legítima como um bicho e a exhibe pelos subúrbios nos dias de feira, com a permissão dos magistrados, é escusado dizer.





« Faites bien attention ! Voyez avec quelle voracité (non simulée peut-être !) elle déchire des lapins vivants et des volailles piaillantes que lui jette son cornac. « Allons, dit-il, il ne faut pas manger tout son bien en un jour », et, sur cette sage parole, il lui arrache cruellement la proie, dont les boyaux dévidés restent un instant accrochés aux dents de la bête féroce, de la femme, veux-je dire.

« Allons ! un bon coup de bâton pour la calmer ! car elle darde des yeux terribles de convoitise sur la nourriture enlevée. Grand Dieu ! le bâton n'est pas un bâton de comédie ; avez- vous entendu résonner la chair, malgré le poil postiche ? Aussi les yeux lui sortent maintenant de la tête, elle hurle *plus naturellement*. Dans sa rage, elle étincelle tout entière, comme le fer qu'on bat.

« Telles sont les mœurs conjugales de ces deux descendants d'Eve et d'Adam, ces œuvres de vos mains, ô mon Dieu ! Cette femme est incontestablement malheureuse, quoique après tout, peut-être, les jouissances titillantes de la gloire ne lui soient pas inconnues. Il y a des malheurs plus irrémédiables, et sans compensation. Mais dans le monde où elle a été jetée, elle n'a jamais pu croire que la femme méritât une autre destinée.

« Maintenant, à nous deux, chère précieuse ! A voir les enfers dont le monde est peuplé, que voulez-vous que je pense de votre joli enfer, vous qui ne reposez que sur des étoffes aussi douces que votre peau, qui ne mangez que de la viande cuite, et pour qui un domestique habile prend soin de découper les morceaux ?





“Preste bem atenção! Veja com que voracidade (talvez não simulada!) ela lacera os coelhos vivos e aves cacarejantes que lhe joga o seu cornaca. “Ora”, diz ele, “não deve comer sua fortuna toda num só dia” e, com estas sábias palavras, arranca-lhe cruelmente sua presa, cujas tripas desenroladas ficam por um instante penduradas nos dentes do animal feroz, quero dizer, da mulher.

“Ora, vamos! Uma pancada para acalmá-la! Pois ela está fitando seus terríveis olhos de cobiça no alimento tirado. Santo Deus! O bastão não é um bastão de brincadeira! Você ouviu ressoar a carne, apesar do pelo postiço? Assim, os olhos agora estão lhe saindo das órbitas, ela está berrando “mais naturalmente”. Em sua raiva, está faiscando inteirinha, feito o ferro que se malha.

“Tais são os costumes conjugais desses dois descendentes de Eva e Adão, essas obras de vossas mãos, oh!, meu Deus! Essa mulher é incontestavelmente infeliz, se bem que talvez, afinal, os gozos melindrosos da glória não lhe sejam desconhecidos. Existem infelicidades mais irremediáveis e sem compensação. Mas no mundo em que ela foi jogada, nunca teve como acreditar que a mulher merecesse outro destino.

“Nós dois, agora, cara preciosa! Ao ver os infernos de que o mundo está povoado, o que vai querer que eu pense do seu bonito inferno, você que só descansa em tecidos suaves como sua pele, só come carne cozida para quem um hábil criado toma o cuidado de cortar os pedaços?





« Et que peuvent signifier pour moi tous ces petits soupirs qui gonflent votre poitrine parfumée, robuste coquette ? Et toutes ces affectations apprises dans les livres, et cette infatigable mélancolie, faite pour inspirer au spectateur un tout autre sentiment que la pitié ? En vérité, il me prend quelquefois envie de vous apprendre ce que c'est que le vrai malheur.

« A vous voir ainsi, ma belle délicate, les pieds dans la fange et les yeux tournés vaporeusement vers le ciel, comme pour lui demander un roi, on dirait vraisemblablement une jeune grenouille qui invoquerait l'idéal. Si vous méprisez le soliveau (ce que je suis maintenant, comme vous savez bien), gare la grue *qui vous croquera, vous gobera et vous tuera à son plaisir* !

« Tant poète que je sois, je ne suis pas aussi dupe que vous voudriez le croire, et si vous me fatiguez trop souvent de vos *précieuses* pleurnicheries, je vous traiterai en *femme sauvage*, ou je vous jetterai par la fenêtre, comme une bouteille vide. »





“E que significado podem ter para mim todos os pequenos suspiros que enchem seu peito perfumado, robusta coquete? E todas essas afetações aprendidas nos livros, e esta incansável melancolia feita para inspirar no espectador um sentimento tão distinto da piedade? Na verdade, às vezes sinto ganas de ensinar-lhe o que é a real desventura.

“Ver você assim, minha bela delicada, com os pés no lodo e os olhos etereamente voltados para o céu como a pedir-lhe um rei, lembra genuinamente uma jovem rã a invocar o ideal. Embora despreze a travezinha (que é o que sou agora, você bem sabe), tome tento com o guindaste *que há de trincá-la, tragá-la e matá-la,⁸ a bel-prazer.*

“Por mais poeta que eu seja, não sou tão crédulo quanto você gostaria de pensar, e se me cansar muito amiúde com seus *preciosos* choramingos, hei de tratá-la como *mulher selvagem*, ou jogá-la pela janela, como garrafa vazia.”





0.12 LES FOULES

Il n'est pas donné à chacun de prendre un bain de multitude : jouir de la foule est un art ; et celui-là seul peut faire, aux dépens du genre humain, une ribote de vitalité, à qui une fée a insufflé dans son berceau le goût du travestissement et du masque, la haine du domicile et la passion du voyage.

Multitude, solitude : termes égaux et convertibles par le poète actif et fécond. Qui ne sait pas peupler sa solitude, ne sait pas non plus être seul dans une foule affairée.

Le poète jouit de cet incomparable privilège, qu'il peut à sa guise être lui-même et autrui. Comme ces âmes errantes qui cherchent un corps, il entre, quand il veut, dans le personnage de chacun. Pour lui seul, tout est vacant ; et si de certaines places paraissent lui être fermées, c'est qu'à ses yeux elles ne valent pas la peine d'être visitées.

Le promeneur solitaire et pensif tire une singulière ivresse de cette universelle communion. Celui-là qui épouse facilement la foule connaît des jouissances fiévreuses, dont seront éternellement privés l'égoïste, fermé comme un coffre, et le paresseux, interné comme un mollusque. Il adopte comme siennes toutes les professions, toutes les joies et toutes les misères que la circonstance lui présente.

Ce que les hommes nomment amour est bien petit, bien restreint et bien faible, comparé à cette ineffable orgie, à cette sainte prostitution de l'âme qui se donne tout entière, poésie et charité, à l'imprévu qui se montre, à l'inconnu qui passe.





0.12 AS MASSAS

Não é dado a qualquer um tomar banho de multidão. Desfrutar da massa é uma arte e só poderá fazer, às custas do gênero humano, uma orgia de vitalidade, aquele a quem uma fada terá insuflado no berço o gosto pelo disfarce e a máscara, o ódio do domicílio e a paixão pela viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e permutáveis, para o poeta ativo e fecundo. Quem não sabe povoar sua solidão tampouco sabe estar só em meio a uma massa azafamada.

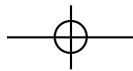
Goza o poeta desse incomparável privilégio de poder ser, a bel-prazer, ele próprio e outrem. Igual a essas almas errantes em busca de um corpo, ele entra, quando quer, na personagem de qualquer um. Para ele apenas, tudo está vacante; e se alguns lugares lhe parecem estar fechados, é que a seus olhos não valem a pena ser visitados.

O andarilho solitário e pensativo tira uma embriaguez singular desta universal comunhão. Quem desposa facilmente a massa conhece gozos febris, dos quais serão eternamente privados o egoísta, trancado como um cofre, e o preguiçoso, internado como um molusco. Ele adota como suas todas as profissões, todas as alegrias e todas as misérias que a circunstância lhe apresenta.

O que os homens denominam amor é bem pequeno, restrito e frágil, se comparado a esta inefável orgia, a esta santa prostituição da alma que se dá por inteiro, poesia e caridade, ao imprevisto que se mostra, ao desconhecido que passa.



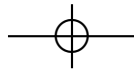
Il est bon d'apprendre quelquefois aux heureux de ce monde, ne fût-ce que pour humilier un instant leur sot orgueil, qu'il est des bonheurs supérieurs au leur, plus vastes et plus raffinés. Les fondateurs de colonies, les pasteurs de peuples, les prêtres missionnaires exilés au bout du monde, connaissent sans doute quelque chose de ces mystérieuses ivresses ; et, au sein de la vaste famille que leur génie s'est faite, ils doivent rire quelquefois de ceux qui les plaignent pour leur fortune si agitée et pour leur vie si chaste.





É bom ensinar, às vezes, aos venturosos deste mundo, mesmo que só para humilhar por um instante seu orgulho tolo, que existem venturas superiores às suas, mais amplas e refinadas. Os fundadores de colônias, os pastores de povos, os padres missionários exilados no fim do mundo, decerto conhecem algo destas misteriosas embriaguezes; e, no seio da vasta família que seu gênio construiu para si, eles por vezes devem rir dos que se compadecem com sua sina tão agitada e sua vida tão casta.





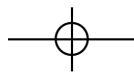
0.13 LES VEUVES

Vauvenargues dit que dans les jardins publics il est des allées hantées principalement par l'ambition déçue, par les inventeurs malheureux, par les gloires avortées, par les cœurs brisés, par toutes ces âmes tumultueuses et fermées, en qui grondent encore les derniers soupirs d'un orage et qui reculent loin du regard insolent des joyeux et des oisifs. Ces retraites ombreuses sont les rendez-vous des éclopés de la vie.

C'est surtout vers ces lieux que le poète et le philosophe aiment diriger leurs avides conjectures. Il y a là une pâture certaine. Car s'il est une place qu'ils dédaignent de visiter, comme je l'insinuais tout à l'heure, c'est surtout la joie des riches. Cette turbulence dans le vide n'a rien qui les attire. Au contraire, ils se sentent irrésistiblement entraînés vers tout ce qui est faible, ruiné, contristé, orphelin.

Un œil expérimenté ne s'y trompe jamais. Dans ces traits rigides ou abattus, dans ces yeux caves et ternes, ou brillants des derniers éclairs de la lutte, dans ces rides profondes et nombreuses, dans ces démarches si lentes ou si saccadées, il déchiffre tout de suite les innombrables légendes de l'amour trompé, du dévouement méconnu, des efforts non récompensés, de la faim et du froid humblement, silencieusement supportés.

Avez-vous quelquefois aperçu des veuves sur ces bancs solitaires, des veuves pauvres ? Qu'elles soient en deuil ou non, il est facile de les reconnaître. D'ailleurs il y a toujours dans le deuil du pauvre quelque chose qui manque, une





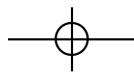
0.13 AS VIÚVAS

Diz Vauvenargues⁹ que nos jardins públicos há alamedas frequentadas sobretudo pela ambição frustrada, pelos inventores frustrados, as glórias abortadas, os corações partidos, por todas essas almas tumultuosas e fechadas em que ainda trovejam os últimos suspiros de uma tormenta, e que recuam para longe do olhar insolente dos faceiros e ociosos. Esses retiros sombrios são os pontos de encontro dos estropiados da vida.

É de preferência para esses lugares que o poeta e o filósofo gostam de dirigir suas ávidas conjecturas. Há neles um alimento certo. Pois se existe um lugar que eles desdenham visitar, como eu há pouco insinuava, é sobretudo a alegria dos ricos. Tal turbulência no vazio nada tem que os atraia. Pelo contrário, sentem-se irresistivelmente impelidos por tudo aquilo que é órfão, frágil, arruinado, entristecido.

Um olhar experimentado nunca se engana. Nos traços tensos ou abatidos, nos olhos fundos e apagados ou luzindo os derradeiros clarões da luta, nas rugas profundas e várias, nos andares tão lentos ou sôfregos, ele logo decifra as incontáveis lendas do amor traído, da afeição desagradecida, dos esforços não recompensados, da fome e do frio humilde, silenciosamente suportados.

Você alguma vez, nesses bancos solitários, avistou viúvas, viúvas pobres? Que estejam, ou não, usando luto, é fácil reconhecê-las. Sempre existe, aliás, no luto do pobre alguma coisa que falta, uma ausência de harmonia que o





absence d'harmonie qui le rend plus navrant. Il est contraint de lésiner sur sa douleur. Le riche porte la sienne au grand complet.

Quelle est la veuve la plus triste et la plus attristante, celle qui traîne à sa main un bambin avec qui elle ne peut pas partager sa rêverie, ou celle qui est tout à fait seule ? Je ne sais... Il m'est arrivé une fois de suivre pendant de longues heures une vieille affligée de cette espèce ; celle-là roide, droite, sous un petit châle usé, portait dans tout son être une fierté de stoïcienne.

Elle était évidemment condamnée, par une absolue solitude, à des habitudes de vieux célibataire, et le caractère masculin de ses mœurs ajoutait un piquant mystérieux à leur austérité. Je ne sais dans quel misérable café et de quelle façon elle déjeuna. Je la suivis au cabinet de lecture ; et je l'épiai longtemps pendant qu'elle cherchait dans les gazettes, avec des yeux actifs, jadis brûlés par les larmes, des nouvelles d'un intérêt puissant et personnel.

Enfin, dans l'après-midi, sous un ciel d'automne charmant, un de ces ciels d'où descendent en foule les regrets et les souvenirs, elle s'assit à l'écart dans un jardin, pour entendre, loin de la foule, un de ces concerts dont la musique des régiments gratifie le peuple parisien.

C'était sans doute là la petite débauche de cette vieille innocente (ou de cette vieille purifiée), la consolation bien gagnée d'une de ces lourdes journées sans ami, sans cause, sans joie, sans confident, que Dieu laissait tomber sur





torna mais aflitivo. O pobre é obrigado a regatear sua dor. O rico ostenta a sua em grande escala.

Qual a viúva mais triste e mais entristecedora, a que traz pela mão um pimpolho com quem não pode partilhar seu devaneio, ou aquela que está totalmente só? Não sei... Aconteceu-me uma vez seguir por longas horas uma velha aflita dessa espécie; ela, tesa, tensa, sob um xale surradinho, trazia em todo o seu ser o orgulho dos estoicos.

Estava evidentemente condenada, por absoluta solidão, a hábitos de velho celibatário, e o caráter masculino de seus modos juntava à sua austeridade um misterioso sabor. Não sei em que bar miserável e de que jeito ela almoçou. Eu a segui até o gabinete de leitura, e me demorei a espiar enquanto ela buscava nas gazetas, com olhos ativos, outrora queimados pelas lágrimas, notícias de um interesse possante e pessoal.

À tarde, enfim, sob um encantador céu de outono, desses céus de que chovem multidões de saudades e recordações, sentou-se à parte num jardim para escutar, longe da multidão, um desses concertos cuja música de regimento gratifica o povo parisiense.

Esta era, decerto, a devassidão daquela velha inocente (ou daquela velha purificada), o consolo bem merecido de um desses pesados dias sem amigo, sem conversa, sem alegria, sem confidente, que Deus deitava sobre ela, desde





elle, depuis bien des ans peut-être ! trois cent soixante-cinq fois par an.

Une autre encore :

Je ne puis jamais m'empêcher de jeter un regard, sinon universellement sympathique, au moins curieux, sur la foule de parias qui se pressent autour de l'enceinte d'un concert public. L'orchestre jette à travers la nuit des chants de fête, de triomphe ou de volupté. Les robes traînent en miroitant ; les regards se croisent ; les oisifs, fatigués de n'avoir rien fait, se dandinent, feignant de déguster indolemment la musique. Ici rien que de riche, d'heureux ; rien qui ne respire et n'inspire l'insouciance et le plaisir de se laisser vivre ; rien, excepté l'aspect de cette tourbe qui s'appuie là-bas sur la barrière extérieure, attrapant gratis, au gré du vent, un lambeau de musique, et regardant l'étincelante fournaise intérieure.

C'est toujours chose intéressante que ce reflet de la joie du riche au fond de l'œil du pauvre. Mais ce jour-là, à travers ce peuple vêtu de blouses et d'indienne, j'aperçus un être dont la noblesse faisait un éclatant contraste avec toute la trivialité environnante.

C'était une femme grande, majestueuse, et si noble dans tout son air, que je n'ai pas souvenir d'avoir vu sa pareille dans les collections des aristocratiques beautés du passé. Un parfum de hautaine vertu émanait de toute sa personne. Son visage, triste et amaigri, était en parfaite accordance avec le grand deuil dont elle était revêtue. Elle aussi, comme la plèbe à laquelle elle s'était mêlée et qu'elle ne voyait pas,





vários anos talvez, trezentas e sessenta e cinco vezes ao ano.

Outra ainda:

Nunca consigo evitar dar uma olhada, se não universalmente simpática, pelo menos curiosa, na multidão de párias que se amontoam junto ao cercado de um concerto público. A orquestra joga noite adentro cantos de festa, triunfo ou volúpia. Os vestidos arrastam pelo chão, reverberando; os olhares se cruzam; os ociosos, cansados de nada terem feito, bamboeiam fingindo degustar indolentemente a música. Aqui, nada que não seja rico, feliz; nada que não respire e inspire a despreocupação e o prazer de deixar-se viver;¹⁰ nada exceto o aspecto daquela turba encostada lá adiante, na cerca externa, recolhendo de graça, ao sabor do vento, um retalho de música, e fitando a resplandecente fornalha interna.

Sempre é interessante este reflexo da alegria do rico no fundo dos olhos do pobre. Naquele dia, porém, em meio ao povo vestido de aventais e de chita, avistei uma criatura cuja nobreza causava vistoso contraste com toda a trivialidade em redor.

Era uma mulher alta, majestosa, e tão nobre em todo o seu porte que não lembro ter visto alguma que a igualasse no elenco das aristocráticas beldades do passado. Um perfume de altiva virtude emanava de toda a sua pessoa. Seu rosto, triste e emagrecido, estava em plena concordância com o luto cerrado que a revestia. Também ela, como a plebe à qual se misturava e que não via, fitava o mundo luminoso



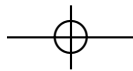


elle regardait le monde lumineux avec un œil profond, et elle écoutait en hochant doucement la tête.

Singulière vision ! « A coup sûr, me dis-je, cette pauvreté-là, si pauvreté il y a, ne doit pas admettre l'économie sordide ; un si noble visage m'en répond. Pourquoi donc reste-t-elle volontairement dans un milieu où elle fait une tache si éclatante ? »

Mais en passant curieusement auprès d'elle, je crus en deviner la raison. La grande veuve tenait par la main un enfant comme elle vêtu de noir ; si modique que fût le prix d'entrée, ce prix suffisait peut-être pour payer un des besoins du petit être, mieux encore, une superfluité, un jouet.

Et elle sera rentrée à pied, méditant et rêvant, seule, toujours seule ; car l'enfant est turbulent, égoïste, sans douceur et sans patience ; et il ne peut même pas, comme le pur animal, comme le chien et le chat, servir de confident aux douleurs solitaires.



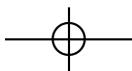


com um olhar profundo e escutava meneando suavemente a cabeça.

Visão singular! “Seguramente,” pensei, “essa pobreza, se pobreza houver, não deve tolerar a economia sórdida; um rosto tão nobre o garante. Por que será que fica voluntariamente num ambiente em que destoa tão visivelmente?”

Mas passando, curioso, perto dela, julguei adivinhar o motivo. A alta viúva segurava pela mão uma criança, vestida de preto como ela; por módico que fosse o preço da entrada, este preço talvez bastasse para pagar uma necessidade da criaturinha, ou melhor ainda, uma superfluidade, um brinquedo.

E ela terá voltado a pé para casa, meditando e sonhando, só, sempre só; pois a criança é turbulenta, egoísta, sem doçura e sem paciência, e nem sequer pode, como o puro animal, como o cão e o gato, servir de confidente aos sofrimentos solitários.





0.14 LE VIEUX SALTIMBANQUE

Partout s'étalait, se répandait, s'ébaudissait le peuple en vacances. C'était une de ces solennités sur lesquelles, pendant un long temps, comptent les saltimbanques, les faiseurs de tours, les montreurs d'animaux et les boutiquiers ambulants, pour compenser les mauvais temps de l'année.

En ces jours-là il me semble que le peuple oublie tout, la douleur et le travail ; il devient pareil aux enfants. Pour les petits c'est un jour de congé, c'est l'horreur de l'école renvoyée à vingt-quatre heures. Pour les grands c'est un armistice conclu avec les puissances malfaisantes de la vie, un répit dans la contention et la lutte universelles.

L'homme du monde lui-même et l'homme occupé de travaux spirituels échappent difficilement à l'influence de ce jubilé populaire. Ils absorbent, sans le vouloir, leur part de cette atmosphère d'insouciance. Pour moi, je ne manque jamais, en vrai Parisien, de passer la revue de toutes les baraques qui se pavanent à ces époques solennelles.

Elles se faisaient, en vérité, une concurrence formidable : elles piaillaient, beuglaient, hurlaient. C'était un mélange de cris, de détonations de cuivre et d'explosions de fusées. Les queues-rouges et les Jocrisses convulsaient les traits de leurs visages basanés, racornis par le vent, la pluie et le soleil ; ils lançaient, avec l'aplomb des comédiens sûrs de leurs effets, des bons mots et des plaisanteries d'un comique solide et lourd comme celui de Molière. Les Hercules, fiers de l'énormité de leurs membres, sans front et sans crâne, comme les oranges-outangs, se prélassaient majestueusement sous les





0.14 O VELHO SALTIMBANCO

Por toda parte se espalhava se espraiaava, se recreava o povo em férias. Era uma dessas solenidades com que contam, por um bom tempo, os saltimbancos, fazedores de truques, mostradores de animais e vendedores ambulantes, para compensar as más temporadas do ano.

Nesses dias, tenho impressão que o povo esquece tudo, a dor e o trabalho; torna-se igual às crianças. Para os pequenos é um dia feriado, é o horror da escola remetido a vinte e quatro horas. Para a gente grande é um armistício concluído com as forças malignas da vida, uma trégua na contenda e na luta universais.

O próprio homem mundano, e o homem ocupado com trabalhos espirituais, dificilmente escapam da influência deste jubileu popular. Absorvem, sem querer, a parte que lhes cabe desta atmosfera de despreocupação. Quanto a mim, como legítimo parisiense, nunca deixo de passar em revista todas as barracas que se exibem nessas épocas solenes.

Elas travavam, na verdade, um concorrência formidável: piavam, bramiam, uivavam. Era uma mescla de gritos, detonações de cobre e explosões de foguetes. Palhaços e farsistas¹¹ convulsavam as feições de seus rostos queimados, enrugados pelo vento, pela chuva e pelo sol; lançavam, com o apurmo dos comediantes seguros do efeito que causam, gracejos e brincadeiras de uma comicidade forte e pesada, como a de Molière. Os Hércules, orgulhosos da enormidade de seus membros, sem testa e sem crânio como orangotan-





maillots lavés la veille pour la circonstance. Les danseuses, belles comme des fées ou des princesses, sautaient et cabriolaient sous le feu des lanternes qui remplissaient leurs jupes d'étincelles.

Tout n'était que lumière, poussière, cris, joie, tumulte ; les uns dépensaient, les autres gagnaient, les uns et les autres également joyeux. Les enfants se suspendaient aux jupons de leurs mères pour obtenir quelque bâton de sucre, ou montaient sur les épaules de leurs pères pour mieux voir un escamoteur éblouissant comme un dieu. Et partout circulait, dominant tous les parfums, une odeur de friture qui était comme l'encens de cette fête.

Au bout, à l'extrême bout de la rangée de baraques, comme si, honteux, il s'était exilé lui-même de toutes ces splendeurs, je vis un pauvre saltimbanque, voûté, caduc, décrépît, une ruine d'homme, adossé contre un des poteaux de sa cahute ; une cahute plus misérable que celle du sauvage le plus abruti, et dont deux bouts de chandelles, coulants et fumants, éclairaient trop bien encore la détresse.

Partout la joie, le gain, la débauche ; partout la certitude du pain pour les lendemains ; partout l'explosion frénétique de la vitalité. Ici la misère absolue, la misère affublée, pour comble d'horreur, de haillons comiques, où la nécessité, bien plus que l'art, avait introduit le contraste. Il ne riait pas, le misérable ! Il ne pleurait pas, il ne dansait pas, il ne gesticulait pas, il ne criait pas ; il ne chantait aucune chanson, ni gai ni lamentable, il n'implorait pas. Il était muet





gos, se espreguiçavam majestosamente dentro de malhas lavadas na véspera para a circunstância. As dançarinas, lindas como fadas ou princesas, saltavam e cabriolavam à chama das lanternas que enchia suas saias de faíscas.

Tudo era apenas luz, poeira, gritos, alegria, tumulto; uns gastavam, outros ganhavam, uns e outros igualmente alegres. As crianças penduravam-se na saia das mães para pedir algum pirulito, ou subiam nos ombros dos pais para melhor enxergar um ilusionista deslumbrante feito um deus. E por toda parte circulava, dominando todos os aromas, um cheiro de fritura que era como o incenso desta festa.

Na ponta, bem na ponta da fileira de barracas, como se, envergonhado, tivesse exilado a si próprio daqueles esplendores todos, avistei um pobre saltimbanco, encurvado, caduco, decrépito, uma ruína humana, encostado num dos mourões de sua palhoça, palhoça mais miserável que a do mais embrutecido selvagem, da qual dois tocos de vela, escorrendo e fumegando, ainda iluminavam bem demais o desespero.

Por toda parte a alegria, o ganho, a devassidão; por toda parte a certeza do pão dos amanhãs; por toda parte a explosão frenética da vitalidade. Aqui, a miséria absoluta, a miséria revestida, para cúmulo do horror, de andrajos cômicos, nos quais a necessidade, bem mais do que a arte, introduzira o contraste. Ele não ria, o miserável! Não chorava, não dançava, não gesticulava, não gritava; não cantava canção nenhuma, alegre ou lamentável, não implorava. Estava pa-





et immobile. Il avait renoncé, il avait abdiqué. Sa destinée était faite.

Mais quel regard profond, inoubliable, il promenait sur la foule et les lumières, dont le flot mouvant s'arrêtait à quelques pas de sa répulsive misère ! Je sentis ma gorge serrée par la main terrible de l'hystérie, et il me sembla que mes regards étaient offusqués par des larmes rebelles qui ne veulent pas tomber.

Que faire ? A quoi bon demander à l'infortuné quelle curiosité, quelle merveille il avait à montrer dans ces ténèbres puantes, derrière son rideau déchiqueté ? En vérité, je n'osais ; et, dût la raison de ma timidité vous faire rire, j'avouerai que je craignais de l'humilier. Enfin, je venais de me résoudre à déposer en passant quelque argent sur une de ses planches, espérant qu'il devinerait mon intention, quand un grand reflux de peuple, causé par je ne sais quel trouble, m'entraîna loin de lui.

Et, m'en retournant, obsédé par cette vision, je cherchai à analyser ma soudaine douleur, et je me dis : Je viens de voir l'image du vieil homme de lettres qui a survécu à la génération dont il fut le brillant amuseur ; du vieux poète sans amis, sans famille, sans enfants, dégradé par sa misère et par l'ingratitude publique, et dans la baraque de qui le monde oublieux ne veut plus entrer !





rado e mudo. Ele renunciara, abdicara. Seu destino estava dado.

Mas que olhar profundo, inesquecível, ele espreiava na multidão e nas luzes, cuja vaga movediça detinha-se a poucos passos de sua repulsiva miséria! Senti minha garganta apertar-se na mão terrível da histeria, e pareceu que meus olhares se ofuscavam com essas lágrimas rebeldes que não querem cair.

Que fazer? De que serviria perguntar ao infeliz qual a curiosidade, a maravilha que ele tinha para mostrar naquelas trevas malcheirosas, detrás de sua cortina lacerada? Na verdade, eu não ousava; e, tivesse de os fazer rir a razão de minha timidez, confesso que temia humilhá-lo. Afinal, estava decidindo deixar, ao passar, algum dinheiro sobre uma das tábuas, esperando que ele percebesse minha intenção, quando um grande refluxo de povo, causado por não sei que confusão, arrastou-me para longe dali.

E, indo embora, obcecado por aquela visão, tentei analisar minha dor repentina e pensei comigo mesmo: acabo de ver a imagem do velho homem de letras que sobreviveu à sua geração, de que foi o brilhante animador; do velho poeta sem amigos, sem família, sem filhos, degradado por sua miséria e pela ingratidão do público, e em cuja barraca o mundo esquecido não quer mais entrar.

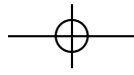




0.15 LE GÂTEAU

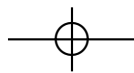
Je voyageais. Le paysage au milieu duquel j'étais placé était d'une grandeur et d'une noblesse irrésistibles. Il en passa sans doute en ce moment quelque chose dans mon âme. Mes pensées voltigeaient avec une légèreté égale à celle de l'atmosphère ; les passions vulgaires, telles que la haine et l'amour profane, m'apparaissaient maintenant aussi éloignées que les nuées qui dévalaient au fond des abîmes sous mes pieds ; mon âme me semblait aussi vaste et aussi pure que la coupole du ciel dont j'étais enveloppé ; le souvenir des choses terrestres n'arrivait à mon cœur qu'affaibli et diminué, comme le son de la clochette des bestiaux imperceptibles qui paissaient loin, bien loin, sur le versant d'une autre montagne. Sur le petit lac immobile, noir de son immense profondeur, passait quelquefois l'ombre d'un nuage, comme le reflet du manteau d'un géant aérien volant à travers le ciel. Et je me souviens que cette sensation solennelle et rare, causée par un grand mouvement parfaitement silencieux, me remplissait d'une joie mêlée de peur. Bref, je me sentais, grâce à l'enthousiasmante beauté dont j'étais environné, en parfaite paix avec moi-même et avec l'univers ; je crois même que, dans ma parfaite béatitude et dans mon total oubli de tout le mal terrestre, j'en étais venu à ne plus trouver si ridicules les journaux qui prétendent que l'homme est né bon ; — quand la matière incurable renouvelant ses exigences, je songeai à réparer la fatigue et à soulager l'appétit causés par une si longue ascension. Je tirai de ma poche un gros morceau de pain, une tasse de cuir et





0.15 O BOLO

Eu viajava. A paisagem na qual eu me encontrava era de uma grandeza e uma nobreza irresistíveis. Algo delas decerto passou naquele momento para minha alma. Meus pensamentos esvoaçavam com uma leveza igual à da atmosfera; as paixões vulgares, como o ódio e o amor profano, me pareciam agora tão distantes como as névoas que resvalavam no fundo do abismo aos meus pés; minha alma me parecia tão vasta e tão pura como a cúpula do céu que me envolvia; e a lembrança das coisas terrestres só me chegava ao coração enfraquecida e diminuída, como o som da sineta dos gados imperceptíveis que passavam longe, bem longe, na vertente de outra montanha. Sobre o pequeno lago imóvel, negro em sua imensa profundez, passava às vezes a sombra de uma nuvem, qual reflexo do manto de um gigante aéreo a voar pelo céu. E lembro que esta sensação solene e rara, causada por um vasto movimento perfeitamente silente, me enchia de uma alegria entremeada de medo. Em suma, eu me sentia, graças à entusiasmante beleza de que estava cercado, em perfeita paz comigo e com o universo; acho até que, em minha perfeita beatitude e em meu total esquecimento de todo o mal terrestre, chegara a não mais julgar tão ridículos os jornais que afirmam que o homem nasceu bom — quando, a matéria incurável renovando suas exigências, pensei em reparar o cansaço e aliviar o apetite causados por tão longa ascensão. Puxei do bolso um pedaço grande de pão, uma xícara de couro e um





un flacon d'un certain élixir que les pharmaciens vendaient dans ce temps-là aux touristes pour le mêler dans l'occasion avec de l'eau de neige.

Je découpais tranquillement mon pain, quand un bruit très léger me fit lever les yeux. Devant moi se tenait un petit être déguenillé, noir, ébouriffé, dont les yeux creux, farouches et comme suppliants, dévoraient le morceau de pain. Et je l'entendis soupirer, d'une voix basse et rauque, le mot : *gâteau* ! Je ne pus m'empêcher de rire en entendant l'appellation dont il voulait bien honorer mon pain presque blanc, et j'en coupai pour lui une belle tranche que je lui offris. Lentement il se rapprocha, ne quittant pas des yeux l'objet de sa convoitise ; puis, happant le morceau avec sa main, se recula vivement, comme s'il eût craint que mon offre ne fût pas sincère ou que je m'en repentisse déjà.

Mais au même instant il fut culbuté par un autre petit sauvage, sorti je ne sais d'où, et si parfaitement semblable au premier qu'on aurait pu le prendre pour son frère jumeau. Ensemble ils roulèrent sur le sol, se disputant la précieuse proie, aucun n'en voulant sans doute sacrifier la moitié pour son frère. Le premier, exaspéré, empoigna le second par les cheveux ; celui-ci lui saisit l'oreille avec les dents, et en cracha un petit morceau sanglant avec un superbe juron patois. Le légitime propriétaire du gâteau essaya d'enfoncer ses petites griffes dans les yeux de l'usurpateur ; à son tour celui-ci appliqua toutes ses forces à étrangler son adversaire d'une main, pendant que de l'autre il tâchait de glisser dans sa poche le prix du combat. Mais, ravivé par le désespoir,





frasco de um certo elixir que os farmacêuticos vendiam naquele tempo aos turistas para ser oportunamente misturado com água de neve.

Eu cortava tranquilamente meu pão, quando um levíssimo ruído me fez erguer os olhos. Em pé na minha frente estava um serzinho andrajoso, negro, desgrenhado, cujos olhos cavos, ferozes e como que suplicantes, devoravam o pedaço de pão. E eu o ouvi suspirar, com uma voz baixa e rouca, a palavra: *bolo!* Não pude deixar de rir ao escutar a apelação com que ele tinha a bondade de honrar meu pão quase branco, e cortei para ele uma boa fatia que lhe ofereci. Devagar, ele se acercou, sem tirar os olhos do objeto da sua cobiça; então, agarrando o pedaço, recuou depressa, como temendo que minha oferta não fosse sincera ou que eu já me estivesse arrependendo.

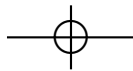
Mas, naquele instante, foi derrubado por outro selvazinho, surgido de não sei onde, e tão absolutamente parecido com o primeiro que poderia ser tomado por seu irmão gêmeo. Juntos rolaram pelo chão, disputando a preciosa presa, nenhum deles querendo, decerto, renunciar à metade pelo irmão. O primeiro, exasperado, empunhou o segundo pelos cabelos; este lhe agarrou a orelha com os dentes, cuspiendo um pedacinho sangrento junto com uma fantástica praga em gíria. O legítimo proprietário do bolo tentou enfiar suas garrinhas nos olhos do usurpador; este, por sua vez, empregou toda a sua força para estrangular seu adversário com uma das mãos, enquanto com a outra tentava enfiar no bolso o prêmio do combate. Mas, reatçado





le vaincu se redressa et fit rouler le vainqueur par terre d'un coup de tête dans l'estomac. A quoi bon décrire une lutte hideuse qui dura en vérité plus longtemps que leurs forces enfantines ne semblaient le promettre ? Le gâteau voyageait de main en main et changeait de poche à chaque instant ; mais hélas ! il changeait aussi de volume ; et lorsque enfin, exténués, haletants, sanglants, ils s'arrêtèrent par impossibilité de continuer, il n'y avait plus, à vrai dire, aucun sujet de bataille ; le morceau de pain avait disparu, et il était éparpillé en miettes semblables aux grains de sable auxquels il était mêlé.

Ce spectacle m'avait embrumé le paysage, et la joie calme où s'éboudissait mon âme avant d'avoir vu ces petits hommes avait totalement disparu ; j'en restai triste assez longtemps, me répétant sans cesse : « Il y a donc un pays superbe où le pain s'appelle du *gâteau*, friandise si rare qu'elle suffit pour engendrer une guerre parfaitement fratricide ! »

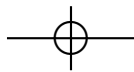




pelo desespero, o vencido se reergueu e fez rolar por terra o vencedor com uma cabeçada no estômago. De que serviria descrever uma luta hedionda que, em verdade, durou mais tempo do que pareciam prometer suas forças infantis? O bolo viajava de mão em mão e mudava de bolso a todo instante; mas, ai!, mudava também de volume; e quando afinal, extenuados, ofegantes, ensanguentados, pararam por impossibilidade de continuar, já não havia, a bem dizer, nenhum motivo para batalha: o pedaço de pão sumira, e estava disperso em farelos semelhantes aos grãos de areia a que se misturava.

Aquela cena me tinha enevoado a paisagem, e a alegria calma em que se recreava minha alma antes de ver os homenzinhos desaparecera totalmente. Fiquei um bom tempo triste, me repetindo sem cessar: “Com que então existe uma terra fantástica, onde o pão se chama *bolo*, iguaria tão rara que é o bastante para gerar uma guerra perfeitamente fratricida!”





0.16 L'HORLOGE

Les Chinois voient l'heure dans l'œil des chats.

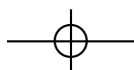
Un jour un missionnaire, se promenant dans la banlieue de Nankin, s'aperçut qu'il avait oublié sa montre, et demanda à un petit garçon quelle heure il était.

Le gamin du céleste Empire hésita d'abord ; puis, se ravisant, il répondit : « Je vais vous le dire. » Peu d'instants après, il reparut, tenant dans ses bras un fort gros chat, et le regardant, comme on dit, dans le blanc des yeux, il affirma sans hésiter : « Il n'est pas encore tout à fait midi. » Ce qui était vrai.

Pour moi, si je me penche vers la belle Féline, la si bien nommée, qui est à la fois l'honneur de son sexe, l'orgueil de mon cœur et le parfum de mon esprit, que ce soit la nuit, que ce soit le jour, dans la pleine lumière ou dans l'ombre opaque, au fond de ses yeux adorables je vois toujours l'heure distinctement, toujours la même, une heure vaste, solennelle, grande comme l'espace, sans divisions de minutes ni de secondes, — une heure immobile qui n'est pas marquée sur les horloges, et cependant légère comme un soupir, rapide comme un coup d'œil.

Et si quelque importun venait me déranger pendant que mon regard repose sur ce délicieux cadran, si quelque Génie malhonnête et intolérant, quelque Démon du contretemps venait me dire : « Que regardes-tu là avec tant de soin ? Que cherches-tu dans les yeux de cet être ? Y vois-tu l'heure ? mortel prodigue et fainéant ? » je répondrais sans hésiter :

« Oui, je vois l'heure ; il est l'Eternité ! »





0.16 O RELÓGIO

Os chineses veem as horas no olho dos gatos

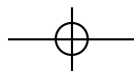
Um missionário, passeando um dia pela periferia de Nanquim, percebeu que tinha esquecido o relógio, e perguntou a um menino que horas eram.

O garoto do celeste Império primeiro hesitou; depois, reconsiderando, respondeu: “Já vou lhe dizer”. Passados alguns instantes, voltou trazendo no colo um gato bem grande, e olhando para ele, para dentro dos seus olhos, como se diz, afirmou sem hesitar: “Ainda não é bem meio-dia” — o que era verdade.

Quanto a mim, se me debruço sobre a bela Felina, a tão bem denominada, que é a um só tempo a honra do seu sexo, o orgulho do meu coração e o perfume do meu espírito, quer de noite, quer de dia, em plena luz ou na sombra opaca, no fundo de seus olhos adoráveis sempre vejo distintamente a hora, sempre a mesma, uma hora vasta, solene, do tamanho do espaço, sem divisões em minutos ou segundos — uma hora imóvel não marcada nos relógios, porém leve como um suspiro, veloz como uma espiada.

E se algum importuno me viesse perturbar, estando o meu olhar repousando neste gracioso mostrador, se algum Gênio desonesto e intolerante, algum Demônio do contra-tempo me viesse dizer: “O que está mirando com tanto cuidado? O que está buscando nos olhos deste ser? Você neles vê as horas, mortal pródigo e vadio?” eu responderia sem hesitar:

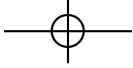
“Sim, vejo as horas; são a Eternidade”.





N'est-ce pas, madame, que voici un madrigal vraiment méritoire, et aussi emphatique que vous-même ? En vérité, j'ai eu tant de plaisir à broder cette prétentieuse galanterie, que je ne vous demanderai rien en échange.





Não será este madrigal, madame, realmente meritório, e tão enfático quanto a senhora? Em verdade, tal foi meu prazer em tecer este pretensioso galanteio, que nada em troca hei de pedir-lhe.



0.17 UN HÉMISPÈRE DANS UNE CHEVELURE

Laisse-moi respirer longtemps, longtemps, l'odeur de tes cheveux, y plonger tout mon visage, comme un homme altéré dans l'eau d'une source, et les agiter avec ma main comme un mouchoir odorant, pour secouer des souvenirs dans l'air.

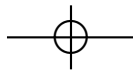
Si tu pouvais savoir tout ce que je vois ! tout ce que je sens ! tout ce que j'entends dans tes cheveux ! Mon âme voyage sur le parfum comme l'âme des autres hommes sur la musique.

Tes cheveux contiennent tout un rêve, plein de voilures et de mâtures ; ils contiennent de grandes mers dont les moussons me portent vers de charmants climats, où l'espace est plus bleu et plus profond, où l'atmosphère est parfumée par les fruits, par les feuilles et par la peau humaine.

Dans l'océan de ta chevelure, j'entrevois un port fourmillant de chants mélancoliques, d'hommes vigoureux de toutes nations et de navires de toutes formes découpant leurs architectures fines et compliquées sur un ciel immense où se prélassent l'éternelle chaleur.

Dans les caresses de ta chevelure, je retrouve les langueurs des longues heures passées sur un divan, dans la chambre d'un beau navire, bercées par le roulis imperceptible du port, entre les pots de fleurs et les gargoulettes rafraîchissantes.

Dans l'ardent foyer de ta chevelure, je respire l'odeur du tabac mêlé à l'opium et au sucre ; dans la nuit de ta chevelure, je vois resplendir l'infini de l'azur tropical ; sur





0.17 UM HEMISFÉRIO NUMA CABELEIRA

Me deixe respirar, por longo, longo tempo, o cheiro dos seus cabelos, mergulhar neles meu rosto inteiro como um homem sedento na água de uma fonte, e agitá-los com a mão como a um lenço cheiroso, para sacudir lembranças no ar.

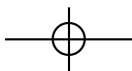
Se você soubese tudo o que vejo! Tudo o que sinto! Tudo o que escuto em seus cabelos! Minha alma viaja pelo perfume como a de outros homens viaja pela música.

Seus cabelos contêm todo um sonho, repleto de velas e mastros; contêm vastos mares cujas monções me conduzem a encantadoras regiões, onde o espaço é mais azul e mais profundo, onde a atmosfera é perfumada pelas frutas, pelas folhas e pela pele humana.

No oceano de sua cabeleira, entrevejo um porto fervilhando de cantos melancólicos, homens vigorosos de todas as nações, e navios de todas as formas recortando suas finas e complicadas estruturas num céu imenso, onde se estira o calor eterno.

Nas carícias da sua cabeleira, revivo os langores de longas horas passadas num sofá, no quarto de um belo navio, embaladas pela imperceptível arfagem do porto, entre vasos de flores e moringas refrescantes.

Na ardente lareira da sua cabeleira, respiro o cheiro do fumo mesclado de ópio e açúcar; na noite da sua cabeleira, vejo refulgir o infinito do azul tropical; nas margens de





les rivages duvetés de ta chevelure je m'enivre des odeurs
combinées du goudron, du musc et de l'huile de coco.

Laisse-moi mordre longtemps tes tresses lourdes et
noires. Quand je mordille tes cheveux élastiques et rebelles,
il me semble que je mange des souvenirs.





penugem da sua cabeleira, me embriago com os cheiros combinados de alcatrão, almíscar e óleo de coco.

Me deixe morder, por longo tempo, suas tranças pesadas e negras. Quando mordisco seus cabelos maleáveis e rebeldes, me sinto comendo lembranças.





0.18 L'INVITATION AU VOYAGE

Il est un pays superbe, un pays de Cocagne, dit-on, que je rêve de visiter avec une vieille amie. Pays singulier, noyé dans les brumes de notre Nord, et qu'on pourrait appeler l'Orient de l'Occident, la Chine de l'Europe, tant la chaude et capricieuse fantaisie s'y est donné carrière, tant elle l'a patiemment et opiniâtrement illustré de ses savantes et délicates végétations.

Un vrai pays de Cocagne, où tout est beau, riche, tranquille, honnête ; où le luxe a plaisir à se mirer dans l'ordre ; où la vie est grasse et douce à respirer ; d'où le désordre, la turbulence et l'imprévu sont exclus ; où le bonheur est marié au silence ; où la cuisine elle-même est poétique, grasse et excitante à la fois ; où tout vous ressemble, mon cher ange.

Tu connais cette maladie fiévreuse qui s'empare de nous dans les froides misères, cette nostalgie du pays qu'on ignore, cette angoisse de la curiosité ? Il est une contrée qui te ressemble, où tout est beau, riche, tranquille et honnête, où la fantaisie a bâti et décoré une Chine occidentale, où la vie est douce à respirer, où le bonheur est marié au silence. C'est là qu'il faut aller vivre, c'est là qu'il faut aller mourir !

Oui, c'est là qu'il faut aller respirer, rêver et allonger les heures par l'infini des sensations. Un musicien a écrit *l'Invitation à la valse* ; quel est celui qui composera *l'Invitation au voyage*, qu'on puisse offrir à la femme aimée, à la sœur d'élection ?





0.18 CONVITE À VIAGEM

Existe uma terra esplêndida, uma terra de promessa,¹² é o que dizem, que eu sonho em visitar com uma velha amiga. Terra singular, imersa nas brumas do nosso norte, e que poderíamos chamar de Oriente do Ocidente, de China da Europa, tanto ali se deu asas a quente e caprichosa fantasia, tanto a ilustrou, paciente e teimosamente, com suas vegetações delicadas e sábias.

Verdadeira terra de promessa, onde tudo é belo, rico, tranquilo, honesto; onde o luxo sente prazer em mirar-se na ordem; onde a vida é grassa e doce de respirar; onde a desordem, a turbulência e o imprevisto estão excluídos; onde a felicidade está casada com o silêncio; onde a própria comida é poética, a um só tempo gordurosa e excitante; onde tudo se parece com você, meu caro anjo.

Você conhece essa doença febril que toma conta de nós nas frias misérias, essa nostalgia da terra que ignoramos, essa angústia da curiosidade? Existe um lugar que se parece com você, onde tudo é belo, rico, honesto e tranquilo, onde a fantasia construiu e decorou uma China ocidental, onde a vida é doce de se respirar, onde a felicidade está casada com o silêncio. É lá que é preciso ir viver, é lá que é preciso ir morrer!

Sim, é lá que é preciso ir respirar, sonhar e alongar as horas pelo infinito das sensações. Um músico escreveu *O convite à valsa*,¹³ quem é que irá compor *O convite à viagem*, que se possa ofertar à mulher amada, à irmã diletta?¹⁴





Oui, c'est dans cette atmosphère qu'il ferait bon vivre, — là-bas, où les heures plus lentes contiennent plus de pensées, où les horloges sonnent le bonheur avec une plus profonde et plus significative solennité.

Sur des panneaux luisants, ou sur des cuirs dorés et d'une richesse sombre, vivent discrètement des peintures béates, calmes et profondes, comme les âmes des artistes qui les créèrent. Les soleils couchants, qui colorent si richement la salle à manger ou le salon, sont tamisés par de belles étoffes ou par ces hautes fenêtres ouvragées que le plomb divise en nombreux compartiments. Les meubles sont vastes, curieux, bizarres, armés de serrures et de secrets comme des âmes raffinées. Les miroirs, les métaux, les étoiles, l'orfèvrerie et la faïence y jouent pour les yeux une symphonie muette et mystérieuse ; et de toutes choses, de tous les coins, des fissures des tiroirs et des plis des étoffes s'échappe un parfum singulier, un *revenez-y* de Sumatra, qui est comme l'âme de l'appartement.

Un vrai pays de Cocagne, te dis-je, où tout est riche, propre et luisant, comme une belle conscience, comme une magnifique batterie de cuisine, comme une splendide orfèvrerie, comme une bijouterie bariolée ! Les trésors du monde y affluent, comme dans la maison d'un homme laborieux et qui a bien mérité du monde entier. Pays singulier, supérieur aux autres, comme l'Art l'est à la Nature, où celle-ci est réformée par le rêve, où elle est corrigée, embellie, refondue.

Qu'ils cherchent, qu'ils cherchent encore, qu'ils reculent sans cesse les limites de leur bonheur, ces alchimistes de





Sim, é nesta atmosfera que seria bom viver — lá, onde as horas mais lentas contêm mais pensamentos, onde os relógios batem a felicidade com solenidade mais profunda e expressiva.

Em painéis cintilantes, ou em couros dourados e de sombria riqueza, vivem discretamente pinturas beatas, profundas e calmas como as almas dos artistas que as criaram. Os sóis poentes, que tão ricamente colorem a sala de jantar ou de visitas, são filtrados por lindos tecidos ou por essas altas janelas lavradas que o chumbo comparte em diversas divisões. Os móveis são amplos, curiosos, estranhos, dotados de fechaduras e segredos como almas refinadas. Os espelhos, os metais, os tecidos, a ourivesaria e a faiança executam para os olhos uma silente e misteriosa sinfonia; e de todas as coisas, de todos os recantos, das fissuras das gavetas e das pregas dos tecidos, desprende-se um aroma singular, *reminiscência* de Sumatra, que é como a alma do apartamento.

Verdadeira terra de promessa, estou dizendo, onde tudo é rico, limpo e luzente, como uma bela consciência, como suntuosa bateria de cozinha, como esplêndida ourivesaria, como joia colorida! Ali os tesouros do mundo afluem, como na casa do homem laborioso que bem mereceu do mundo inteiro. País singular, superior aos demais, como é a Arte superior à Natureza, quando esta é reformada pelo sonho, é corrigida, embelezada, refundida.

Que busquem, continuem buscando, que estendam sem cessar os limites de sua felicidade, estes alquimistas da hor-





l'horticulture ! Qu'ils proposent des prix de soixante et de cent mille florins pour qui résoudra leurs ambitieux problèmes ! Moi, j'ai trouvé ma *tulipe noire* et mon *dahlia bleu* !

Fleur incomparable, tulipe retrouvée, allégorique dahlia, c'est là, n'est-ce pas, dans ce beau pays si calme et si rêveur, qu'il faudrait aller vivre et fleurir ? Ne serais-tu pas encadrée dans ton analogie, et ne pourrais-tu pas te mirer, pour parler comme les mystiques, dans ta propre *correspondance* ?

Des rêves ! toujours des rêves ! et plus l'âme est ambitieuse et délicate, plus les rêves l'éloignent du possible. Chaque homme porte en lui sa dose d'opium naturel, incessamment sécrétée et renouvelée, et, de la naissance à la mort, combien comptons-nous d'heures remplies par la jouissance positive, par l'action réussie et décidée ? Vivrons-nous jamais, passerons-nous jamais dans ce tableau qu'a peint mon esprit, ce tableau qui te ressemble ?

Ces trésors, ces meubles, ce luxe, cet ordre, ces parfums, ces fleurs miraculeuses, c'est toi. C'est encore toi, ces grands fleuves et ces canaux tranquilles. Ces énormes navires qu'ils charrient, tout chargés de richesses et d'où montent les chants monotones de la manoeuvre, ce sont mes pensées qui dorment ou qui roulent sur ton sein. Tu les conduis doucement vers la mer qui est l'Infini, tout en réfléchissant les profondeurs du ciel dans la limpidité de ta belle âme ; — et quand, fatigués par la houle et gorgés des produits de l'Orient, ils rentrent au port natal, ce sont encore mes pensées enrichies qui reviennent de l'Infini vers toi.





ticultura! Que proponham prêmios de setenta e cem mil florins a quem resolver seus ambiciosos problemas! Quanto a mim, encontrei minha *tulipa negra* e minha *dália azul*!

Flor incomparável, tulipa reencontrada, alegórica dália, não é lá, nesta terra linda, tão calma e sonhadora, que seria preciso ir viver e florescer? Você não se enquadraria com a sua analogia, e não se poderia mirar, para falar como falam os místicos, em sua própria *correspondência*?

Sonhos! Sempre sonhos! E quanto mais ambiciosa e delicada é a alma, mais os sonhos a afastam do possível. Todo homem traz em si sua dose de ópio natural, incessantemente secretada e renovada e, do nascimento à morte, quantas horas contamos preenchidas de gozo positivo, de ação bem-sucedida e decidida? Será que ainda iremos viver, passar algum dia para este quadro que meu espírito pintou, este quadro que se assemelha você?

Estes tesouros, móveis, este luxo, esta ordem, os aromas, as flores milagrosas, são você. Também são você esses grandes rios e canais tranquilos. Esses enormes navios que eles levam, todos repletos de riquezas e de onde se elevam os monótonos cantos da manobra, são meus pensamentos que dormem ou rolam sobre o seu seio. Você os conduz suavemente para o mar, que é o Infinito, refletindo as profundezas do céu na limpidez de sua alma linda — e quando, cansados do marulho e cevados dos produtos do Oriente, eles voltam ao porto natal, são também meus pensamentos enriquecidos voltando do Infinito a você.





0.19 LE JOUJOU DU PAUVRE

Je veux donner l'idée d'un divertissement innocent. Il y a si peu d'amusements qui ne soient pas coupables ! Quand vous sortirez le matin avec l'intention décidée de flâner sur les grandes routes, remplissez vos poches de petites inventions à un sol, — telles que le polichinelle plat mû par un seul fil, les forgerons qui battent l'enclume, le cavalier et son cheval dont la queue est un sifflet, — et le long des cabarets, au pied des arbres, faites-en hommage aux enfants inconnus et pauvres que vous rencontrerez. Vous verrez leurs yeux s'agrandir démesurément. D'abord ils n'oseront pas prendre, ils douteront de leur bonheur. Puis leurs mains agripperont vivement le cadeau, et ils s'enfuiront comme font les chats qui vont manger loin de vous le morceau que vous leur avez donné, ayant appris à se défier de l'homme.

Sur une route, derrière la grille d'un vaste jardin, au bout duquel apparaissait la blancheur d'un joli château frappé par le soleil, se tenait un enfant beau et frais, habillé de ces vêtements de campagne si pleins de coquetterie.

Le luxe, l'insouciance et le spectacle habituel de la richesse, rendent ces enfants-là si jolis, qu'on les croirait faits d'une autre pâte que les enfants de la médiocrité ou de la pauvreté.

A côté de lui, gisait sur l'herbe un joujou splendide, aussi frais que son maître, verni, doré, vêtu d'une robe pourpre, et couvert de plumets et de verroteries. Mais l'enfant ne s'occupait pas de son joujou préféré, et voici ce qu'il regardait :





0.19 O BRINQUEDO DO POBRE

Quero dar a ideia de um divertimento inocente. Há tão poucas diversões que não sejam culposas! Quando sair pela manhã com a resoluta intenção de vagar pelas estradas, encha seus bolsos de miúdos inventos de um tostão — tais como o simples polichinelo puxado por um só fio, os ferreiros que batem a bigorna, o cavaleiro com seu cavalo, cuja cauda é um apito — e pelas tabernas, embaixo das árvores, faça uma oferenda às crianças desconhecidas e pobres que encontrar. Vai ver como arregalam extraordinariamente os olhos. Primeiro, não vão se atrever a tocá-lo; vão duvidar da própria sorte. Depois, vão agarrar avidamente o presente e fugir, como fazem os gatos que vão comer longe de você o bocado que você lhes deu, tendo aprendido a desconfiar do homem.

Numa estrada, atrás do portão gradeado de um vasto jardim, ao fundo do qual aparecia a brancura de um belo castelo fustigado pelo sol, estava uma criança bonita e viçosa, trajando essas roupas campestres de tanta faceirice.

O luxo, a despreocupação e a visão habitual da riqueza tornam essas crianças tão bonitas que parecem ter sido moldadas numa massa distinta da dos filhos da mediocridade ou da pobreza.

A seu lado, jazia na relva um brinquedo maravilhoso, tão viçoso quanto o dono, envernizado, dourado, vestindo uma roupa púrpura e coberto de plumas e miçangas. Mas a criança não dava atenção ao seu brinquedo preferido, e eis o que ela olhava:





De l'autre côté de la grille, sur la route, entre les char-dons et les orties, il y avait un autre enfant, sale, chétif, fuligineux, un de ces marmots-parias dont un œil impartial découvrirait la beauté, si, comme l'œil du connaisseur devine une peinture idéale sous un vernis de carrossier, il le nettoyait de la répugnante patine de la misère.

A travers ces barreaux symboliques séparant deux mondes, la grande route et le château, l'enfant pauvre montrait à l'enfant riche son propre joujou, que celui-ci examinait avidement comme un objet rare et inconnu. Or, ce joujou, que le petit souillon agaçait, agitait et secouait dans une boîte grillée, c'était un rat vivant ! Les parents, par économie sans doute, avaient tiré le joujou de la vie elle-même.

Et les deux enfants se riaient l'un à l'autre fraternellement, avec des dents d'une *égale* blancheur.

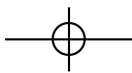
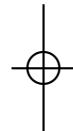




Do outro lado da cerca, na estrada, entre os cardos e as urtigas, estava outra criança, suja, raquítica, fuliginosa, um desses moleques-párias de que um olhar imparcial descobriria a beleza se, assim como o olhar do entendido intui uma pintura ideal sob um verniz de segeiro, removesse a pátina repulsiva da miséria.

Através dessas grades simbólicas que apartam dois mundos, a estrada e o castelo, a criança pobre mostrava à criança rica o seu próprio brinquedo, que esta examinava avidamente como a um objeto raro e ignorado. Ora, o tal brinquedo, que o moleque sujinho aticava, agitava e chacoalhava numa caixa gradeada, era um rato vivo! Os pais, por economia decerto, tinham tirado o brinquedo da própria vida.

E as duas crianças riam fraternalmente uma para a outra, com dentes de *igual* brancura.





0.20 LES DONS DES FÉES

C'était grande assemblée des Fées, pour procéder à la répartition des dons parmi tous les nouveau-nés, arrivés à la vie depuis vingt-quatre heures.

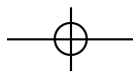
Toutes ces antiques et capricieuses Sœurs du Destin, toutes ces Mères bizarres de la joie et de la douleur, étaient fort diverses : les unes avaient l'air sombre et rechigné, les autres, un air folâtre et malin ; les unes, jeunes, qui avaient toujours été jeunes ; les autres, vieilles, qui avaient toujours été vieilles.

Tous les pères qui ont foi dans les Fées étaient venus, chacun apportant son nouveau-né dans ses bras.

Les Dons, les Facultés, les bons Hasards, les Circonstances invincibles, étaient accumulés à côté du tribunal, comme les prix sur l'estrade, dans une distribution de prix. Ce qu'il y avait ici de particulier, c'est que les Dons n'étaient pas la récompense d'un sort, mais tout au contraire une grâce accordée à celui qui n'avait pas encore vécu, une grâce pouvant déterminer sa destinée et devenir aussi bien la source de son malheur que de son bonheur.

Les pauvres Fées étaient très affairées ; car la foule des solliciteurs était grande, et le monde intermédiaire, placé entre l'homme et Dieu, est soumis comme nous à la terrible loi du Temps et de son infinie postérité, les Jours, les Heures, les Minutes, les Secondes.

En vérité, elles étaient aussi ahuries que des ministres un jour d'audience, ou des employés du Mont-de-Piété quand une fête nationale autorise les dégagements gratuits. Je crois





0.20 OS DONS DAS FADAS

Era uma grande assembleia das fadas, para proceder à partilha dos dons entre todos os recém-nascidos, vindos à vida desde vinte e quatro horas.

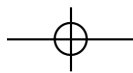
Aquelas antigas e caprichosas Irmãs do Destino, estranhas Mães da alegria e da dor, eram todas bastante distintas: umas tinham um ar sombrio e carrancudo; outras, um ar faceiro e esperto; umas, jovens que sempre tinham sido jovens; outras, velhas que sempre tinham sido velhas.

Todos os pais que têm fé nas Fadas tinham vindo, trazendo cada qual seu recém-nascido nos braços.

Os Dons, as Faculdades, os bons Acasos, as Circunstâncias invencíveis, estavam acumulados ao lado do tribunal, como os prêmios sobre o estrado numa festa de fim de ano letivo. O que havia ali de singular é que os Dons não eram a recompensa por algum esforço mas, muito pelo contrário, uma graça concedida àquele que ainda não vivera, uma graça que podia determinar seu destino e tanto se tornar fonte de sua infelicidade como de sua felicidade.

As pobres Fadas estavam muito atarefadas, pois a massa dos solicitantes era grande e o mundo intermediário, situado entre o homem e Deus, está sujeito, como nós, à terrível lei do Tempo e sua infinita posteridade, os Dias, as Horas, os Minutos, os Segundos.

Na verdade, estavam tão atordoadas como ministros em dia de audiência ou funcionários do *Mont-de-Piété*¹⁵ quando uma festa nacional autoriza os desempenhos gratuitos.





même qu'elles regardaient de temps à autre l'aiguille de l'horloge avec autant d'impatience que des juges humains qui, siégeant depuis le matin, ne peuvent s'empêcher de rêver au dîner, à la famille et à leurs chères pantoufles. Si, dans la justice surnaturelle, il y a un peu de précipitation et de hasard, ne nous étonnons pas qu'il en soit de même quelquefois dans la justice humaine. Nous serions nous-mêmes, en ce cas, des juges injustes.

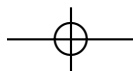
Aussi furent commises ce jour-là quelques bourdes qu'on pourrait considérer comme bizarres, si la prudence, plutôt que le caprice, était le caractère distinctif, éternel des Fées.

Ainsi la puissance d'attirer magnétiquement la fortune fut adjugée à l'héritier unique d'une famille très riche, qui, n'étant doué d'aucun sens de charité, non plus que d'aucune convoitise pour les biens les plus visibles de la vie, devait se trouver plus tard prodigieusement embarrassé de ses millions.

Ainsi furent donnés l'amour du Beau et la Puissance poétique au fils d'un sombre gueux, carrier de son état, qui ne pouvait, en aucune façon, aider les facultés, ni soulager les besoins de sa déplorable progéniture.

J'ai oublié de vous dire que la distribution, en ces cas solennels, est sans appel, et qu'aucun don ne peut être refusé.

Toutes les Fées se levaient, croyant leur corvée accomplie ; car il ne restait plus aucun cadeau, aucune largesse à jeter à tout ce fretin humain, quand un brave homme, un pauvre petit commerçant, je crois, se leva, et empoignant





Acho até que, vez ou outra, olhavam para o ponteiro do relógio com a mesma impaciência com que juízes humanos, em audiência desde cedo, não podem evitar de sonhar com o jantar, a família e seus caros chinelos. Se existe, na justiça sobrenatural, um pouco de precipitação e de acaso, não estranhemos que o mesmo se dê às vezes na justiça humana. Ou nós mesmos é que estaremos sendo juízes injustos.

De modo que foram cometidos neste dia uns disparates que poderíamos considerar como estranhos, se a prudência, mais que o capricho, fosse o caráter distintivo, eterno, das Fadas.

Assim é que o poder de atrair magneticamente a riqueza foi adjudicado ao herdeiro único de uma família muito rica, o qual, não tendo sido dotado de nenhum senso de caridade, nem tampouco de cobiça pelos bens mais visíveis da vida, haveria de se ver mais tarde tremendamente embaraçado com seus milhões.

Assim é que foram dados o amor da Beleza e o Poder poético ao filho de um obscuro indigente, canteiro de profissão, que não podia, de forma alguma, estimular as faculdades nem suprir as necessidades de sua deplorável descendência.

Esqueci de dizer que a distribuição, nestes casos solenes, é sem apelação, e nenhum dom pode ser recusado.

Todas as fadas iam se levantando, pensando estar cumprida a tarefa – pois não restava nenhum presente, nenhuma dádiva a jogar àquela escória humana –, quando um bom homem, acho que um pobre comerciantezinho, levantou-se





par sa robe de vapeurs multicolores la Fée qui était le plus à sa portée, s'écria :

« Eh ! madame ! vous nous oubliez ! il y a encore mon petit ! Je ne veux pas être venu pour rien. »

La Fée pouvait être embarrassée ; car il ne restait plus rien. Cependant elle se souvint à temps d'une loi bien connue, quoique rarement appliquée, dans le monde surnaturel, habité par ces déités impalpables, amies de l'homme, et souvent contraintes de s'adapter à ses passions, telles que les Fées, les Gnomes, les Salamandres, les Sylphides, les Sylphes, les Nixes, les Ondins et les Ondines, — je veux parler de la loi qui concède aux Fées, dans un cas semblable à celui-ci, c'est-à-dire le cas d'épuisement des lots, la faculté d'en donner encore un, supplémentaire et exceptionnel, pourvu toutefois qu'elle ait l'imagination suffisante pour le créer immédiatement.

Donc la bonne Fée répondit, avec un aplomb digne de son rang : « Je donne à ton fils... je lui donne... le *Don de plaire* ! »

« Mais plaire comment ? plaire... ? plaire pourquoi ? » demanda opiniâtrement le petit Boutiquier, qui était sans doute un de ces raisonneurs si communs, incapable de s'élever jusqu'à la logique de l'Absurde.

« Parce que ! parce que ! » répliqua la Fée courroucée, en lui tournant le dos ; et rejoignant le cortège de ses compagnes, elle leur disait : « Comment trouvez-vous ce petit Français vaniteux, qui veut tout comprendre, et qui ayant





e, segurando o vestido de vapores multicolores da Fada que estava mais a seu alcance, exclamou:

“Ei, Senhora! Estão esquecendo de nós! Ainda falta o meu menino! Não quero ter vindo para nada...”

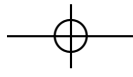
A Fada bem que podia ficar embaraçada; pois não restava mais *nada*. No entanto, lembrou a tempo de uma lei bem conhecida, se bem que raramente aplicada, do mundo sobrenatural, habitado por estas deidades impalpáveis, amigas do homem e muitas vezes forçadas a se adaptarem a suas paixões, tais como as Fadas, Gnomos, Salamandras, Sílides, Silfos, Nixas, Ondinos,¹⁶ quero dizer, a lei que concede às Fadas em caso semelhante, ou seja, de esgotamento dos prêmios, a faculdade de ainda dar mais um, suplementar e excepcional, desde que todavia ela tenha imaginação suficiente para criá-lo de imediato.

De modo que a boa Fada respondeu, com um aprumo digno de sua classe: “Dou a teu filho... eu lhe dou... o *Dom de agradar!*”

“Mas agradar como? Agradar... ? Agradar por quê? perguntou insistentemente o pequeno lojista, que era decerto um desses raciocinadores tão comuns, incapazes de se alçar à lógica do Absurdo.”

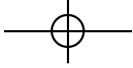
“Porque sim! Porque sim!”, replicou a Fada, irritada, dando-lhe as costas; e, juntando-se ao cortejo de suas companheiras, dizia-lhes: “O que acham deste francezinho vaidoso que quer entender tudo e, tendo obtido para o filho o





obtenu pour son fils le meilleur des lots, ose encore interro-
ger et discuter l'indiscutable ? »





melhor de todos os prêmios, ainda se atreve a questionar e discutir o Indiscutível?”



0.21 LES TENTATIONS, OU ÉROS, PLUTUS ET LA GLOIRE

Deux superbes Satans et une Diablesse, non moins extraordinaire, ont la nuit dernière monté l'escalier mystérieux par où l'Enfer donne assaut à la faiblesse de l'homme qui dort, et communique en secret avec lui. Et ils sont venus se poser glorieusement devant moi, debout comme sur une estrade. Une splendeur sulfureuse émanait de ces trois personnages, qui se détachaient ainsi du fond opaque de la nuit. Ils avaient l'air si fier et si plein de domination, que je les pris d'abord tous les trois pour de vrais Dieux.

Le visage du premier Satan était d'un sexe ambigu, et il avait aussi, dans les lignes de son corps, la mollesse des anciens Bacchus. Ses beaux yeux languissants, d'une couleur ténébreuse et indécise, ressemblaient à des violettes chargées encore des lourds pleurs de l'orage, et ses lèvres entr'ouvertes à des cassolettes chaudes, d'où s'exhalait la bonne odeur d'une parfumerie ; et à chaque fois qu'il soupirait, des insectes musqués s'illuminaient, en voletant, aux ardeurs de son souffle.

Autour de sa tunique de pourpre était roulé, en manière de ceinture, un serpent chatoyant qui, la tête relevée, tournait langoureusement vers lui ses yeux de braise. A cette ceinture vivante étaient suspendus, alternant avec des fioles pleines de liqueurs sinistres, de brillants couteaux et des instruments de chirurgie. Dans sa main droite il tenait une autre fiole dont le contenu était d'un rouge lumineux, et qui portait pour étiquette ces mots bizarres : « Buvez, ceci est





0.21 AS TENTAÇÕES, OU EROS, PLUTO¹⁷ E A GLÓRIA

Dois magníficos Satãs e uma Diaba não menos extraordinária subiram, noite passada, a escada misteriosa por onde o Inferno investe contra a fraqueza do homem que dorme e se comunica secretamente com ele. E vieram gloriosamente postar-se diante de mim, em pé como sobre um estrado. Um esplendor sulfuroso emanava dos três personagens, que assim se destacavam do fundo opaco da noite. Tinham um jeito tão altivo e cheio de dominação, que de início os tomei, os três, por autênticos Deuses.

O rosto do primeiro Satã era de sexo ambíguo, e havia também, nas linhas de seu corpo, a brandura de antigos Bacos.¹⁸ Seus belos olhos lânguidos, de cor tenebrosa e indecisa, lembravam violetas ainda carregadas dos prantos pesados da tormenta, e seus lábios entreabertos, caçoulas quentes que exalavam o cheiro bom de uma perfumaria. Toda vez que ele suspirava, insetos almiscarados se iluminavam, esvoaçando, com o ardor do seu sopro.

Em torno à sua túnica de púrpura se enrolava, à maneira de um cinto, uma serpente cintilante que, cabeça erguida, voltava languidamente para ele seus olhos de brasa. Neste cinto vivo pendiam, em alternância com frasquinhos cheios de sinistros licores, facas brilhantes e instrumentos cirúrgicos. Na mão direita, ele segurava outro frasquinho, de um conteúdo vermelho luminoso e que tinha como rótulo esses estranhos dizeres: “Bebei, isto é o meu sangue, um perfeito





mon sang, un parfait cordial... » dans la gauche, un violon qui lui servait sans doute à chanter ses plaisirs et ses douleurs, et à répandre la contagion de sa folie dans les nuits de sabbat.

A ses chevilles délicates traînaient quelques anneaux d'une chaîne d'or rompue, et quand la gêne qui en résultait le forçait à baisser les yeux vers la terre, il contemplait vaniteusement les ongles de ses pieds, brillants et polis comme des pierres bien travaillées.

Il me regarda avec ses yeux inconsolablement navrés, d'où s'écoulait une insidieuse ivresse, et il me dit d'une voix chantante : « Si tu veux, si tu veux, je te ferai le seigneur des âmes, et tu seras le maître de la matière vivante, plus encore que le sculpteur peut l'être de l'argile ; et tu connaîtras le plaisir, sans cesse renaissant, de sortir de toi-même pour t'oublier dans autrui, et d'attirer les autres âmes jusqu'à les confondre avec la tienne. »

Et je lui répondis : « Grand merci ! je n'ai que faire de cette pacotille d'êtres qui, sans doute, ne valent pas mieux que mon pauvre moi. Bien que j'aie quelque honte à me souvenir, je ne veux rien oublier ; et quand même je ne connaîtrais pas, vieux monstre, ta mystérieuse coutellerie, tes fioles équivoques, les chaînes dont tes pieds sont emprêtrés, sont des symboles qui expliquent assez clairement les inconvénients de ton amitié. Garde tes présents. »

Le second Satan n'avait ni cet air à la fois tragique et souriant, ni ces belles manières insinuantes, ni cette beauté délicate et parfumée. C'était un homme vaste, à gros visage





cordial”; na esquerda, um violino que decerto lhe servia para cantar seus prazeres e dores, e para espalhar o contágio da sua loucura nas noites de Sabá.¹⁹

Em seus tornozelos delicados se arrastavam alguns elos de uma corrente de ouro partida e, quando o incômodo em que resultavam o forçava a voltar os olhos para o chão, contemplava vaidosamente as unhas de seus pés, brilhantes e polidas feito pedras bem trabalhadas.

Mirou-me com seus olhos inconsolavelmente magoados, que escorriam uma insidiosa embriaguez, e disse com voz melodiosa: “Se você quiser, se quiser, hei de torná-lo senhor das almas e você será o mestre da matéria viva, mais ainda que o escultor pode ser da argila; e você conhecerá o prazer, continuamente renovado, de sair de si mesmo para esquecer-se em outrem, e de atrair as outras almas até confundí-las com a sua”.

E eu lhe respondi: “Muitíssimo obrigado! Não me interessa esta pacotilha de seres que, sem dúvida, não valem mais que meu pobre eu. Embora sinta alguma vergonha em lembrar, nada quero esquecer. E mesmo que não o conhecesse, velho monstro, sua misteriosa cutelaria, seus frasquinhos equívocos, as correntes em que seus pés se enredam são símbolos que explicam com suficiente clareza os inconvenientes da sua amizade. Fique com seus presentes”.

O segundo Satã não tinha nem aquele jeito ao mesmo tempo trágico e sorridente, nem aquelas belas maneiras insinuantes, nem aquela beleza delicada e perfumada. Era um homem amplo, de largo rosto sem olhos, cuja pança pesada





sans yeux, dont la lourde bedaine surplombait les cuisses, et dont toute la peau était dorée et illustrée, comme d'un tatouage, d'une foule de petites figures mouvantes représentant les formes nombreuses de la misère universelle. Il y avait de petits hommes efflanqués qui se suspendaient volontairement à un clou ; il y avait de petits gnomes difformes, maigres, dont les yeux suppliants réclamaient l'aumône mieux encore que leurs mains tremblantes ; et puis de vieilles mères portant des avortons accrochés à leurs mamelles exténuées. Il y en avait encore bien d'autres.

Le gros Satan tapait avec son poing sur son immense ventre, d'où sortait alors un long et retentissant cliquetis de métal qui se terminait en un vague gémissement fait de nombreuses voix humaines. Et il riait, en montrant impudemment ses dents gâtées, d'un énorme rire imbécile, comme certains hommes de tous les pays quand ils ont trop bien dîné.

Et celui-là me dit : « Je puis te donner ce qui obtient tout, ce qui vaut tout, ce qui remplace tout ! » Et il tapa sur son ventre monstrueux, dont l'écho sonore fit le commentaire de sa grossière parole.

Je me détournai avec dégoût, et je répondis : « Je n'ai besoin, pour ma jouissance, de la misère de personne ; et je ne veux pas d'une richesse attristée, comme un papier de tenture, de tous les malheurs représentés sur ta peau. »

Quant à la Diablesse, je mentirais si je n'avouais pas qu'à première vue je lui trouvai un bizarre charme. Pour définir ce charme, je ne saurais le comparer à rien de mieux





sobressaía sobre as coxas e cuja pele era dourada e ilustrada com uma série de figurinhas moventes que representavam, feito tatuagens, as formas várias da miséria universal. Eram homenzinhos esguios que se suspendiam voluntariamente a um prego; Eram pequenos gnomo disformes, magros, cujos olhos suplicantes imploravam esmola melhor que suas mãos trêmulas; e também velhas mães carregando rebentos grudados nas mamas extenuadas. Eram muitas coisas mais.

O grande Satã batia com o punho na imensa barriga, da qual irrompia então um longo e ecoante tinido metálico que terminava num vago gemido feito de várias vozes humanas. E ele ria mostrando, impudente, os dentes estragados com um enorme riso imbecil, como alguns homens de qualquer país quando jantaram bem demais.

E este me disse: “Posso lhe dar aquilo que tudo consegue, tudo vale, tudo substitui!” E bateu na monstruosa barriga, cujo eco sonoro fez o comentário do seu grosseiro palavreado.

Virei o rosto, enojado, e respondi: “Não preciso, para o meu prazer, da miséria de ninguém; e não quero uma riqueza entristecida, feito papel de parede, por todas as desgraças representadas em sua pele”.

Quanto à Diaba, mentiria se não confessasse que à primeira vista vislumbrei nela um estranho encanto. Para definir esse encanto, não saberia compará-lo a nada melhor





qu'à celui des très belles femmes sur le retour, qui cependant ne vieillissent plus, et dont la beauté garde la magie pénétrante des ruines. Elle avait l'air à la fois impérieux et dégingandé, et ses yeux, quoique battus, contenaient une force fascinatrice. Ce qui me frappa le plus, ce fut le mystère de sa voix, dans laquelle je retrouvais le souvenir des *contralti* les plus délicieux et aussi un peu de l'enrouement des gosiers incessamment lavés par l'eau-de-vie.

« Veux-tu connaître ma puissance ? » dit la fausse déesse avec sa voix charmante et paradoxale. « Ecoute. »

Et elle emboucha alors une gigantesque trompette, enrubannée, comme un mirliton, des titres de tous les journaux de l'univers, et à travers cette trompette elle cria mon nom, qui roula ainsi à travers l'espace avec le bruit de cent mille tonnerres, et me revint répercuté par l'écho de la plus lointaine planète.

« Diable ! » fis-je, à moitié subjugué, « voilà qui est précieux ! » Mais en examinant plus attentivement la séduisante virago, il me sembla vaguement que je la reconnaissais pour l'avoir vue trinquant avec quelques drôles de ma connaissance ; et le son rauque du cuivre apporta à mes oreilles je ne sais quel souvenir d'une trompette prostituée.

Aussi je répondis, avec tout mon dédain : « Va-t'en ! Je ne suis pas fait pour épouser la maîtresse de certains que je ne veux pas nommer. »

Certes, d'une si courageuse abnégation j'avais le droit d'être fier Mais malheureusement je me réveillai, et toute ma force m'abandonna. « En vérité, me dis-je, il fallait que





que o das muito belas mulheres adiantadas em anos, que no entanto já não envelhecem e cuja beleza conserva a penetrante magia das ruínas. Seu aspecto era, a um só tempo, imperioso e desalinhado, e seus olhos, embora abatidos, continham uma força fascinante. O que mais me impressionou foi o mistério em sua voz, na qual eu reencontrava os mais deliciosos *contralti* e também um pouco da rouquidão das gargantas lavadas sem cessar pela aguardente.

“Você quer conhecer meu poder?”, disse a falsa deusa com sua voz paradoxal e encantadora. “Escute”.

E ela embocou então uma gigantesca trombeta ornada, feito flauta de cana, com fitas trazendo as manchetes de todos os jornais do universo, e por esta trombeta ela gritou meu nome, que rolou assim espaço afora, com o ruído de cem mil trovões, e voltou a mim repercutido pelo eco do mais longínquo planeta.

“Diabos!” falei, meio subjugado, “está aí algo precioso!” Porém, ao examinar mais atentamente a sedutora virago, tive a vaga impressão de reconhecê-la, por tê-la visto brindando com alguns engraçadinhos que conheço; e o som rouco do cobre me trouxe aos ouvidos não sei que lembrança de uma trombeta prostituída.

De modo que respondi, com todo o meu desprezo: “Vá embora! Não nasci para desposar a amante de certos indivíduos que nem quero nomear”.

De tão corajosa abnegação eu tinha decerto o direito de me orgulhar. Infelizmente, porém, acordei e toda a minha força me abandonou. “Na verdade,” pensei, “devia estar dor-

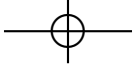




je fusse bien lourdement assoupi pour montrer de tels scrupules. Ah ! s'ils pouvaient revenir pendant que je suis éveillé, je ne ferais pas tant le délicat ! »

Et je les invoquai à haute voix, les suppliant de me pardonner, leur offrant de me déshonorer aussi souvent qu'il le faudrait pour mériter leurs faveurs ; mais je les avais sans doute fortement offensés, car ils ne sont jamais revenus.





minho um sono muito pesado para demonstrar tamanhos
escrúpulos.” Ah! quem dera eles voltassem quando estou
acordado, não me faria de tão delicado!

E os invoquei em voz alta, suplicando que me perdoas-
sem, me oferecendo para desonrar-me quantas vezes fosse
preciso para merecer seus favores. Mas eu os tinha, por
certo, fortemente ofendido, pois que nunca mais voltaram.



0.22 LE CRÉPUSCULE DU SOIR

Le jour tombe. Un grand apaisement se fait dans les pauvres esprits fatigués du labeur de la journée ; et leurs pensées prennent maintenant les couleurs tendres et indécises du crépuscule.

Cependant du haut de la montagne arrive à mon balcon, à travers les nues transparentes du soir, un grand hurlement, composé d'une foule de cris discordants, que l'espace transforme en une lugubre harmonie, comme celle de la marée qui monte ou d'une tempête qui s'éveille.

Quels sont les infortunés que le soir ne calme pas, et qui prennent, comme les hiboux, la venue de la nuit pour un signal de sabbat ? Cette sinistre ululation nous arrive du noir hospice perché sur la montagne, et, le soir, en fumant et en contemplant le repos de l'immense vallée, hérissée de maisons dont chaque fenêtre dit : « C'est ici la paix maintenant ; c'est ici la joie de la famille ! » je puis, quand le vent souffle de là-haut, bercer ma pensée étonnée à cette imitation des harmonies de l'enfer.

Le crépuscule excite les fous. — Je me souviens que j'ai eu deux amis que le crépuscule rendait tout malades. L'un méconnaissait alors tous les rapports d'amitié et de politesse, et maltraitait, comme un sauvage, le premier venu. Je l'ai vu jeter à la tête d'un maître d'hôtel un excellent poulet, dans lequel il croyait voir je ne sais quel insultant hiéroglyphe. Le soir, précurseur des voluptés profondes, lui gâtait les choses les plus succulentes.





0.22 O CREPÚSCULO DA TARDE

A tarde cai. Faz-se um grande sossego nos pobres espíritos cansados do labor da jornada, e seus pensamentos adotam agora as cores suaves e indecisas do crepúsculo.

Chega porém, do alto da montanha à minha sacada, através das nuvens transparentes do entardecer, um grande alarido composto por quantidade de gritos discordantes, que o espaço transforma numa lúgubre harmonia, qual a da maré subindo ou da tempestade despertando.

Quem são os desventurados que o entardecer não acalma e que, como as corujas, tomam a vinda da noite por um sinal de sabá? Esta sinistra ululação nos chega do negro hospício encarapitado na montanha; e ao entardecer, fumando e contemplando o repouso do imenso vale erigido de casas em que cada janela diz: “Aqui agora existe paz! Aqui existe a alegria da família!”, eu posso, com o soprar do vento lá de cima, embalar meu pensamento espantado nesta imitação das harmonias do inferno.

O crepúsculo excita os loucos. Lembro que tive dois amigos a quem o crepúsculo deixava bem doentes. Um deles desconhecia então qualquer relação de amizade e educação e maltratava, feito um bruto, quem lhe aparecia pela frente. Eu o vi atirar ao rosto de um mordomo um frango excelente, no qual julgava enxergar não sei que insultante hieróglifo. O entardecer, precursor das volúpias profundas, estragava-lhe as coisas mais succulentas.





L'autre, un ambitieux blessé, devenait, à mesure que le jour baissait, plus aigre, plus sombre, plus taquin. Indulgent et sociable encore pendant la journée, il était impitoyable le soir ; et ce n'était pas seulement sur autrui, mais aussi sur lui-même que s'exerçait rageusement sa manie crépusculaire.

Le premier est mort fou, incapable de reconnaître sa femme et son enfant ; le second porte en lui l'inquiétude d'un malaise perpétuel, et fût-il gratifié de tous les honneurs que peuvent conférer les républiques et les princes, je crois que le crépuscule allumerait encore en lui la brûlante envie de distinctions imaginaires. La nuit, qui mettait ses ténèbres dans leur esprit, fait la lumière dans le mien ; et, bien qu'il ne soit pas rare de voir la même cause engendrer deux effets contraires, j'en suis toujours comme intrigué et alarmé.

O nuit ! ô rafraîchissantes ténèbres ! vous êtes pour moi le signal d'une fête intérieure, vous êtes la délivrance d'une angoisse ! Dans la solitude des plaines, dans les labyrinthes pierreux d'une capitale, scintillement des étoiles, explosion des lanternes, vous êtes le feu d'artifice de la déesse Liberté !

Crépuscule, comme vous êtes doux et tendre ! Les lueurs roses qui traînent encore à l'horizon comme l'agonie du jour sous l'oppression victorieuse de sa nuit, les feux des candélabres qui font des taches d'un rouge opaque sur les dernières gloires du couchant, les lourdes draperies qu'une main invisible attire des profondeurs de l'Orient, imitent tous les sentiments compliqués qui luttent dans le cœur de l'homme aux heures solennelles de la vie.





O outro, um ambicioso ferido, à medida que a luz sumia ia se tornando mais azedo, mais sombrio, mais mesquinho. Ainda indulgente e sociável durante o dia, era impiedoso à tardinha; e não era apenas nos outros, como também em si mesmo, que ele exercia raivosamente sua crepusculosa mania.

O primeiro morreu louco, incapaz de reconhecer a mulher e o filho; o segundo traz em si a inquietação de um perpétuo mal-estar, e fosse ele gratificado com todas as honrarias que repúblicas e príncipes podem conferir, acho que o crepúsculo ainda acenderia dentro dele o ardente desejo de distinções imaginárias. A noite, que no espírito deles punha trevas, no meu faz a luz; e, embora não seja raro ver a mesma causa gerar dois efeitos contrários, isto sempre me deixa como intrigado e alarmado.

Oh, noite! Oh, trevas refrescantes! Vocês são para mim sinal de uma festa interior, a redenção de uma angústia! Cintilação das estrelas, explosão das lanternas, são na solidão das planícies, nos pétreos labirintos de uma capital, o fogo de artifício da deusa Liberdade!

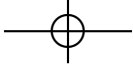
Crepúsculo, que doce e terno é você! Os clarões rosados que ainda se demoram no horizonte como a agonia do dia sob a opressão vitoriosa de sua noite, os fogos dos candelabros, que criam manchas de um vermelho opaco nas últimas glórias do poente, os pesados panejamentos que uma mão invisível atrai das profundezas do Oriente, imitam todos os sentimentos complicados que lutam no coração do homem nas horas solenes da vida.





On dirait encore une de ces robes étranges de danseuses, où une gaze- transparente et sombre laisse entrevoir les splendeurs amorties d'une jupe éclatante, comme sous le noir présent transperce le délicieux passé; et les étoiles vacillantes d'or et d'argent, dont elle est semée, représentent ces feux de la fantaisie qui ne s'allument bien que sous le deuil profond de la Nuit.





Lembra igualmente essas estranhas vestes de bailarina, com uma gaze transparente e escura deixando entrever o esplendor fosco de uma saia deslumbrante, igual sob um negro presente transparece o delicioso passado; e as estrelas vacilantes de ouro e prata com que ela foi polvilhada representam esses fogos da fantasia que só se acendem direito no luto profundo da noite.



0.23 LA SOLITUDE

Un gazetier philanthrope me dit que la solitude est mauvaise pour l'homme ; et à l'appui de sa thèse, il cite, comme tous les incrédules, des paroles des Pères de l'Eglise.

Je sais que le Démon fréquente volontiers les lieux arides, et que l'Esprit de meurtre et de lubricité s'enflamme merveilleusement dans les solitudes. Mais il serait possible que cette solitude ne fût dangereuse que pour l'âme oisive et divagante qui la peuple de ses passions et de ses chimères.

Il est certain qu'un bavard, dont le suprême plaisir consiste à parler du haut d'une chaire ou d'une tribune, risquerait fort de devenir fou furieux dans l'île de Robinson. Je n'exige pas de mon gazetier les courageuses vertus de Crusoé, mais je demande qu'il ne décrète pas d'accusation les amoureux de la solitude et du mystère.

Il y a dans nos races jacassières des individus qui accepteraient avec moins de répugnance le supplice suprême, s'il leur était permis de faire du haut de l'échafaud une copieuse harangue, sans craindre que les tambours de Santerre ne leur coupassent intempestivement la parole.

Je ne les plains pas, parce que je devine que leurs effusions oratoires leur procurent des voluptés égales à celles que d'autres tirent du silence et du recueillement ; mais je les méprise.

Je désire surtout que mon maudit gazetier me laisse m'amuser à ma guise. « Vous n'éprouvez donc jamais, — me dit-il, avec un ton de nez très apostolique, — le besoin de



0.23 A SOLIDÃO

Diz-me um gazeteiro filantropo que a solidão é ruim para o homem; e em apoio à sua tese cita, como todo incrédulo, palavras dos Padres da Igreja.

Sei que o Demônio frequenta de bom grado os locais áridos, e que o Espírito de assassinato e lubricidade se inflama maravilhosamente nas solidões. Mas é bem possível que esta solidão só seja um perigo para a alma ociosa e divagante que a povoa com suas paixões e quimeras.

É certo que um tagarela, cujo supremo prazer consiste em falar do alto de uma cátedra ou tribuna, estaria seriamente arriscado a ficar louco de atar na ilha de Robinson.²⁰ Não exijo do meu gazeteiro as corajosas virtudes de Crusoé, mas peço que não decrete culpados os amantes da solidão e do mistério.

Existem nas nossas raças tagarelas indivíduos capazes de aceitar o suplício supremo com menos repulsa, caso lhes fosse permitido proferir copiosa arenga do alto do cadafalso, sem receio que os tambores de Santerre²¹ lhes cortassem intempestivamente a palavra.

Não os lastimo, pois imagino que suas efusões oratórias lhes propiciam volúpias iguais às que outros encontram no silêncio e recolhimento; mas desprezo-os.

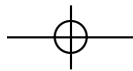
Desejo, antes de tudo, que meu maldito gazeteiro me deixe divirtir-me a bel-prazer. “Então você nunca sente — me diz ele num tom nasal muito apostólico — a necessidade



partager vos jouissances ? » Voyez-vous le subtil envieux ! Il sait que je dédaigne les siennes, et il vient s'insinuer dans les miennes, le hideux trouble-fête !

« Ce grand malheur de ne pouvoir être seul !... » dit quelque part La Bruyère, comme pour faire honte à tous ceux qui courent s'oublier dans la foule, craignant sans doute de ne pouvoir se supporter eux-mêmes.

« Presque tous nos malheurs nous viennent de n'avoir pas su rester dans notre chambre », dit un autre sage, Pascal, je crois, rappelant ainsi dans la cellule du recueillement tous ces affolés qui cherchent le bonheur dans le mouvement et dans une prostitution que je pourrais appeler *fraternitaire*, si je voulais parler la belle langue de mon siècle.



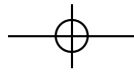


de partilhar seus prazeres?” Vejam só que sutil invejoso! Sabendo que eu menosprezo os seus, vem insinuar-se nos meus, o hediondo desmancha-prazeres!

“A grande infelicidade de não poder estar só!”... diz La Bruyère em algum lugar,²² como para envergonhar todos esses que correm se esquecer na multidão, decerto temendo não suportarem a si mesmos.

“Quase todos os nossos males advêm de não termos sabido ficar dentro de nosso quarto”, diz outro sábio, Pascal,²³ acho, chamando assim de volta à cela do recolhimento todos esses sobressaltados que buscam a felicidade no movimento e numa prostituição que eu poderia chamar de *fraternitária* se quisesse falar a bela língua de meu século.



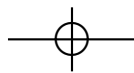


0.24 LES PROJETS

Il se disait, en se promenant dans un grand parc solitaire : « Comme elle serait belle dans un costume de cour, compliqué et fastueux, descendant, à travers l'atmosphère d'un beau soir, les degrés de marbre d'un palais, en face des grandes pelouses et des bassins ! Car elle a naturellement l'air d'une princesse. »

En passant plus tard dans une rue, il s'arrêta devant une boutique de gravures, et, trouvant dans un carton une estampe représentant un paysage tropical, il se dit : « Non ! ce n'est pas dans un palais que je voudrais posséder sa chère vie. Nous n'y serions pas *chez nous*. D'ailleurs ces murs criblés d'or ne laisseraient pas une place pour accrocher son image ; dans ces solennelles galeries, il n'y a pas un coin pour l'intimité. Décidément, c'est *là* qu'il faudrait demeurer pour cultiver le rêve de ma vie. »

Et, tout en analysant des yeux les détails de la gravure, il continuait mentalement : « Au bord de la mer, une belle case en bois, enveloppée de tous ces arbres bizarres et luisants dont j'ai oublié les noms, dans l'atmosphère, une odeur enivrante, indéfinissable... dans la case un puissant parfum de rose et de musc...plus loin, derrière notre petit domaine, des bouts de mâts balancés par la houle, autour de nous, au delà de la chambre éclairée d'une lumière rose égayée par des stores, décorée de nattes fraîches et de fleurs capiteuses, avec de rares sièges d'un rococo portugais, d'un bois lourd et ténébreux (où elle reposerait si calme, si bien éventée, fumant le tabac légèrement opiacé !), au delà de la varangue,



0.24 OS PROJETOS

Ele pensava, enquanto passeava num grande parque deserto: “Que linda ela ficaria com um traje de corte, complicado e fastuoso, descendo, na atmosfera de um belo entardecer, os degraus de mármore de um palácio, diante dos grandes gramados e açudes! Pois ela tem naturalmente um ar de princesa!”

Passando mais tarde numa rua, parou em frente a uma loja de gravuras e, ao encontrar numa pasta uma estampa representando uma paisagem tropical, pensou: “Não! Não é num palácio que eu gostaria de possuir sua querida vida. Não estaríamos *em casa*. Aliás, essas paredes crivadas de ouro não deixariam um só espaço para pendurar sua imagem; nestas solenes galerias, não há um só recanto para a intimidade. Realmente, *aqui* é que teria de morar para cultivar o sonho de minha vida”.

E enquanto analisava os detalhes da gravura, prosseguia mentalmente: “À beira-mar, uma linda choupana de madeira, envolta em todas essas árvores estranhas e reluzentes cujos nomes esqueci... na atmosfera, um cheiro embriagante, indefinível... na choupana, um forte aroma de rosa e almíscar... adiante, atrás da nossa pequena propriedade, pedaços de mastros balançados pelo marulho... à nossa volta, para além do quarto aclarado por uma luz rosada filtrada pelos estores, decorada com esteiras novas e flores capitosas, raras poltronas de um rococó português, de madeira pesada e escura (em que ela repousaria tão calma, tão arejada, tragando o fumo levemente opiáceo!), para além da



le tapage des oiseaux ivres de lumière, et le jacassement des petites négresses, et, la nuit, pour servir d'accompagnement à mes songes, le chant plaintif des arbres à musique, des mélancoliques filaos ! Oui, en vérité, c'est bien là tout le décor que je cherchais. Qu'ai-je à faire de palais ? »

Et plus loin, comme il suivait une grande avenue, il aperçut une auberge proprette où d'une fenêtre égayée par des rideaux d'indienne bariolée se penchaient deux têtes rieuses. Et tout de suite : « Il faut, — se dit-il, — que ma pensée soit une grande vagabonde pour aller chercher si loin ce qui est si près de moi. Le plaisir et le bonheur sont dans la première auberge venue, dans l'auberge du hasard, si féconde en voluptés. Un grand feu, des faïences voyantes, un souper passable, un vin rude, et un lit très large avec des draps un peu âpres, mais frais ; quoi de mieux ? »

Et en rentrant seul chez lui, à cette heure où les conseils de la Sagesse ne sont plus étouffés par les bourdonnements de la vie extérieure, il se dit : « J'ai eu aujourd'hui, en rêve, trois domiciles où j'ai trouvé un égal plaisir. Pourquoi contraindre mon corps à changer de place, puisque mon âme voyage si lestement ? Et à quoi bon exécuter des projets, puisque le projet est en lui-même une jouissance suffisante ? »





varanda, o tumulto dos pássaros bêbados de luz e o tagarelar das negrinhas... e à noite, para servir de acompanhamento aos meus sonhos, o canto sentido das árvores musicais, as melancólicas casuarinas! Sim, na verdade, é este o cenário que eu buscava. Para que iria querer palácios?”

Mais adiante, ao percorrer uma larga avenida, avistou uma pousada asseadinha onde, a uma janela enfeitada com cortinas de chita estampada, se debruçavam dois rostos risonhos. E, logo: “Meu pensamento” — refletiu — “deve ser muito vagamundo para ir buscar tão longe o que está tão perto de mim. O prazer e a felicidade estão na primeira pousada que aparece, na pousada do acaso, tão fecunda em volúpias. Um bom fogo, faianças vistosas, um jantar passável, um vinho rude e uma cama bem ampla com lençóis um pouco ásperos, mas limpos; haverá coisa melhor?”

E ao voltar sozinho para casa, nesta hora em que os conselhos da Sabedoria já não são sufocados pelo burburinho da vida exterior, ele pensou: “Tive hoje, em sonhos, três domicílios em que encontrei igual prazer. Por que obrigar meu corpo a mudar de lugar, se minha alma é tão ligeira em viajar? E de que serve executar projetos, se o projeto, em si, já é fruição suficiente?”





0.25 LA BELLE DOROTHÉE

Le soleil accable la ville de sa lumière droite et terrible ; le sable est éblouissant et la mer miroite Le monde stupéfié s'affaisse lâchement et fait la sieste, une sieste qui est une espèce de mort savoureuse où le dormeur, à demi éveillé, goûté les voluptés de son anéantissement.

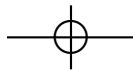
Cependant Dorothée, forte et fière comme le soleil, s'avance dans la rue déserte, seule vivante à cette heure sous l'immense azur, et faisant sur la lumière une tache éclatante et noire.

Elle s'avance, balançant mollement son torse si mince sur ses hanches si larges. Sa robe de soie collante, d'un ton clair et rose, tranche vivement sur les ténèbres de sa peau et moule exactement sa taille longue, son dos creux et sa gorge pointue.

Son ombrelle rouge, tamisant la lumière, projette sur son visage sombre le fard sanglant de ses reflets.

Le poids de son énorme chevelure presque bleue tire en arrière sa tête délicate et lui donne un air triomphant et paresseux. De lourdes pendeloques gazouillent secrètement à ses mignonnes oreilles.

De temps en temps la brise de mer soulève par le coin sa jupe flottante et montre sa jambe luisante et superbe ; et son pied, pareil aux pieds des déesses de marbre que l'Europe enferme dans ses musées, imprime fidèlement sa forme sur le sable fin. Car Dorothée est si prodigieusement coquette,





0.25 A BELA DOROTHÉE

O sol oprime a cidade com sua luz direta e terrível; a areia está ofuscante e o mar rebrilha. O mundo estupefato se rende, covarde e faz a sesta, uma sesta que é como uma morte saborosa em que quem dorme, semidesperto, desfruta as volúpias do aniquilamento.

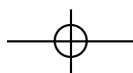
Entretanto, Dorothée, ativa e intensa como o sol, avança pela rua deserta, única alma viva a esta hora sob o azul imenso, criando sobre a luz uma mancha brilhante e negra.

Ela avança, balançando brandamente o tronco tão fino sobre os quadris tão amplos. Seu vestido de seda colante, de um tom claro e rosado, sobressai intensamente nas trevas de sua pele e delinea com precisão seu talhe longo, sua cintura arqueada e seu colo pontudo.

Sua sombrinha vermelha, peneirando a luz, projeta em seu rosto escuro a maquiagem ensanguentada do seu reflexo.

O peso da enorme cabeleira quase azul puxa para trás sua cabeça delicada, dando-lhe um porte triunfante e preguiçoso. Pesados pingentes tilintam escondidamente em suas orelhas mimosas.

De quando em quando, a brisa de mar ergue a ponta de sua saia ondulante e mostra a sua perna luzente e admirável; e seu pé, igual aos pés das deusas de mármore que a Europa encerra em seus museus, imprime fielmente sua forma na areia fina. Pois Dorothée é tão prodigiosamente coquete que





que le plaisir d'être admirée l'emporte chez elle sur l'orgueil de l'affranchie, et, bien qu'elle soit libre, elle marche sans souliers.

Elle s'avance ainsi, harmonieusement, heureuse de vivre et souriant d'un blanc sourire, comme si elle apercevait au loin dans l'espace un miroir reflétant sa démarche et sa beauté.

A l'heure où les chiens eux-mêmes gémissent de douleur sous le soleil qui les mord, quel puissant motif fait donc aller ainsi la paresseuse Dorothée, belle et froide comme le bronze ?

Pourquoi a-t-elle quitté sa petite case si coquettement arrangée, dont les fleurs et les nattes font à si peu de frais un parfait boudoir, où elle prend tant de plaisir à se peigner, à fumer, à se faire éventer ou à se regarder dans le miroir de ses grands éventails de plumes, pendant que la mer, qui bat la plage à cent pas de là, fait à ses rêveries indécises un puissant et monotone accompagnement, et que la marmite de fer, où cuit un ragoût de crabes au riz et au safran ; lui envoie, du fond de la cour, ses parfums excitants ?

Peut-être a-t-elle un rendez-vous avec quelque jeune officier qui, sur des plages lointaines, a entendu parler par ses camarades de la célèbre Dorothée. Infailliblement elle le priera, la simple créature, de lui décrire le bal de l'Opéra, et lui demandera si on peut y aller pieds nus, comme aux danses du dimanche, où les vieilles Cafrines elles-mêmes deviennent ivres et furieuses de joie ; et puis encore si les belles dames de Paris sont toutes plus belles qu'elle.





o prazer de ser admirada nela supera o orgulho da alforria e, mesmo sendo livre, caminha descalça.

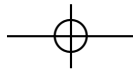
Ela avança assim, harmoniosamente, feliz de viver e sorrindo um branco sorriso como se avistasse ao longe, no espaço, um espelho a refletir seu andar e sua beleza.

Nesta hora em que mesmo os cães gemem de dor ao sol que os aferra, que poderoso motivo leva a andar assim a preguiçosa Dorothée, bela e fria como o bronze?

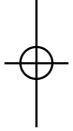
Por que terá deixado sua pequena choupana tão lindamente arrumada, onde as flores e as esteiras compõem, a bem pouco custo, um perfeito toucador; onde tem tanto prazer em se pentear, fumar, ser abanada ou se mirar no espelho dos seus grandes leques de plumas, enquanto o mar, batendo na praia a cem passos dali, dá a seus devaneios indecisos um poderoso e monótono acompanhamento, e que a marmitta de ferro, cozendo um ensopado de caranguejo com arroz e açafrão, lhe manda do fundo do pátio seus excitantes aromas?

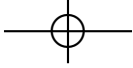
Ela talvez tenha um encontro com algum jovem oficial que em praias distantes tenha ouvido falar, pelos seus companheiros, da famosa Dorothée. Ela inevitavelmente há de suplicar, simples criatura, que ele lhe descreva o baile da Ópera, e perguntará se nele se pode ir de pés descalços, como nas danças de domingo em que até as velhas cafrinas ficam bêbadas e loucas de alegria; perguntará ainda se as belas damas de Paris são todas mais belas que ela.





Dorothée est admirée et choyée de tous, et elle serait parfaitement heureuse si elle n'était obligée d'entasser piastre sur piastre pour racheter sa petite sœur qui a bien onze ans, et qui est déjà mûre, et si belle ! Elle réussira sans doute, la bonne Dorothée ; le maître de l'enfant est si avare, trop avare pour comprendre une autre beauté que celle des écus !





Dorothée é admirada e mimada por todos, e seria completamente feliz se não fosse obrigada a juntar piastra por piastra para resgatar sua irmãzinha, que deve ter seus onze anos e já está madura, e tão linda! Há de conseguir, sem dúvida, a boa Dorothée; o dono da criança é tão sovina, demasiado sovina para entender outra beleza que não a das moedas!



0.26 LES YEUX DES PAUVRES

Ah! vous voulez savoir pourquoi je vous hais aujourd'hui. Il vous sera sans doute moins facile de le comprendre qu'à moi de vous l'expliquer; car vous êtes, je crois, le plus bel exemple d'imperméabilité féminine qui se puisse rencontrer.

Nous avons passé ensemble une longue journée qui m'avait paru courte. Nous nous étions bien promis que toutes nos pensées nous seraient communes à l'un et à l'autre, et que nos deux âmes désormais n'en feraient plus qu'une; — un rêve qui n'a rien d'original, après tout, si ce n'est que, rêvé par tous les hommes, il n'a été réalisé par aucun.

Le soir, un peu fatiguée, vous voulûtes vous asseoir devant un café neuf qui formait le coin d'un boulevard neuf, encore tout plein de gravois et montrant déjà glorieusement ses splendeurs inachevées. Le café étincelait. Le gaz lui-même y déployait toute l'ardeur d'un début, et éclairait de toutes ses forces les murs aveuglants de blancheur, les nappes éblouissantes des miroirs, les ors des baguettes et des corniches, les pages aux joues rebondies tramés par les chiens en laisse, les dames riant au faucon perché sur leur poing, les nymphes et les déesses portant sur leur tête des fruits, des pâtés et du gibier, les Hébés et les Ganymèdes présentant à bras tendu la petite amphore à bavaroises ou l'obélisque bicolore des glaces panachées; toute l'histoire et toute la mythologie mises au service de la goinfrerie.





0.26 OS OLHOS DOS POBRES

Ah! Você quer saber por que hoje a odeio. Será, sem dúvida, menos fácil para você entender do que, para mim, explicar; pois você é, me parece, o mais belo exemplo de impermeabilidade feminina que se possa encontrar.

Tínhamos passado juntos um longo dia que me parecera curto. Tínhamos deveras prometido um ao outro que todos os nossos pensamentos seriam comuns e que nossas duas almas seriam de ora em diante uma só — um sonho que nada tem de original, afinal, se não o fato de, sonhado por todos os homens, não ter sido realizado por nenhum.

À noite, um pouco cansada, você quis sentar-se frente a um café novo, que formava a esquina com uma avenida nova, ainda apinhada de cascalhos e já exibindo gloriosamente seus esplendores inacabados. O café reluzia. Até o gás ostentava ali todo o ardor de um começo e iluminava com toda força as paredes ofuscantes de brancura, a superfície deslumbrante dos espelhos, o ouro das molduras e cornijas, os pajens de faces roliças puxados por cães de coleira, as senhoras rindo para o falcão empoleirado em seus punhos, as ninfas e deusas carregando na cabeça frutas, caças e patês, as Hebes e os Ganimedes²⁴ estendendo os braços para oferecer a pequena ânfora de licores ou o obelisco bicolor dos sorvetes variados; toda a história e toda a mitologia a serviço da glotonaria.





Droit devant nous, sur la chaussée, était planté un brave homme d'une quarantaine d'années, au visage fatigué, à la barbe grisonnante, tenant d'une main un petit garçon et portant sur l'autre bras un petit être trop faible pour marcher. Il remplissait l'office de bonne et faisait prendre à ses enfants l'air du soir. Tous en guenilles. Ces trois visages étaient extraordinairement sérieux, et ces six yeux contemplaient fixement le café nouveau avec une admiration égale, mais nuancée diversement par l'âge.

Les yeux du père disaient : « Que c'est beau ! que c'est beau ! on dirait que tout l'or du pauvre monde est venu se porter sur ces murs. » — Les yeux du petit garçon : « Que c'est beau ! que c'est beau ! mais c'est une maison où peuvent seuls entrer les gens qui ne sont pas comme nous. » — Quant aux yeux du plus petit, ils étaient trop fascinés pour exprimer autre chose qu'une joie stupide et profonde.

Les chansonniers disent que le plaisir rend l'âme bonne et amollit le cœur. La chanson avait raison ce soir-là, relativement à moi. Non seulement j'étais attendri par cette famille d'yeux, mais je me sentais un peu honteux de nos verres et de nos carafes, plus grands que notre soif. Je tournais mes regards vers les vôtres, cher amour, pour y lire ma pensée ; je plongeais dans vos yeux si beaux et si bizarrement doux, dans vos yeux verts, habités par le Caprice et inspirés par la Lune, quand vous me dites : « Ces gens-là me sont insupportables avec leurs yeux ouverts comme des portes cochères ! Ne pourriez-vous pas prier le maître du café de les éloigner d'ici ? »

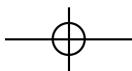




Bem em frente de nós, na calçada, quedava-se um bom homem de uns quarenta anos, de rosto cansado, barba grisalha, com uma das mãos segurando um menino e levando, no outro braço, uma criaturinha frágil demais para andar. Ele fazia as vezes de babá e trouxera os filhos para tomar o ar da noite. Todos em andrajos. Os três rostos eram extraordinariamente sérios e os seis olhos contemplavam fixamente o café novo com admiração igual, porém distintamente matizada pela idade.

Os olhos do pai diziam: “Que bonito! Que bonito! Parece que todo o ouro do pobre mundo veio encerrar-se nessas paredes”. Os olhos do menino: “Que bonito! Que bonito! Só que é uma casa onde só entra gente que não é como a gente”. Quanto aos olhos do menorzinho, estavam fascinados demais para expressar algo além de uma alegria estúpida e profunda.

Dizem os cantadores que o prazer torna a alma boa e amolece o coração. Quanto a mim, naquela noite, a canção estava certa. Eu me sentia não só comovido com aquela família de olhos, como envergonhado com nossos copos e jarras, maiores que a nossa sede. Voltei meu olhar para o seu, amor querido, para nele ler meu pensamento; mergulhava nos seus olhos tão lindos e estranhamente doces, seus olhos verdes habitados pelo Capricho e inspirados pela Lua, e então você disse: “Não suporto essa gente, esses olhos arregalados! Você não poderia pedir ao dono do café que os afastasse daqui?”





Tant il est difficile de s'entendre, mon cher ange, et
tant la pensée est incommunicable, même entre gens qui
s'aiment !





Tão difícil é se entender, meu anjo querido, e tão inco-
municável é o pensamento, mesmo entre quem se ama!





0.27 UNE MORT HÉROIQUE

Fancioulle était un admirable bouffon, et presque un des amis du Prince. Mais pour les personnes vouées par état au comique, les choses sérieuses ont de fatales attractions, et, bien qu'il puisse paraître bizarre que les idées de patrie et de liberté s'emparent despotiquement du cerveau d'un histrion, un jour Fancioulle entra dans une conspiration formée par quelques gentilshommes mécontents.

Il existe partout des hommes de bien pour dénoncer au pouvoir ces individus d'humeur atrabilaire qui veulent déposer les princes et opérer, sans la consulter, le déménagement d'une société. Les seigneurs en question furent arrêtés, ainsi que Fancioulle, et voués à une mort certaine.

Je croirais volontiers que le Prince fut presque fâché de trouver son comédien favori parmi les rebelles. Le Prince n'était ni meilleur ni pire qu'un autre ; mais une excessive sensibilité le rendait, en beaucoup de cas, plus cruel et plus despote que tous ses pareils. Amoureux passionné des beaux-arts, excellent connaisseur d'ailleurs, il était vraiment insatiable de voluptés. Assez indifférent relativement aux hommes et à la morale, véritable artiste lui-même, il ne connaissait d'ennemi dangereux que l'Ennui, et les efforts bizarres qu'il faisait pour fuir ou pour vaincre ce tyran du monde lui auraient certainement attiré, de la part d'un historien sévère, l'épithète de monstre : s'il avait été permis, dans ses domaines, d'écrire quoi que ce fût qui ne tendît pas uniquement au plaisir ou à l'étonnement, qui est une des formes les plus délicates du plaisir. Le grand malheur





0.27 UMA MORTE HEROICA

Fancioulle era um admirável bufão, e quase um amigo do Príncipe. Mas, para as pessoas votadas ao cômico por profissão, as coisas sérias possuem fatais atrativos e, mesmo que possa parecer estranho as ideias de pátria e liberdade se apossarem despoticamente do cérebro de um histrião, Fancioulle se envolveu certo dia numa conspiração formada por alguns fidalgos descontentes.

Existem em todo lugar homens de bem para denunciar ao poder esses indivíduos de humor atrabiliário que querem depor os príncipes e efetuar, sem consultá-la, a mudança de uma sociedade. Os senhores em questão foram presos, assim como Fancioulle, e condenados a uma morte certa.

Quero acreditar que o Príncipe ficou quase zangado ao perceber seu ator favorito entre os rebeldes. O Príncipe não era melhor nem pior que qualquer outro; mas uma excessiva sensibilidade o tornava, em muitos casos, mais déspota e mais cruel que todos os seus pares. Amante apaixonado das artes, excelente conhecedor por sinal, era de fato insaciável em volúpias. Um tanto indiferente em relação aos homens e à moral, verdadeiro artista ele próprio, como inimigo perigoso só conhecia o Tédio, e os esquisitos esforços que fazia para evitar ou vencer este tirano do mundo teriam decerto lhe valido, por parte de um historiador severo, o epíteto de monstro, caso fosse permitido escrever, nos seus domínios, o que quer que não tendesse unicamente para o prazer, e para o espanto, que é uma das mais delicadas formas de prazer. A grande má sorte deste Príncipe foi nunca





de ce Prince fut qu'il n'eut jamais un théâtre assez vaste pour son génie. Il y a de jeunes Nérons qui étouffent dans des limites trop étroites, et dont les siècles à venir ignorent toujours le nom et la bonne volonté. L'imprévoyante Providence avait donné à celui-ci des facultés plus grandes que ses Etats.

Tout d'un coup le bruit courut que le souverain voulait faire grâce à tous les conjurés ; et l'origine de ce bruit fut l'annonce d'un grand spectacle où Fancioulle devait jouer l'un de ses principaux et de ses meilleurs rôles, et auquel assisteraient même, disait-on, les gentilshommes condamnés ; signe évident, ajoutaient les esprits superficiels, des tendances généreuses du Prince offensé.

De la part d'un homme aussi naturellement et volontairement excentrique, tout était possible, même la vertu, même la clémence, surtout s'il avait pu espérer y trouver des plaisirs inattendus. Mais pour ceux qui, comme moi, avaient pu pénétrer plus avant dans les profondeurs de cette âme curieuse et malade, il était infiniment plus probable que le Prince voulait juger de la valeur des talents scéniques d'un homme condamné à mort. Il voulait profiter de l'occasion pour faire une expérience physiologique d'un intérêt *capital* et vérifier jusqu'à quel point les facultés habituelles d'un artiste pouvaient être altérées ou modifiées par la situation extraordinaire où il se trouvait ; au delà, existait-il dans son âme une intention plus ou moins arrêtée de clémence ? C'est un point qui n'a jamais pu être éclairci.





ter possuído um teatro vasto o bastante para a sua genialidade. Há jovens Neros que sufocam em limites demasiado estreitos, e cujo nome e boa vontade sempre serão ignorados nos séculos por vir. A este, a imprevidente Providência concedera talentos maiores que seus Estados.

Correu de repente o boato de que o soberano pretendia indultar todos os conjurados; e a origem deste boato foi o anúncio de um grande espetáculo em que Fancioulle representaria um dos seus principais e melhores papéis, e ao qual assistiriam inclusive, ao que diziam, os cavalheiros condenados; sinal evidente, acrescentavam os espíritos superficiais, das tendências generosas do Príncipe ofendido.

Vindo de um homem tão natural e voluntariamente excêntrico, tudo era possível, até mesmo a virtude, até mesmo a clemência, sobretudo se ele nela contasse encontrar prazeres inesperados. Mas para quem, como eu, lograva penetrar mais além nas profundezas daquela alma curiosa e doentia, era muitíssimo mais provável que o Príncipe quisesse avaliar os talentos cênicos de um homem condenado à morte. Queria aproveitar a oportunidade para fazer uma experiência fisiológica de interesse *capital*, e conferir até que ponto as faculdades habituais de um artista podiam ser mudadas ou alteradas pela situação extraordinária em que ele se encontrava; existiria, além disto, em sua alma, alguma intenção mais ou menos definida de clemência? É um ponto que nunca se pôde esclarecer.





Enfin, le grand jour arrivé, cette petite cour déploya toutes ses pompes, et il serait difficile de concevoir, à moins de l'avoir vu, tout ce que la classe privilégiée d'un petit Etat, à ressources restreintes, peut montrer de splendeurs pour une vraie solennité. Celle-là était doublement vraie, d'abord par la magie du luxe : étalé, ensuite par l'intérêt moral et mystérieux qui y était attaché.

Le sieur Fancioulle excellait surtout dans les rôles muets ou peu chargés de paroles, qui sont souvent les principaux dans ces drames féeriques dont l'objet est de représenter symboliquement le mystère de la vie. Il entra en scène légèrement et : avec une aisance parfaite, ce qui contribua à fortifier, dans le noble public, l'idée de douceur et de pardon.

Quand on dit d'un comédien : « Voilà un bon comédien », on se sert d'une formule qui implique que sous le personnage se laisse encore deviner le comédien, c'est-à-dire l'art, l'effort, la volonté. Or, si un comédien arrivait à être, relativement au personnage qu'il est chargé d'exprimer, ce que les meilleures statues de l'antiquité, miraculeusement animées, vivantes, marchantes, voyantes, seraient relativement à l'idée générale et confuse de beauté, ce serait là, sans doute, un cas singulier et tout à fait imprévu. Fancioulle fut, ce soir-là, une parfaite idéalisation, qu'il était impossible de ne pas supposer vivante, possible, réelle. Ce bouffon allait, venait, riait, pleurait, se convulsait, avec une indestructible auréole autour de la tête, auréole invisible pour tous, mais visible pour moi, et où se mêlaient, dans un étrange amalgame, les rayons de l'Art et la gloire du Martyre. Fan-





Chegado afinal o grande dia, a pequena corte exibiu toda a sua pompa, e seria difícil conceber, a menos de ter visto, tudo o que a classe privilegiada de um pequeno Estado de recursos restritos é capaz de mostrar numa verdadeira solenidade em matéria de esplendor. Aquela era duplamente verdadeira, primeiro pela magia do luxo ostentado, depois pelo interesse moral e misterioso a ela ligado.

O senhor Fancioulle se destacava sobretudo nos papéis mudos ou de pouca fala que, não raro, são os principais nesses dramas feéricos cujo objeto é representar simbolicamente o mistério da vida. Ele entrou em cena com leveza e uma naturalidade perfeita, o que contribuiu para fortalecer, no nobre público, a ideia de doçura e perdão.

Quando se diz de um ator: “É um bom ator”, está-se usando uma fórmula que implica que por detrás do personagem ainda transparece o ator, isto é, o esforço, a vontade. Ora, se um ator conseguisse ser, em relação ao personagem que lhe cabe expressar, o que seriam as melhores estátuas da antiguidade, milagrosamente animadas, vivas, andantes, videntes, em relação à ideia usual e confusa de beleza, este seria, sem dúvida, um caso singular e inteiramente imprevisível. Fancioulle foi, naquela noite, uma perfeita idealização, que era impossível não supor viva, possível, real. O bufão ia, vinha, ria, chorava, se convulsionava, com uma auréola indestrutível ao redor da cabeça, auréola invisível para todos, porém visível para mim, e na qual se mesclavam, num amálgama estranho, os clarões da Arte e a glória do Martírio. Fancioulle introduzia, por não sei que graça





ciouille introduisait, par je ne sais quelle grâce spéciale, le divin et le surnaturel, jusque dans les plus extravagantes bouffonneries. Ma plume tremble, et des larmes d'une émotion toujours présente me montent aux yeux pendant que je cherche à vous décrire cette inoubliable soirée. Fanciouille me prouvait, d'une manière péremptoire, irréfutable, que l'ivresse de l'Art est plus apte que toute autre à voiler les terreurs du gouffre ; que le génie peut jouer la comédie au bord de la tombe avec une joie qui l'empêche de voir la tombe, perdu, comme il est, dans un paradis excluant toute idée de tombe et de destruction.

Tout ce public, si blasé et frivole qu'il pût être, subit bientôt la toute-puissante domination de l'artiste. Personne ne rêva plus de mort, de deuil, ni de supplices. Chacun s'abandonna, sans inquiétude, aux voluptés multipliées que donne la vue d'un chef-d'œuvre d'art vivant. Les explosions de la joie et de l'admiration ébranlèrent à plusieurs reprises les voûtes de l'édifice : avec l'énergie d'un tonnerre continu. Le Prince lui-même, enivré, mêla ses applaudissements à ceux de sa cour.

Cependant, pour un œil clairvoyant, son ivresse, à lui, n'était pas sans mélange se sentait-il vaincu dans son pouvoir de despote ? humilié dans son art de terrifier les cœurs et d'engourdir les esprits ? frustré de ses espérances et bafoué dans ses prévisions ? De telles suppositions non exactement justifiées, mais, non absolument injustifiables, traversèrent mon esprit pendant que je contemplais le visage du Prince, sur lequel une pâleur nouvelle s'ajoutait sans cesse





especial, o divino e o sobrenatural até nos mais extravagantes gracejos. Minha pena estremece, e lágrimas de uma emoção sempre presente me vêm aos olhos enquanto procuro descrever esta noite inesquecível. Fancioulle estava me provando de maneira peremptória, irrefutável, que a embriaguez da Arte é mais apta que qualquer outra a ocultar os terrores do abismo; que o gênio pode representar à beira do túmulo, com uma alegria que o impede de ver o túmulo, perdido que está num paraíso que exclui toda ideia de túmulo e destruição.

Todo aquele público, por enfastiado e frívolo que pudesse ser, logo se submeteu ao todo-poderoso domínio do artista. Ninguém mais sonhava com morte, luto, ou suplícios. Cada qual se entregou, sem receio, às volúpias multiplicadas oferecidas pela visão de uma obra-prima da arte viva. As explosões de alegria e admiração abalaram repetidas vezes os arcos do edifício com a energia de um trovão continuado. O próprio Príncipe, embevecido, juntou seu aplauso aos da corte.

Entretanto, para um olhar perspicaz, sua embriaguez não era isenta de imissão. Estaria se sentido derrotado em seu poder de déspota? Humilhado em sua arte de aterrorizar os corações e embotar os espíritos? Frustrado em suas esperanças e escarnecido em suas previsões? Tais suposições, não exatamente justificadas, mas não de todo injustificáveis, atravessaram-me a mente enquanto eu contemplava o rosto do príncipe, no qual nova palidez se vinha incessantemente juntar-se à sua palidez habitual, como a neve se





à sa pâleur habituelle, comme la neige s'ajoute à la neige. Ses lèvres se resserraient de plus en plus, et ses yeux s'éclairaient d'un feu intérieur semblable à celui de la jalousie et de la rancune, même pendant qu'il applaudissait ostensiblement les talents de son vieil ami, l'étrange bouffon, qui bouffonnait si bien la mort. A un certain moment, je vis Son Altesse se pencher vers un petit page, placé derrière elle, et lui parler à l'oreille. La physionomie espiègle du joli enfant s'illumina d'un sourire ; et puis il quitta vivement la loge princière comme pour s'acquitter d'une commission urgente.

Quelques minutes plus tard un coup de sifflet aigu, prolongé, interrompit Fancioulle dans un de ses meilleurs moments, et déchira à la fois les oreilles et les cœurs. Et de l'endroit de la salle d'où avait jailli cette désapprobation inattendue, un enfant se précipitait dans un corridor avec des rires étouffés.

Fancioulle, secoué, réveillé dans son rêve, ferma d'abord les yeux, puis les rouvrit presque aussitôt, démesurément agrandis, ouvrit ensuite la bouche comme pour respirer convulsivement, chancela un peu en avant, un peu en arrière, et puis tomba roide mort sur les planches.

Le sifflet, rapide comme un glaive, avait-il réellement frustré le bourreau ? Le Prince avait-il lui-même deviné toute l'homicide efficacité de sa ruse ? Il est permis d'en douter. Regretta-t-il son cher et inimitable Fancioulle ? Il est doux et légitime de le croire.





junta à neve. Seus lábios se apertavam mais e mais, e seus olhos se iluminavam com um fogo interior semelhante ao da inveja e do rancor, mesmo enquanto aplaudia ostensivamente os talentos do seu velho amigo, o estranho bufão, que bufoneava tão bem a morte. Num certo momento, vi sua Alteza se virar para um pequeno pajem postado atrás dela, e lhe falar ao ouvido. A fisionomia marota do menino se iluminou num sorriso; e então ele deixou rapidamente o camarote do príncipe como que para cumprir alguma ordem urgente.

Alguns minutos mais tarde, um som de apito, agudo, prolongado, interrompeu Fancioulle num de seus melhores momentos, e lacerou a um só tempo ouvidos e corações. E do lugar da sala de onde surgira essa censura inesperada, uma criança se precipitava num corredor, com risos contidos.

Fancioulle, abalado, desperto de seu sonho, primeiro fechou os olhos, quase em seguida os reabriu, excessivamente dilatados, então abriu a boca como que a respirar convulsivamente, titubeou um pouco para frente, um pouco para trás, e então caiu morto sobre o palco.

O apito, rápido feito um gládio, teria realmente frustrado o carrasco? Teria o próprio Príncipe adivinhado toda a homicida eficácia do seu ardil? É permitido duvidar. Terá lastimado seu caro e inimitável Fancioulle? É doce e legítimo pensá-lo.





Les gentilshommes coupables avaient joui pour la dernière fois du spectacle de la comédie. Dans la même nuit ils furent effacés de la vie.

Depuis lors, plusieurs mimes, justement appréciés dans différents pays, sont venus jouer devant la cour de***; mais aucun d'eux n'a pu rappeler les merveilleux talents de Fancioulle, ni s'élever jusqu'à la même faveur.





Os fidalgos culpados haviam desfrutado pela última vez do espetáculo teatral. Na mesma noite foram riscados da vida.

Desde então, vários mímicos, devidamente apreciados em diferentes países, vieram representar perante a corte de ***; nenhum deles, porém, conseguiu evocar os fabulosos talentos de Fancioulle, nem alcançar os mesmos *favores*.





0.28 LA FAUSSE MONNAIE

Comme nous nous éloignons du bureau de tabac, mon ami fit un soigneux triage de sa monnaie ; dans la poche gauche de son gilet il glissa de petites pièces d'or, dans la droite, de petites pièces d'argent ; dans la poche gauche de sa culotte, une masse de gros sols, et enfin, dans la droite, une pièce d'argent de deux francs qu'il avait particulièrement examinée.

« Singulière et minutieuse répartition ! » me dis-je en moi-même.

Nous fîmes la rencontre d'un pauvre qui nous tendit sa casquette en tremblant. — Je ne connais rien de plus inquiétant que l'éloquence muette de ces yeux suppliants, qui contiennent à la fois, pour l'homme sensible qui sait y lire, tant d'humilité, tant de reproches. Il y trouve quelque chose approchant cette profondeur de sentiment compliqué, dans les yeux larmoyants des chiens qu'on fouette.

L'offrande de mon ami fut beaucoup plus considérable que la mienne, et je lui dis : « Vous avez raison, après le plaisir d'être étonné, il n'en est pas de plus grand que celui de causer une surprise. » « — C'était la pièce fausse », me répondit-il tranquillement, comme pour se justifier de sa prodigalité.

Mais dans mon misérable cerveau, toujours occupé à chercher midi à quatorze heures (de quelle fatigante faculté la nature m'a fait cadeau !) entra soudainement cette idée qu'une pareille conduite, de la part de mon ami, n'était excusable que par le désir de créer un événement dans la vie





0.28 A MOEDA FALSA

Enquanto nos afastávamos da tabacaria, meu amigo fez uma cuidadosa seleção do seu dinheiro; no bolso esquerdo do colete enfiou moedinhas de ouro, no direito moedinhas de prata; no bolso esquerdo da calça, um monte de tostões, e no direito, enfim, uma moeda de prata de dois francos que ele tinha especialmente examinado.

“Minuciosa e singular distribuição!”, pensei comigo mesmo.

Deparamos com um pobre que, tremendo, nos estendeu seu boné. Não conheço nada tão inquietante como a eloquência muda desses olhos suplicantes que contêm, ao mesmo tempo, tanta humildade e tanta censura para o homem sensível que neles sabe ler. Ele ali encontra algo que se aproxima da profundidade de sentimentos complicados nos olhos lacrimejantes dos cães açoitados.

A oferta do meu amigo foi bem mais considerável que a minha, e eu lhe disse: “Você tem razão; depois do prazer de surpreender-se, não há prazer maior que causar uma surpresa”. “Era a moeda falsa”, respondeu tranquilamente, como justificando sua prodigalidade.

Mas, no meu miserável cérebro sempre ocupado em complicar as coisas (com que cansativa faculdade a natureza me brindou!), surgiu de repente a ideia de que tal atitude, da parte do meu amigo, só era desculpável pelo desejo de criar um acontecimento na vida do pobre diabo, talvez até de





de ce pauvre diable, peut-être même de connaître les conséquences diverses, funestes ou autres, que peut engendrer une pièce fausse dans la main d'un mendiant. Ne pouvait-elle pas se multiplier en pièces vraies ? ne pouvait-elle pas aussi le conduire en prison ? Un cabaretier, un boulanger, par exemple, allait peut-être le faire arrêter comme faux monnayeur ou comme propagateur de fausse monnaie. Tout aussi bien la pièce fausse serait peut-être, pour un pauvre petit spéculateur, le germe d'une richesse de quelques jours. Et ainsi ma fantaisie allait son train, prêtant des ailes à l'esprit de mon ami et tirant toutes les déductions possibles de toutes les hypothèses possibles.

Mais celui-ci rompit brusquement ma rêverie en reprenant mes propres paroles : « Oui, vous avez raison ; il n'est pas de plaisir plus doux que de surprendre un homme en lui donnant plus qu'il n'espère. »

Je le regardai dans le blanc des yeux, et je fus épouvanté de voir que ses yeux brillaient d'une incontestable candeur. Je vis alors clairement qu'il avait voulu faire à la fois la charité et une bonne affaire ; gagner quarante sols et le cœur de Dieu ; emporter le paradis économiquement ; enfin attraper gratis un brevet d'homme charitable. Je lui aurais presque pardonné le désir de la criminelle jouissance dont je le supposais tout à l'heure capable ; j'aurais trouvé curieux, singulier, qu'il s'amusât à compromettre les pauvres ; mais je ne lui pardonnerai jamais l'ineptie de son calcul. On n'est jamais excusable d'être méchant, mais il y a quelque mérite



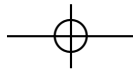


conhecer as consequências diversas, funestas ou outras, que uma moeda falsa é capaz de gerar na mão de um mendigo. Não poderia multiplicar-se em moedas verdadeiras? Ou então, não poderia levá-lo à prisão? Um taberneiro, um padeiro, por exemplo, talvez o mandasse prender como falsário ou propagador de dinheiro falso. Do mesmo modo, a moeda falsa talvez fosse, para um pobre especuladorzinho, o germe de uma riqueza de alguns dias. E assim prosseguia minha fantasia, dando asas ao espírito do meu amigo e tirando todas as deduções possíveis de todas as hipóteses possíveis.

Ele, porém, bruscamente interrompeu meu devaneio, retomando minhas próprias palavras: “Sim, você tem razão; não há prazer mais doce que o de surpreender um homem dando-lhe mais do que ele espera”.

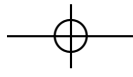
Olhei no fundo dos seus olhos, e me apavorei ao ver que brilhavam com incontestável candura. Então vi claramente que ele quisera, a um só tempo, fazer caridade e um bom negócio; ganhar quarenta tostões e o coração de Deus; ganhar o paraíso com economia; enfim, obter de graça um atestado de homem caridoso. Eu quase teria lhe perdoado o desejo do gozo criminoso de que há pouco o supunha capaz; teria achado curioso, singular, que se divertisse comprometendo os pobres; mas jamais lhe perdoarei a inépcia do seu cálculo. Nunca é perdoável sermos maus, mas há certo mérito em





à savoir qu'on l'est ; et le plus irréparable des vices est de
faire le mal par bêtise.





saber que o somos; e o mais irreparável dos vícios é praticar
o mal por tolice.





0.29 LE JOUEUR GÉNÉREUX

Hier, à travers la foule du boulevard, je me suis sentis frôlé par un Etre mystérieux que j'avais toujours désiré connaître, et que je reconnus tout de suite, quoique je ne l'eusse jamais vu. Il y avait sans doute chez lui, relativement à moi, un désir analogue, car il me fit, en passant, un clignement d'œil significatif auquel je me hâtai d'obéir. Je le suivis attentivement, et bientôt je descendis derrière lui dans une demeure souterraine, éblouissante, où éclatait un luxe dont aucune des habitations supérieures de Paris ne pourrait fournir un exemple approchant. Il me parut singulier que j'eusse pu passer si souvent à côté de ce prestigieux repaire sans en deviner l'entrée. Là régnait une atmosphère exquise, quoique capiteuse, qui faisait oublier presque instantanément toutes les fastidieuses horreurs de la vie ; on y respirait une béatitude sombre, analogue à celle que durent éprouver les mangeurs de lotus quand, débarquant dans une île enchantée, éclairée des lueurs d'une éternelle après-midi, ils sentirent naître en eux, aux sons assoupissants des mélodieuses cascades, le désir de ne jamais revoir leurs pé-nates, leurs femmes, leurs enfants, et de ne jamais remonter sur les hautes lames de la mer.

Il y avait là des visages étranges d'hommes et de femmes, marqués d'une beauté fatale, qu'il me semblait avoir vus déjà à des époques et dans des pays dont il m'était possible de me souvenir exactement, et qui m'inspiraient plutôt une sympathie fraternelle que cette crainte qui naît ordinairement à l'aspect de l'inconnu. Si je voulais essayer de définir





0.29 O JOGADOR GENEROSO

Ontem, em meio à multidão da avenida, senti que era tocado de leve por um Ser misterioso que eu sempre desejara conhecer, e que reconheci de imediato mesmo sem nunca tê-lo visto. Havia decerto nele, em relação a mim, um desejo análogo, pois lançou-me, ao passar uma piscadela significativa à qual me apressei em obedecer. Segui-o atentamente, e logo estava descendo atrás dele numa morada subterrânea, deslumbrante, em que resplandecia um luxo do qual nenhuma das habitações superiores de Paris poderia dar um exemplo aproximado. Pareceu-me singular que eu pudesse ter passado tantas vezes ao lado daquele prestigioso esconderijo sem perceber-lhe a entrada. Ali reinava uma atmosfera deleitável, embora capitosa, que levava a esquecer quase instantaneamente todos os fastidiosos horrores da vida; ali se respirava uma beatitude sombria, análoga à que devem ter experimentado os comedores de lótus²⁵ quando, ao desembarcarem numa ilha encantada, iluminada pelos clarões de uma tarde eterna, sentiram nascer em si, ao som entorpecente das melodiosas cascatas, o desejo de não mais rever seus lares, suas mulheres, seus filhos, e não mais retornar às altas vagas do mar.

Havia ali rostos estranhos de homens e mulheres marcados por uma beleza fatal, que me parecia já ter avistado em épocas e terras que era impossível lembrar exatamente, e me inspiravam antes uma simpatia fraternal do que esse temor que comumente nasce ante o desconhecido. Se eu quisesse tentar definir de algum modo a singular expressão





d'une manière quelconque l'expression singulière de leurs regards, je dirais que jamais je ne vis d'yeux brillant plus énergiquement de l'horreur de l'ennui et du désir immortel de se sentir vivre.

Mon hôte et moi, nous étions déjà, en nous asseyant, de vieux et parfaits amis. Nous mangeâmes, nous bûmes outre mesure de toutes sortes de vins extraordinaires et, chose non moins extraordinaire, il me semblait, après plusieurs heures, que je n'étais pas plus ivre que lui. Cependant le jeu, ce plaisir surhumain, avait coupé à divers intervalles nos fréquentes libations, et je dois dire que j'avais joué, et perdu : mon âme, en partie liée, avec une insouciance et une légèreté héroïques. L'âme est une close si impalpable, si souvent inutile et quelquefois si gênante, que je n'éprouvai quant à cette perte, qu'un peu moins d'émotion que si j'avais égaré, dans une promenade, ma carte de visite.

Nous fumâmes lentement quelques cigares dont la saveur et le parfum incomparables donnaient à l'âme la nostalgie de pays et de bonheurs inconnus, et, enivré de toutes ces délices, j'osai, dans un accès de familiarité qui ne parut pas lui déplaire, m'écrier, en m'emparant d'une coupe pleine jusqu'au bord : "A votre immortelle santé, vieux Bouc!".

Nous causâmes aussi de l'univers, de sa création et de sa future destruction ; de la grande idée du siècle, c'est-à-dire du progrès et de la perfectibilité, et, en général, de toutes les formes de l'infatuation humaine. Sur ce sujet-là, Son Altesse ne tarissait pas en plaisanteries légères et irréfutables, et elle s'exprimait avec une suavité de diction et une tranquillité



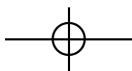


do seu olhar, diria que nunca vi olhos brilhando com mais energia de horror ao tédio e desejo imortal de se sentir vivo.

Meu anfitrião e eu já éramos, ao nos sentarmos, perfeitos e velhos amigos. Comemos, bebemos além da medida toda sorte de vinhos extraordinários e, fato não menos extraordinário, pareceu-me que passadas várias horas estávamos ambos igualmente sóbrios. Entretanto, o jogo, este prazer sobre-humano, tinha repartido em vários intervalos nossas frequentes libações, e devo dizer que eu havia apostado e perdido minha alma, num mútuo acordo, com indiferença e levandade heroicas. A alma é uma coisa tão impalpável, tantas vezes inútil e às vezes tão incômoda, que eu apenas sentia, em relação a esta perda, pouco menos emoção que se tivesse extraviado, durante um passeio, meu cartão de visitas.

Fumamos demoradamente alguns charutos, cujo sabor e aroma incomparáveis traziam à alma a nostalgia de terras e venturas ignoradas; e, bêbado dessas tantas delícias, ousei, num acesso de familiaridade que não pareceu desagradá-lhe, exclamar, apossando-me de uma taça cheia até à borda: “A sua imortal saúde, velho Bode!”.

Conversamos também sobre o universo, sua criação e futura destruição; sobre a grande ideia do século, ou seja, sobre o progresso e a perfectibilidade e, genericamente, sobre todas as formas da enfação humana. Sobre este assunto, Sua Alteza não esgotava brincadeiras leves e irrefutáveis, e se expressava com uma suavidade na dicção e uma tranquilidade no gracejo que não encontrei em nenhum dos mais





dans la drôlerie que je n'ai trouvées dans aucun des plus célèbres causeurs de l'humanité. Elle m'expliqua l'absurdité des différentes philosophies qui avaient jusqu'à présent pris possession du cerveau humain, et daigna même me faire confiance de quelques principes fondamentaux dont il ne me convient pas de partager les bénéfices et la propriété avec qui que ce soit. Elle ne se plaignit en aucune façon de la mauvaise réputation dont elle jouit dans toutes les parties du monde, m'assura qu'elle était, elle-même, la personne la plus intéressée à la destruction de la *superstition*, et m'avoua qu'elle n'avait eu peur, relativement à son propre pouvoir, qu'une seule fois, c'était le jour où elle avait entendu un prédicateur, plus subtil que ses confrères, s'écrier en chaire : « Mes chers frères, n'oubliez jamais, quand vous entendrez vanter le progrès des lumières, que la plus belle des ruses du diable est de vous persuader qu'il n'existe pas ! »

Le souvenir de ce célèbre orateur nous conduisit naturellement vers le sujet des académies, et mon étrange convive m'affirma qu'il ne dédaignait pas, en beaucoup de cas, d'inspirer la plume, la parole et la conscience des pédagogues ; et qu'il assistait presque toujours en personne, quoique invisible, à toutes les séances académiques.

Encouragé par tant de bontés, je lui demandai des nouvelles de Dieu, et s'il l'avait vu récemment. Il me répondit, avec une insouciance nuancée d'une certaine tristesse : « Nous nous saluons quand nous nous rencontrons, mais comme deux vieux gentilshommes, en qui une politesse in-





famosos conversadores da humanidade. Ele me explicou o absurdo das diferentes filosofias que tinham até o momento tomado conta do cérebro humano e até dignou confiar-me alguns princípios fundamentais cujos benefícios e propriedade não me convém partilhar com quem quer que seja. Não se queixou de maneira nenhuma da má reputação de que goza em todas as partes do mundo, assegurou-me de que ela mesma era a pessoa mais interessada na destruição da *superstição*, e confessou que uma só vez tinha sentido medo, em relação ao seu próprio poder, e isso no dia em que ouvira um pregador, mais sutil que seus colegas, excluir da cátedra: “Caros irmãos, nunca se esqueçam, quando ouvirem louvar o progresso das luzes, que a maior astúcia do diabo é persuadi-los de que ele não existe!”.

A lembrança deste célebre orador nos conduziu naturalmente ao assunto das academias, e meu estranho conviva me afirmou que não se negava, em muitos casos, a inspirar a pena, a palavra e a consciência dos pedagogos e que quase sempre assistia pessoalmente, se bem que invisível, a todas as sessões acadêmicas.

Encorajado por tantas bondades, perguntei-lhe se tinha notícias de Deus, se o tinha avistado recentemente. Respondeu-me com uma despreocupação matizada de certa tristeza: “Nos cumprimentamos quando nos encontramos, mas como dois velhos cavalheiros em que uma cortesia inata não chega a apagar por completo a lembrança de antigos rancores”.





née ne saurait éteindre tout à fait le souvenir d'anciennes rancunes. »

Il est douteux que Son Altesse ait jamais donné une si longue audience à un simple mortel, et je craignais d'abuser. Enfin, comme l'aube frissonnante blanchissait les vitres, ce célèbre personnage, chanté par tant de poètes et servi par tant de philosophes qui travaillent à sa gloire sans le savoir, me dit : « Je veux que vous gardiez de moi un bon souvenir, et vous prouver que Moi, dont on dit tant de mal, je suis quelquefois *bon diable*, pour me servir d'une de vos locutions vulgaires. Afin de compenser la perte irrémédiable que vous avez faite de votre âme, je vous donne l'enjeu que vous auriez gagné si le sort avait été pour vous, c'est-à-dire la possibilité de soulager et de vaincre, pendant toute votre vie, cette bizarre affection de l'Ennui, qui est la source de toutes vos maladies et de tous vos misérables progrès. Jamais un désir ne sera formé par vous, que je ne vous aide à le réaliser, vous régnerez sur vos vulgaires semblables ; vous serez fourni de flatteries et même d'adorations ; l'argent, l'or, les diamants, les palais féeriques, viendront vous chercher et vous prieront de les accepter, sans que vous ayez fait un effort pour les gagner : vous changerez de patrie et de contrée aussi souvent que votre fantaisie vous l'ordonnera ; vous vous soûlerez de voluptés, sans lassitude, dans des pays charmants où il fait toujours chaud et où les femmes sentent aussi bon que les fleurs, — et caetera, et caetera... », ajouta-t-il en se levant et en me congédiant avec un bon sourire.





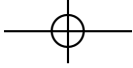
“É pouco provável que Sua Alteza tenha alguma vez dado tão longa audiência a um simples mortal, e eu temia abusar. Por fim, quando a aurora, estremecendo, já embranquecia as vidraças, o célebre personagem, decantado por tantos poetas e servido por tantos filósofos que, sem saber, trabalham para a sua glória, disse-me: Quero que guarde de mim uma boa recordação, e provar que Eu, de quem se diz tanto mal, sou por vezes um *bom diabo*, para usar uma de suas locuções corriqueiras. A fim de o compensar pela perda irremediável de sua alma, dou-lhe o cacife que teria ganho se a sorte o tivesse acompanhado, ou seja, a possibilidade de aliviar e vencer, durante toda a sua vida, esta estranha afecção que é o Tédio, fonte de todas as suas doenças e todos os seus miseráveis progressos. Jamais haverá desejo por você formulado que eu não o ajude a realizar; você reinará sobre seus vulgos semelhantes; será cumulado de adulações, e até adorações; a prata, o ouro, os diamantes, os palácios feéricos virão buscá-lo e suplicar que os aceite, sem você ter feito um esforço sequer para obtê-los; você mudará de pátria e região tantas vezes quanto a sua fantasia ordenar; se embriagará de volúpias, sem lassidão, em terras encantadoras onde faz sempre calor e as mulheres têm o cheiro bom das flores — et cetera... et cetera...” acrescentou, erguendo-se e me despedindo com um belo sorriso.





Si ce n'eût été la crainte de m'humilier devant une aussi grande assemblée, je serais volontiers tombé aux pieds de ce joueur généreux, pour le remercier de son inouïe munificence. Mais peu à peu, après que je l'eus quitté, l'incurable défiance rentra dans mon sein ; je n'osais plus croire à un si prodigieux bonheur, et, en ne couchant, faisant encore ma prière par un reste d'habitude imbécile, je répétais dans un demi-sommeil : « Mon Dieu et Seigneur, mon Dieu ! faites que le diable me tienne sa parole ! »






Não fosse o temor de me humilhar perante tamanha assembleia, eu teria de bom grado caído aos pés daquele jogador generoso para agradecer sua incrível munificência. Mas pouco a pouco, após tê-lo deixado, a incurável desconfiança foi penetrando meu peito; já não ousava acreditar em tão prodigiosa sorte e, ao deitar-me, ainda rezando por um resquício de hábito inepto, repetia numa semi-sonolência: “Meu Deus! Senhor, meu Deus! Faça com que o diabo cumpra com sua palavra!”




0.30 LA CORDE

A Edouard Manet



« Les illusions, — me disait mon ami, — sont aussi innombrables peut-être que les rapports les hommes entre eux, ou des hommes avec les choses. Et quand l'illusion disparaît, c'est-à-dire quand nous voyons l'être ou le fait tel qu'il existe en dehors de nous. nous éprouvons un bizarre sentiment, compliqué moitié de regret pour le fantôme disparu, moitié de surprise agréable devant la nouveauté, devant le fait réel. S'il existe un phénomène évident, trivial, toujours semblable, et d'une nature à laquelle il soit impossible de se tromper, c'est l'amour maternel. Il est aussi difficile de supposer une mère sans amour maternel qu'une lumière sans chaleur ; n'est-il donc pas parfaitement légitime d'attribuer à l'amour maternel toutes les actions et les paroles d'une mère, relatives à son enfant ? Et cependant écoutez cette petite histoire, où j'ai été singulièrement mystifié par l'illusion la plus naturelle.


« Ma profession de peintre me pousse à regarder attentivement les visages, les physionomies, qui s'offrent dans ma route, et vous savez quelle jouissance nous tirons de cette faculté qui rend à nos yeux la vie plus vivante et plus significative que pour les autres hommes. Dans le quartier reculé que j'habite, et où de vastes espaces gazonnés séparent encore les bâtiments, j'observai souvent un enfant dont la physionomie ardente et espiègle, plus que toutes les autres, me séduisit tout d'abord. Il a posé plus d'une fois






0.30 A CORDA

Para Edouard Manet



“As ilusões” — me dizia meu amigo — “talvez sejam tantas quanto as relações dos homens entre si, ou dos homens com as coisas. E quando a ilusão desaparece, ou seja, quando enxergamos o ser ou o fato tal como existe fora de nós, experimentamos um sentimento estranho, complicado em parte pela perda do fantasma esvanecido, em parte pela agradável surpresa ante a novidade, ante o fato real. Se existe um fenômeno evidente, trivial, sempre igual, e de natureza tal que é impossível se enganar, é o amor materno. É tão difícil supor uma mãe sem amor materno quanto uma luz sem calor; não será perfeitamente legítimo atribuir ao amor materno todas as ações e palavras de uma mãe em relação ao seu filho? E, no entanto, escute esta pequena história em que fui singularmente mistificado pela ilusão mais natural”.



“Minha profissão de pintor me leva a olhar atentamente os rostos, as fisionomias que se apresentam em meu caminho, e você sabe que prazer nos traz esta faculdade, que torna aos nossos olhos a vida mais viva e mais significativa que para os outros homens. No bairro afastado onde moro, em que amplos espaços gramados ainda separam os prédios, observei frequentemente um menino cuja fisionomia ardente e marota, mais que todas as outras, me seduziu a princípio. Ele posou mais de uma vez para mim, e eu o transformei ora em pequeno cigano, ora em anjo, ora em Amor mitológico. Eu o fiz usar o violino do andarilho, a Coroa de



pour moi, et je l'ai transformé tantôt en petit bohémien, tantôt en ange, tantôt en Amour mythologique. Je lui ai fait porter le violon du vagabond, la couronne d'Epines et les clous de la Passion, et la Torche d'Eros. Je pris enfin à toute la drôlerie de ce gamin un plaisir si vif, que je priai un jour ses parents, de pauvres gens, de vouloir bien me le céder, promettant de bien l'habiller, de lui donner quelque argent et de ne pas lui imposer d'autre peine que de nettoyer mes pinceaux et de faire mes commissions. Cet enfant débarbouillé devint charmant, et la vie qu'il menait chez moi lui semblait un paradis, comparativement à celle qu'il aurait subie dans le taudis paternel. Seulement je dois dire que ce petit bonhomme m'étonna quelquefois par des crises singulières de tristesse précoce, et qu'il manifesta bientôt un goût immodéré pour le sucre et les liqueurs ; si bien qu'un jour où je constatai que, malgré mes nombreux avertissements, il avait encore commis un nouveau larcin de ce genre, je le menaçai de le renvoyer à ses parents. Puis je sortis, et mes affaires me retinrent assez longtemps hors de chez moi.

« Quels ne furent pas mon horreur et mon étonnement quand, rentrant à la maison, le premier objet qui frappa mes regards fut mon petit bonhomme, l'espiègle compagnon de ma vie, pendu au panneau de cette armoire ! Ses pieds touchaient presque le plancher ; une chaise, qu'il avait sans doute repoussée du pied, était renversée à côté de lui ; sa tête était penchée convulsivement sur une épaule ; son visage, boursoufflé, et ses yeux, tout grands ouverts avec une fixité effrayante, me causèrent d'abord l'illusion de la vie.





Espinhos, e os Pregos da Paixão, e a Tocha de Eros. Enfim, aquela graça toda do garoto causava-me tamanho prazer que um dia roguei aos seus pais, gente pobre, que consentissem em me cedê-lo, prometendo bem vesti-lo, dar-lhe algum dinheiro e não lhe impor outra tarefa que não limpar meus pincéis e fazer minhas compras. O menino, depois de limpo, ficou encantador, e a vida que levava comigo lhe parecia um paraíso se comparada à que suportaria no casebre paterno. Devo dizer, porém, que o homenzinho por vezes me espantou com singulares crises de tristeza precoce, e logo manifestou um gosto imoderado pelo açúcar e pelos licores; de sorte que um dia, ao constatar que apesar de minhas inúmeras advertências ele cometera um novo furto desta espécie, ameacei mandá-lo de volta para seus pais. Em seguida saí, e meus negócios me retiveram bastante tempo fora de casa.

“Qual não foi meu horror e meu espanto quando, ao chegar em casa, o primeiro objeto que atraiu meu olhar foi meu homenzinho, o maroto companheiro de minha vida, enforcado na porta deste armário!²⁶ Seus pés quase encostavam no assoalho; uma cadeira, que ele decerto empurrara com os pés, estava derrubada ao seu lado; sua cabeça estava convulsivamente inclinada sobre um dos ombros; seu rosto, intumescido, e seus olhos, arregalados com assustadora fixidez, primeiro me deram ilusão de vida. Desenforcá-lo não





Le dépendre n'était pas une besogne aussi facile que vous le pouvez croire. Il était déjà fort roide, et j'avais une répugnance inexplicable à le faire brusquement tomber sur le sol. Il fallait le soutenir tout entier avec un bras, et, avec la main de l'autre bras, couper la corde. Mais cela fait, tout n'était pas fini ; le petit monstre s'était servi d'une ficelle fort mince qui était entrée profondément dans les chairs, et il fallait maintenant, avec de minces ciseaux, chercher la corde entre les deux bourrelets de l'enflure, pour lui dégager le cou.

« J'ai négligé de vous dire que j'avais vivement appelé au secours ; mais tous mes voisins avaient refusé de me venir en aide, fidèles en cela aux habitudes de l'homme civilisé, qui ne veut jamais, je ne sais pourquoi, se mêler des affaires d'un pendu. Enfin vint un médecin qui déclara que l'enfant était mort depuis plusieurs heures. Quand, plus tard, nous eûmes à le déshabiller pour l'ensevelissement, la rigidité cadavérique était telle, que, désespérant de fléchir les membres, nous dûmes lacérer et couper les vêtements pour les lui enlever.

« Le commissaire, à qui, naturellement, je dus déclarer l'accident, me regarda de travers et me dit : « Voilà qui est louche ! » mû sans doute par un désir invétéré et une habitude d'état de faire peur, à tout hasard, aux innocents comme aux coupables.

« Restait une tâche suprême à accomplir, dont la seule pensée me causait une angoisse terrible : il fallait avertir les parents. Mes pieds refusaient de m'y conduire. Enfin



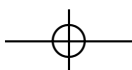


era tarefa tão fácil como você poderia pensar. Ele já estava bastante rijo, e eu sentia inexplicável repugnância em deixá-lo bruscamente cair ao chão. Precisei sustê-lo por inteiro com um dos braços e, com a mão do outro braço, cortar a corda. Mas, feito isto, não estava tudo pronto; o monstrinho usara um cordão bem fino que penetrara profundamente nas carnes, e eu tinha agora, com uma tesoura fina, de procurar a corda entre duas dobras da inchação para livrar seu pescoço.

“Omiti lhe contar que eu rapidamente chamara por socorro; mas todos os vizinhos se negaram a vir me ajudar, fiéis neste sentido aos hábitos do homem civilizado, que nunca quer, não sei por quê, se envolver em histórias de enforcado. Chegou enfim um médico, o qual declarou que a criança estava morta há várias horas. Quando, mais tarde, tivemos de despi-la para o sepultamento, a rigidez cada-vérica era tal que, desistindo de flexionar seus membros, tivemos de lacerar e cortar suas roupas para tirá-las.

“O delegado a quem tive, naturalmente, de declarar o acidente, me olhou atravessado e disse: “Isto tudo é meio suspeito”, movido, sem dúvida, por um desejo inveterado e por um hábito profissional de assustar, por via das dúvidas, tanto os inocentes quanto os culpados.

“Faltava cumprir uma tarefa suprema que me causava, só de pensar, uma angústia terrível: precisava avisar os pais. Meus pés se negavam a me levar. Tive, enfim, esta coragem.





j'eus ce courage. Mais, à mon grand étonnement, la mère fut impassible, pas une larme ne suinta du coin de son œil. J'attribuai cette étrangeté à l'horreur même qu'elle devait éprouver, et je me souvins de la sentence connue : « Les douleurs les plus terribles sont les douleurs muettes. » Quant au père, il se contenta de dire d'un air moitié abruti, moitié rêveur : « Après tout, cela vaut peut-être mieux ainsi ; il aurait toujours mal fini ! »

« Cependant le corps était étendu sur mon divan, et, assisté d'une servante, je m'occupais des derniers préparatifs, quand la mère entra dans mon atelier. Elle voulait, disait-elle, voir le cadavre de son fils. Je ne pouvais pas, en vérité, l'empêcher de s'enivrer de son malheur et lui refuser cette suprême et sombre consolation. Ensuite elle me pria de lui montrer l'endroit où son petit s'était pendu. « Oh ! non ! madame, — lui répondis-je, — cela vous ferait mal. » Et comme involontairement mes yeux se tournaient vers la funèbre armoire, je m'aperçus, avec un dégoût mêlé d'horreur et de colère, que le clou était resté fiché dans la paroi, avec un long bout de corde qui traînait encore. Je m'élançai vivement pour arracher ces derniers vestiges du malheur, et comme j'allais les lancer au dehors par la fenêtre ouverte, la pauvre femme saisit mon bras et me dit d'une voix irrésistible : « Oh ! monsieur ! laissez-moi cela ! je vous en prie ! je vous en supplie ! » Son désespoir l'avait, sans doute, me parut-il, tellement affolée, qu'elle s'éprenait de tendresse maintenant pour ce qui avait servi d'instrument à la mort





Mas, para o meu grande espanto, a mãe se manteve impassível, não gotejou nenhuma lágrima do canto dos seus olhos. Atribuí esta estranheza ao próprio horror que devia estar sentindo e lembrei da máxima conhecida: “As dores mais terríveis são as dores caladas”. Quanto ao pai, contentou-se em dizer, de um jeito meio entorpecido, meio pensativo: “Afinal, talvez fosse melhor assim; ele, de qualquer forma, teria acabado mal!”

“Entretanto, o corpo estava estendido em meu sofá; assistido por uma empregada, eu tratava dos últimos preparativos, quando entrou a mãe no meu ateliê. Queria ver, dizia, o cadáver do seu filho. Eu não podia, na verdade, impedi-la de embriagar-se com sua desgraça e negar-lhe aquele supremo e sombrio consolo. Em seguida, rogou-me que lhe mostrasse o local onde seu menino se enforcara. “Oh! não!” — respondi —, “vai ser doído para a senhora”. E, ao voltar involuntariamente os olhos para o armário funesto, percebi, com um nojo mesclado de horror e raiva, que o prego tinha ficado cravado na madeira, com um comprido pedaço de corda ainda pendurado. Adiantei-me rapidamente para arrancar aqueles últimos vestígios da desgraça e estava para jogá-los pela janela aberta, quando a pobre mulher agarrou meu braço e disse com voz irresistível: “Oh! Senhor! Deixe isto para mim! Eu lhe peço! Eu lhe suplico!” Seu desespero, assim me pareceu, decerto a perturbara tanto que ela agora se tomava de ternura pelo que servira de instrumento para





de son fils et le voulait garder comme une horrible et chère relique. — Et elle s'empara du clou et de la ficelle.

« Enfin ! enfin ! tout était accompli. Il ne me restait plus qu'à me remettre au travail, plus vivement encore que d'habitude, pour chasser peu à peu ce petit cadavre qui hantait les replis de mon cerveau, et dont le fantôme me fatiguait de ses grands yeux fixes. Mais le lendemain je reçus un paquet de lettres : les unes, des locataires de ma maison, quelques autres des maisons voisines ; l'une, du premier étage ; l'autre, du second ; l'autre, du troisième, et ainsi de suite, les unes en style demi-plaisant, comme cherchant à déguiser sous un apparent badinage la sincérité de la demande ; les autres, lourdement effrontées et sans orthographe, mais toutes tendant au même but, c'est-à-dire à obtenir de moi un morceau de la funeste et béatifique corde. Parmi les signataires il y avait, je dois le dire, plus de femmes que d'hommes ; mais tous, croyez-le bien, n'appartenaient pas à la classe infime et vulgaire. J'ai gardé ces lettres.

« Et alors, soudainement, une lueur se fit dans mon cerveau, et je compris pourquoi la mère tenait tant à m'arracher la ficelle et par quel commerce elle entendait se consoler. »





a morte do filho, e queria guardá-lo como a uma horrível e cara relíquia. E apoderou-se do prego e do cordão”.

“Enfim! enfim! estava tudo terminado. Só me restava voltar ao trabalho, ainda mais intensamente que de costume, para ir expulsando aos poucos o pequeno cadáver que assombrava as dobras do meu cérebro e cujo fantasma me cansava com seus grandes olhos fixos. Dia seguinte, porém, recebi um pacote de cartas: umas dos inquilinos do meu prédio, algumas dos prédios vizinhos; uma do primeiro andar, outra do segundo, outra do terceiro, e assim por diante; umas em estilo semibrincalhão, como tentando disfarçar com um aparente gracejo a sinceridade do pedido, outras pesadamente atrevidas e sem ortografia, mas todas tendendo ao mesmo objetivo, ou seja, obter de mim um pedaço da funesta e beatífica corda.” Entre os signatários havia, devo dizer, mais mulheres que homens, mas nem todos, acredite, pertenciam à classe ínfima e vulgar. Guardei aquelas cartas.

“E então, de súbito, fez-se uma luz no meu cérebro, e compreendi por que a mãe fazia tanta questão de me arrancar o cordão e através de que comércio pretendia consolar-se.”





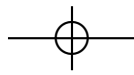
0.31 LES VOCATIONS

Dans un beau jardin où les rayons d'un soleil automnal semblaient s'attarder à plaisir, sous un ciel déjà verdâtre où des nuages d'or flottaient comme des continents en voyage, quatre beaux enfants, quatre garçons, las de jouer sans doute, causaient entre eux.

L'un disait : « Hier on m'a mené au théâtre. Dans des palais grands et tristes, au fond desquels on voit la mer et le ciel, des hommes et des femmes, sérieux et tristes aussi, mais bien plus beaux et bien mieux habillés que ceux que nous voyons partout, parlent avec une voix chantante. Ils se menacent, ils supplient, ils se désolent ; et ils appuient souvent leur main sur un poignard enfoncé dans leur ceinture. Ah ! c'est bien beau ! Les femmes sont bien plus belles et bien plus grandes que celles qui viennent nous voir à la maison, et, quoique avec leurs grands yeux creux et leurs joues enflammées elles aient l'air terrible, on ne peut pas s'empêcher de les aimer. On a peur, on a envie de pleurer, et cependant l'on est content... Et puis, ce qui est plus singulier, cela donne envie d'être habillé de même, de dire et de faire les mêmes choses, et de : parler avec la même voix... »

L'un des quatre enfants, qui depuis quelques secondes n'écoutait plus le discours de son camarade et observait avec une fixité étonnante je ne sais quel point du ciel, dit tout à coup : « Regardez, regardez là-bas... ! Le voyez-vous ? *Il* est assis sur ce petit nuage isolé, ce petit nuage couleur de feu, qui marche doucement. *Lui* aussi, on dirait qu'il nous regarde. »



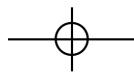


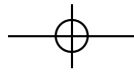
0.31 AS VOCAÇÕES

Num belo jardim em que os raios de um sol outonal pareciam se demorar à vontade, sob um céu já esverdeado em que nuvens de ouro flutuavam feito continentes em viagem, quatro lindas crianças, quatro meninos, sem dúvida cansados de brincar, conversavam entre si.

Dizia um deles: “Ontem, levaram-me ao teatro. Em palácios grandes e tristes, por trás dos quais se vê o mar e o céu, homens e mulheres, sérios e tristes também, mas bem mais bonitos e mais bem vestidos que aqueles que vemos em todo lugar, falam com voz cantante. Eles se ameaçam, suplicam, se desolam, e volta e meia apoiam a mão num punhal enfiado em seu cinto. Ah! É tão bonito! As mulheres são bem mais lindas e mais altas que as que vêm nos visitar e embora, com seus grandes olhos fundos e suas faces inflamadas, tenham um ar terrível, não podemos deixar de amá-las. Sentimos medo, vontade de chorar e, no entanto, estamos contentes... E, além disso, o que é mais singular, dá vontade de estar vestido da mesma maneira, de dizer e fazer as mesmas coisas e falar com a mesma voz...”

Uma das quatro crianças, que há alguns segundos já não escutava o discurso do seu companheiro e observava com fixidez surpreendente não sei que ponto no céu, disse de repente: “Olhem, olhem lá... ! Vocês o estão vendo? Está sentado naquela nuvenzinha isolada, naquela nuvenzinha cor de fogo, que anda de mansinho. *Ele* também parece estar nos olhando”.

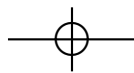




« Mais qui donc ? » demandèrent les autres.

« Dieu ! répondit-il avec un accent parfait de conviction. Ah ! il est déjà bien loin ; tout à l'heure vous ne pourrez plus le voir. Sans doute, il voyage, pour visiter tous les pays. Tenez, il va passer derrière cette rangée d'arbres qui est presque à l'horizon... et maintenant il descend derrière le clocher... Ah ! on ne le voit plus ! » Et l'enfant resta longtemps tourné du même côté, fixant sur la ligne qui sépare la terre du ciel des yeux où brillait une inexprimable expression d'extase et de regret.

« Est-il bête, celui-là, avec son bon Dieu, que lui seul peut apercevoir ! » dit alors le troisième, dont toute la petite personne était marquée d'une vivacité et d'une vitalité singulières. « Moi, je vais vous raconter comment il m'est arrivé quelque chose qui ne vous est jamais arrivé, et qui est un peu plus intéressant que votre théâtre et vos nuages. — Il y a quelques jours, mes parents m'ont emmené en voyage avec eux, et, comme dans l'auberge où nous nous sommes arrêtés, il n'y avait pas assez de lits pour nous tous, il a été décidé que je dormirais dans le même lit que ma bonne. » — Il attira ses camarades plus près de lui, et parla d'une voix plus basse. — « Ça fait un singulier effet, allez, de n'être pas couché seul et d'être dans un lit avec sa bonne, dans les ténèbres. Comme je ne dormais pas, je me suis amusé pendant qu'elle dormait, à passer ma main sur ses bras, sur son cou et sur ses épaules. Elle a les bras et le cou bien plus gros que toutes les autres femmes, et la peau en est si douce, si douce qu'on dirait du papier à lettre ou du papier de soie.





“Ora, mas quem?” perguntaram os outros.

“Deus!” ele respondeu, com um perfeito tom de convicção. Ah! Já está bem longe; daqui a pouco já não vão mais conseguir vê-lo. Na certa está viajando, a visitar todos os países. “Vejam, vai passar por trás daquela fileira de árvores quase lá no horizonte... e agora está descendo por trás do campanário... Ah! Já não se vê mais!” E o menino ficou muito tempo voltado para aquele lado, fixando, na linha que separa a terra do céu, uns olhos em que brilhava uma inexprimível expressão de êxtase e saudade.

“Como é bobo, esse aí, com esse Deus que só ele consegue enxergar!” disse então o terceiro, cuja pessoinha inteira se destacava por uma vivacidade e vitalidade singulares. “E eu, vou contar como aconteceu comigo algo que nunca aconteceu com vocês, e que é um pouco mais interessante que esse seu teatro e suas nuvens. — Dias atrás, meus pais me levaram com eles numa viagem, e como no albergue em que paramos não havia camas suficientes para nós todos, ficou decidido que eu dormiria na mesma cama que minha empregada.” Ele atraiu seus companheiros para mais perto de si e falou com voz mais baixa. — “É uma singular sensação, sabe, a de não estar deitado sozinho e de estar numa cama com a empregada, no escuro. Como eu não dormia, fiquei brincando, enquanto ela dormia, de passar minha mão nos seus braços, seu pescoço, seus ombros. Os braços e o pescoço dela são bem maiores que os de todas as outras mulheres, e sua pele é tão macia, tão macia, que lembra papel de cartas ou papel de seda. Eu sentia tanto prazer que teria





J'y avais tant de plaisir que j'aurais longtemps continué, si je n'avais pas eu peur, peur de la réveiller d'abord, et puis encore peur de je ne sais quoi. Ensuite j'ai fourré ma tête dans ses cheveux qui pendaient dans son dos, épais comme une crinière, et ils sentaient aussi bon, je vous assure, que les fleurs du jardin, à cette heure-ci. Essayez, quand vous pourrez, d'en faire autant que moi, et vous verrez ! »

Le jeune auteur de cette prodigieuse révélation avait, en faisant son récit, les yeux écarquillés par une sorte de stupéfaction de ce qu'il éprouvait encore, et les rayons du soleil couchant, en glissant à travers les boucles rousses de sa chevelure ébouriffée, y allumaient comme une auréole sulfureuse de passion. Il était facile de deviner que celui-là ne perdrait pas sa vie à chercher la Divinité dans les nuées, et qu'il la trouverait fréquemment ailleurs.

Enfin le quatrième dit : « Vous savez que je ne m'amuse guère à la maison ; on ne me mène jamais au spectacle ; mon tuteur est trop avare ; Dieu ne s'occupe pas de moi et de mon ennui, et je n'ai pas une belle bonne pour me dorloter. Il m'a souvent semblé que mon plaisir serait d'aller toujours droit devant moi, sans savoir où, sans que personne s'en inquiète, et de voir toujours des pays nouveaux. Je ne suis jamais bien nulle part, et je crois toujours que je serais mieux ailleurs que là où je suis. Eh bien ! j'ai vu, à la dernière foire du village, trois hommes qui vivent comme je voudrais vivre. Vous n'y avez pas fait attention, vous autres. Ils étaient grands, presque noirs et très fiers, quoique en guenilles, avec l'air de n'avoir besoin de personne. Leurs grands yeux





continuado muito tempo assim se não tivesse tido medo: medo, primeiro, de acordá-la, e depois, medo de não sei quê. Então enfiei minha cabeça nos seus cabelos, que lhe caíam nas costas espessos feito uma crina, e cheiravam tão bem, garanto, como as flores do jardim a esta hora. Quando puderem, tentem fazer o mesmo, e vão ver!”

O jovem autor desta prodigiosa revelação tinha, ao fazer seu relato, os olhos arregalados numa espécie de estupefação do que ele ainda sentia, e os raios do sol poente, deslizando pelos cachos ruivos da sua cabeleira desgrenhada, nela acendiam como uma auréola sulfurosa de paixão. Era fácil perceber que aquele ali não desperdiçaria a vida procurando a Divindade nas nuvens, e que seguidamente a encontraria em outro lugar.

Por fim, disse o quarto: “Vocês sabem que não me divirto nada lá em casa; nunca me levam a um espetáculo; meu tutor é avarento demais; Deus não liga para mim e para o meu tédio, e não tenho uma empregada bonita para me mimar. Muitas vezes tive a impressão que meu prazer seria andar sempre em frente, sem saber para onde, sem que ninguém se preocupasse, e ver sempre novas terras. Nunca estou bem em lugar nenhum, e sempre acho que estaria melhor onde não estou. Pois bem! Eu vi, na última feira da vila vizinha, três homens que vivem como eu gostaria de viver. Vocês, não prestaram atenção neles. Eram altos, quase negros e muito altivos, mesmo que em andrajos, com jeito de não precisarem de ninguém. Seus grandes olhos





sombres sont devenus tout à fait brillants pendant qu'ils faisaient de la musique ; une musique si surprenante qu'elle donne envie tantôt de danser, tantôt de pleurer, ou de faire les deux à la fois, et qu'on deviendrait comme fou si on les écoutait trop longtemps. L'un, en traînant son archet sur son violon, semblait raconter un chagrin, et l'autre, en faisant sautiller son petit marteau sur les cordes d'un petit piano suspendu à son cou par une courroie, avait l'air de se moquer de la plainte de son voisin, tandis que le troisième choquait, de temps à autre, ses cymbales avec une violence extraordinaire. Ils étaient si contents d'eux- mêmes, qu'ils ont continué à jouer leur musique de sauvages, même après que la foule s'est dispersée. Enfin ils ont ramassé leurs sous, ont chargé leur bagage sur leur dos, et sont partis. Moi, voulant savoir où ils demeuraient, je les ai suivis de loin, jusqu'au bord de la forêt, où j'ai compris seulement alors, qu'ils ne demeuraient nulle part.

Alors l'un a dit : « Faut-il déployer la tente ? »

« Ma foi ! non ! » a répondu l'autre, « il fait une si belle nuit ! »

Le troisième disait en comptant la recette : « Ces gens-là ne sentent pas la musique, et leurs femmes dansent comme des ours. Heureusement, avant un mois nous serons en Autriche, où nous trouverons un peuple plus aimable. »

« Nous ferions peut-être mieux d'aller vers l'Espagne, car voici la saison qui s'avance ; fuyons avant les pluies et ne mouillons que notre gosier », a dit un des deux autres.





escuros ficaram absolutamente brilhantes quando tocaram música; uma música tão surpreendente que dá vontade ora de dançar, ora de chorar, ou as duas coisas ao mesmo tempo, e enlouqueceríamos se os escutássemos por muito tempo. Um deles, arrastando o arco no violino, parecia contar uma aflição; e o outro, fazendo saltitar seu martelinho nas cordas de um pianinho pendurado em seu pescoço com uma correia, parecia zombar do lamento do seu companheiro, enquanto o terceiro, de quando em quando, batia seus címbalos com uma violência extraordinária. Tão satisfeitos estavam consigo mesmos que seguiram tocando sua música de selvagens mesmo depois que a multidão se dispersou. Por fim, jjuntaram seus tostões, puseram a bagagem nas costas e foram-se embora. Eu, querendo saber onde moravam, os segui de longe, até a orla da floresta, onde só então entendi que não moravam em lugar nenhum.

Então um deles disse: “Será preciso montar a barraca?”.

“Não, ora essa!” respondeu o outro, “está uma noite tão linda!”.

O terceiro dizia, contando a receita: “Essa gente não sente a música, e suas mulheres dançam feito ursos. Felizmente, em menos de um mês estaremos na Áustria, onde encontraremos um povo mais amável”.

“Talvez fosse melhor irmos para a Espanha, a estação já está adiantada; vamos fugir antes das chuvas e molhar só nossas gargantas,” disse um dos outros dois.

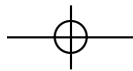




« J'ai tout retenu, comme vous voyez. Ensuite ils ont bu chacun une tasse d'eau-de-vie et se sont endormis, le front tourné vers les étoiles. J'avais eu d'abord envie de les prier de m'emmener avec eux et de m'apprendre à jouer de leurs instruments; mais je n'ai pas osé, sans doute parce qu'il est toujours très difficile de se décider à n'importe quoi, et aussi parce que j'avais peur d'être rattrapé avant d'être hors de France. »

L'air peu intéressé des trois autres camarades me donna à penser que ce petit était déjà un *incompris*. Je le regardais attentivement; il y avait dans son œil et dans son front ce je ne sais quoi de précocement fatal qui éloigne généralement la sympathie, et qui, je ne sais pourquoi, excitait la mienne, au point que j'eus un instant l'idée bizarre que je pouvais avoir un frère à moi-même inconnu.

Le soleil était couché. La nuit solennelle avait pris place. Les enfants se séparèrent, chacun allant, à son insu, selon les circonstances et les hasards, mûrir sa destinée, scandaliser ses proches et graviter vers la gloire ou vers le déshonneur.





“Guardei tudo na memória, como estão vendo. Depois disso, beberam uma caneca de aguardente cada um e adormeceram com a fronte voltada para as estrelas. Eu, de início, tive vontade de pedir que me levassem com eles e me ensinassem a tocar seus instrumentos; mas não tive coragem, sem dúvida por ser sempre muito difícil decidir-se por qualquer coisa, e também porque tinha medo de ser alcançado antes de estar fora da França.”

O ar pouco interessado dos outros três companheiros me fez pensar que aquele pequeno já era um *incompreendido*. Olhei atentamente para ele; havia em seus olhos e sua fronte esse não sei quê precocemente fatal que em geral afasta as simpatias e não sei por quê excitava a minha, a ponto que tive por um instante a esquisita ideia de que poderia ter um irmão por mim mesmo desconhecido.

O sol já tinha se posto. A noite solene se instalara. As crianças se separaram, indo cada qual, sem o saber, segundo as circunstâncias e os acasos, amadurecer seu destino, escandalizar seus próximos e gravitar em direção à glória ou à desonra.





0.32 LE THYRSE

A Franz Liszt

Qu'est-ce qu'un thyrses ? Selon le sens moral et poétique, c'est un emblème sacerdotal dans la main des prêtres ou prêtresses célébrant la divinité dont ils sont les interprètes et les serviteurs. Mais physiquement ce n'est qu'un bâton, un pur bâton, perche à houblon, tuteur de vigne, sec, dur et droit. Autour de ce bâton, dans des méandres capricieux, se jouent et folâtrent des tiges et des fleurs, celles-ci sinueuses et fuyardes, celles-là penchées comme des cloches ou des coupes renversées. Et une gloire étonnante jaillit de cette complexité de lignes et de couleurs, tendres ou éclatantes. Ne dirait-on pas que la ligne courbe et la spirale font leur cour à la ligne droite et dansent autour dans une muette adoration ? Ne dirait-on pas que toutes ces corolles délicates, tous ces calices, explosions de senteurs et de couleurs, exécutent un mystique fandango autour du bâton hiératique ? Et quel est, cependant, le mortel imprudent qui osera décider si les fleurs et les pampres ont été faits pour le bâton, ou si le bâton n'est que le prétexte pour montrer la beauté des pampres et des fleurs ? Le thyrses est la représentation de votre étonnante dualité, maître puissant et vénéré, cher Bacchant de la Beauté mystérieuse et passionnée. Jamais nymphe exaspérée par l'invincible Bacchus ne secoua son thyrses sur les têtes de ses compagnes affolées avec autant d'énergie et de caprice que vous agitez votre génie sur les cœurs de vos frères. — Le bâton, c'est votre volonté, droite,

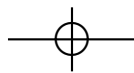




0.32 O TIRSO²⁷

Para Franz Liszt²⁸

O que é um tirso? Segundo o senso moral e poético, é um emblema sacro na mão dos sacerdotes e sacerdotisas ao celebrarem a divindade da qual são intérpretes e servidores. Mas fisicamente é apenas um bastão, um simples bastão, escora de lúpulo, tutor de videira, seco, duro e reto. Em torno deste bastão, em meandros caprichosos, brincam e se divertem hastes e flores, umas sinuosas e esguias, outras curvadas como sinos ou taças viradas. E desta complexidade de linhas e cores, ternas ou vibrantes, jorra uma auréola surpreendente. Não parece até que a linha curva e a espiral cortejam a linha reta e dançam em torno dela em muda adoração? Não parece que todas essas corolas delicadas, todos esses cálices, explosões de odores e cores, executam um místico fandango em torno do bastão hierático? E que imprudente mortal, contudo, ousará decidir se as flores e os pâmpanos foram feitos para o bastão, ou se o bastão é só um pretexto para mostrar a beleza dos pâmpanos e flores? O tirso, mestre poderoso e venerado, caro Bacante²⁹ da Beleza misteriosa e apaixonada, é a representação da sua espantosa dualidade. Jamais ninfa exasperada pelo invencível Baco sacudiu seu tirso sobre a cabeça de suas companheiras alvoroçadas com a energia e capricho com que você agita seu gênio sobre os corações de seus irmãos. — O bastão é sua vontade, reta, firme e inabalável; as flores são o passeio





ferme et inébranlable ; les fleurs, c'est la promenade de votre fantaisie autour de votre volonté ; c'est l'élément féminin exécutant autour du mâle ses prestigieuses pirouettes. Ligne droite et ligne arabesque, intention et expression, roideur de la volonté, sinuosité du verbe, unité du but, variété des moyens, amalgame tout-puissant et indivisible du génie, quel analyste aura le détestable courage de vous diviser et de vous séparer ?

Cher Liszt, à travers les brumes, par delà les fleuves, par-dessus les villes où les pianos chantent votre gloire, ou l'imprimerie traduit votre sagesse, en quelque lieu que vous soyez, dans les splendeurs de la ville éternelle ou dans les brumes des pays rêveurs que console Cambrinus, improvisant des chants de délectation ou d'ineffable douleur, ou confiant au papier vos méditations abstruses, chantre de la Volupté et de l'Angoisse éternelles, philosophe, poète et artiste, je vous salue en l'immortalité.





da sua fantasia em torno à sua vontade; é o elemento feminino executando em torno do macho suas prestigiosas piruetas. Linha reta e linha arabesca, intenção e expressão, tensão da vontade, sinuosidade do verbo, unidade do objetivo, variedade dos meios, amálgama todo-poderoso e indivisível do gênio, que análise terá a detestável coragem de os dividir e separar?

Caro Liszt, através das névoas, para além dos rios, por cima das cidades em que os pianos cantam sua glória, em que a imprensa traduz sua sabedoria, onde quer que você esteja, nos esplendores da cidade eterna ou nas névoas dos países sonhadores³⁰ que Gambrinus³¹ consola, improvisando cantos de deleite ou de dor inefável, ou confiando ao papel suas meditações abstrusas, chante da Volúpia e Angústia eternas, filósofo, poeta e artista, eu o saúdo em imortalidade!





0.33 ENIVREZ-VOUS

Il faut être toujours ivre. Tout est là : c'est l'unique question. Pour ne pas sentir l'horrible fardeau du Temps qui brise vos épaules et vous penche vers la terre, il faut vous enivrer sans trêve.

Mais de quoi ? De vin, de poésie ou de vertu, à votre guise. Mais enivrez-vous.

Et si quelquefois, sur les marches d'un palais, sur l'herbe verte d'un fossé, dans la solitude morne de votre chambre, vous vous réveillez, l'ivresse déjà diminuée ou disparue, demandez au vent, à la vague, à l'étoile, à l'oiseau, à l'horloge, à tout ce qui fuit, à tout ce qui gémit, à tout ce qui roule, à tout ce qui chante, à tout ce qui parle, demandez quelle heure il est ; et le vent, la vague, l'étoile, l'oiseau, l'horloge, vous répondront : « Il est l'heure de s'enivrer ! Pour n'être pas les esclaves martyrisés du Temps, enivrez-vous ; enivrez-vous sans cesse ! De vin, de poésie ou de vertu, à votre guise. »



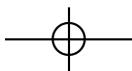
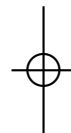


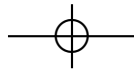
0.33 EMBRIAGUEM-SE

Há que estar sempre embriagado. Tudo está nisto: é a única questão. Para não sentir o terrível fardo do Tempo que lhes dilacera os ombros e os encurva para a terra, embriagar-se sem cessar é preciso.

Mas de quê? De vinho, poesia ou virtude, a escolha é sua. Mas embriaguem-se.

E se às vezes, na escadaria de um palácio, na verde relva de um barranco, na solidão morna de seu quarto, vocês acordarem, com a embriaguez já diminuída ou sumida, perguntem ao relógio, ao vento, à vaga, à estrela, às aves, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntem que horas são; e o relógio, o vento, a vaga, a estrela, as aves responderão: “É hora de embriagar-se! Para não serem os escravos martirizados do Tempo, embriaguem-se! Sem cessar, embriaguem-se! De vinho, poesia ou virtude, a escolha é sua”.





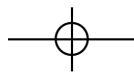
0.34 DÉJÀ !

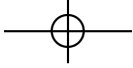
Cent fois déjà le soleil avait jailli, radieux ou attristé, de cette cuve immense de la mer dont les bords ne se laissent qu'à peine apercevoir ; cent fois il s'était replongé, étincelant ou morose, dans son immense bain du soir. Depuis nombre de jours, nous pouvions contempler l'autre côté du firmament et déchiffrer l'alphabet céleste des antipodes. Et chacun des passagers gémissait et grognait. On eût dit que l'approche de la terre exaspérait leur souffrance. « Quand donc, disaient-ils, cesserons-nous de dormir un sommeil secoué par la lame, troublé par un vent qui ronfle plus haut que nous ? Quand pourrons-nous manger de la viande qui ne soit pas salée comme l'élément infâme qui nous porte ? Quand pourrons-nous digérer dans un fauteuil immobile ? »

Il y en avait qui pensaient à leur foyer, qui regrettaient leurs femmes infidèles et maussades, et leur progéniture criarde. Tous étaient si affolés par l'image de la terre absente, qu'ils auraient, je crois, mangé de l'herbe avec plus d'enthousiasme que les bêtes.

Enfin un rivage fut signalé ; et nous vîmes, en approchant, que c'était une terre magnifique, éblouissante. Il semblait que les musiques de la vie s'en détachaient en un vague murmure, et que de ces côtes, riches en verdure de toute sorte, s'exhalait, jusqu'à plusieurs lieues, une délicieuse odeur de fleurs et de fruits.

Aussitôt chacun fut joyeux, chacun abdiqua sa mauvaise humeur. Toutes les querelles furent oubliées, tous les torts





0.34 JÁ!?

Cem vezes já o sol tinha surgido, radiante ou entristecido, desta tina imensa do mar cuja bordas mal se deixam avistar; cem vezes tinha tornado a mergulhar, fulgurante ou melancólico, no seu banho imenso do entardecer. Desde vários dias podíamos contemplar o outro lado do firmamento e decifrar o alfabeto celeste dos antípodas. E cada um dos passageiros gemia e resmungava. A proximidade da terra parecia exasperar seu sofrimento. “Mas quando”, diziam, “vamos deixar de dormir um sono chacoalhado pela vaga, perturbado por um vento que ronca mais alto que nós? Quando vamos comer uma carne que não seja salgada como o infame elemento que nos leva? Quando vamos poder digerir numa poltrona parada?”

Alguns pensavam em seus lares, sentiam falta de suas mulheres infiéis e aborrecidas e sua prole choramingas. Estavam todos tão assustados com a imagem da terra ausente que teriam, acho, comido grama com mais entusiasmo que os bichos.

Um litoral foi finalmente anunciado; e vimos, chegando perto, que era uma terra magnífica, deslumbrante. Parecia desprender as músicas da vida num vago murmúrio, e que daquelas costas, ricas em toda espécie de verde, se exalava, a várias léguas, um delicioso cheiro de flores e frutas.

Logo ficaram todos alegres, abdicaram do mau humor. As rixas todas foram esquecidas, as mútuas injúrias, perdo-



réci-proques pardon-nés ; les duels con-venus fu-rent rayés de la mé-moire, et les ran-cunes s'en-volè-rent comme des fu-mées.

Moi seul j'é-tais triste, incon-cevab-le-ment triste. Sem-blable à un prê-tre à qui on ar-racherait sa di-vi-ni-té, je ne pou-vais, sans une nav-rante a-mer-tu-me, me dé-ta-cher de cette mer si mon-strueu-se-ment sé-dui-sante, de cette mer si in-fi-ni-ment va-riée dans son ef-fray-ante si-m-plic-i-té, et qui sem-ble con-te-nir en elle et repré-sen-ter par ses jeux, ses al-lu-res, ses co-lères et ses souri-res, les hu-meurs, les a-gonies et les ex-ta-ses de toutes les â-mes qui ont vé-cu, qui vi-vent et qui vi-vront !

En di-sant a-dieu à cette in-com-pa-ra-b-le beau-té, je me sen-tais a-ba-ttu jus-qu'à la mort ; et c'est pour-quoi, quand cha-cun de mes com-pa-gnons dit : « En-fin ! » je ne pus crier que : « Dé-jà ! »

Ce-pen-dant c'é-tait la terre, la terre avec ses bruits, ses pas-sions, ses com-mo-di-tés, ses fêtes ; c'é-tait une terre ri-che et ma-gni-fi-que, pleine de pro-mes-ses, qui nous en-vo-yait un mys-té-ri-eux pa-rfum de rose et de musc, et d'où les mu-si-ques de la vie nous ar-ri-vaient en un a-mou-reux mur-mu-re.



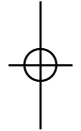


adas; os duelos combinados foram riscados da memória e os rancores voaram feito fumaça.

Só eu estava triste, inconcebivelmente triste. Qual um padre a quem se arrancasse a divindade, eu não podia, sem desolada amargura, me desprender do mar tão monstruosamente sedutor, do mar tão infinitamente diverso em sua assustadora simplicidade e que parece conter em si, e representar com seus jogos, maneiras, raivas e sorrisos, os humores, agonias e êxtases de todas as almas que já viveram, vivem e haverão de viver!

Ao dar adeus àquela incomparável beleza, eu me sentia mortalmente abatido; por essa razão, quando cada um dos meus companheiros disse: “Enfim!”, eu não pude gritar senão: “Já!?”

Era, no entanto, a terra, a terra com seus ruídos, suas paixões, suas comodidades, suas festas; era uma terra rica e magnífica, cheia de promessas, que nos lançava um misterioso perfume de rosa e almíscar, e de onde as músicas da vida nos alcançavam em amoroso murmúrio.





0.35 LES FENÊTRES

Celui qui regarde du dehors à travers une fenêtre ouverte, ne voit jamais autant de choses que celui qui regarde une fenêtre fermée. Il n'est pas d'objet plus profond, plus mystérieux, plus fécond, plus ténébreux, plus éblouissant qu'une fenêtre éclairée d'une chandelle. Ce qu'on peut voir au soleil est toujours moins intéressant que ce qui se passe derrière une vitre. Dans ce trou noir ou lumineux vit la vie, rêve la vie, souffre la vie.

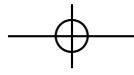
Par delà des vagues de toits, j'aperçois une femme mûre, ridée déjà, pauvre, toujours penchée sur quelque chose, et qui ne sort jamais. Avec son visage, avec son vêtement, avec son geste, avec presque rien, j'ai refait l'histoire de cette femme, ou plutôt sa légende, et quelquefois je me la raconte à moi-même en pleurant.

Si c'eût été un pauvre vieux homme, j'aurais refait la sienne tout aussi aisément.

Et je me couche, fier d'avoir vécu et souffert dans d'autres que moi-même.

Peut-être me direz-vous : « Es-tu sûr que cette légende soit la vraie ? » Qu'importe ce que peut être la réalité placée hors de moi, si elle m'a aidé à vivre, à sentir que je suis et ce que je suis ?





0.35 AS JANELAS

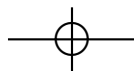
Quem olha de fora por uma janela aberta não vê nunca tanta coisa como quem olha para uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, misterioso, fecundo, mais tenebroso, radiante, que uma janela aclarada por uma candeia. O que se pode ver à luz do sol é sempre menos interessante que o que se passa por detrás de uma vidraça. Nesse buraco negro ou luminoso vive a vida, sonha a vida, sofre a vida.

Para além do ondular dos telhados, avisto uma mulher madura, já com rugas, pobre, sempre debruçada sobre alguma coisa, e que nunca sai. Com seu rosto, sua roupa, seu gesto, com quase nada refiz a história desta mulher, ou melhor, sua lenda, e por vezes a conto a mim mesmo chorando.

Tivesse sido um pobre homem velho, teria refeito a sua com igual facilidade.

E me deito, feliz por ter vivido e sofrido em outros que não eu mesmo.

Talvez me digam: “Tem certeza de que esta lenda é verdadeira?” Que importa o que seja a realidade situada fora de mim, se me ajudou a viver, a sentir que sou, e o que sou?





0.36 LE DÉSIR DE PEINDRE

Malheureux peut-être l'homme, mais heureux l'artiste que le désir déchire !

Je brûle de peindre celle qui m'est apparue si rarement et qui a fui si vite, comme une belle chose regrettable derrière le voyageur emporté dans la nuit. Comme il y a longtemps déjà qu'elle a disparu !

Elle est belle, et plus belle ; elle est surprenante. En elle le noir abonde : et tout ce qu'elle inspire est nocturne et profond. Ses yeux sont deux antres où scintille vaguement le mystère, et son regard illumine comme l'éclair : c'est une explosion dans les ténèbres.

Je la comparerais à un soleil noir, si l'on pouvait concevoir un astre noir versant la lumière et le bonheur. Mais elle fait plus volontiers penser à la lune, qui sans doute l'a marquée de sa redoutable influence ; non pas la lune blanche des idylles, qui ressemble à une froide mariée, mais la lune sinistre et enivrante, suspendue au fond d'une nuit orageuse et bousculée par les nuées qui courent ; non pas la lune paisible et discrète visitant le sommeil des hommes purs, mais la lune arrachée du ciel, vaincue et révoltée, que les Sorcières thessaliennes contraignent durement à danser sur l'herbe terrifiée !

Dans son petit front habitent la volonté tenace et l'amour de la proie. Cependant, au bas de ce visage inquiétant, où des narines mobiles aspirent l'inconnu et l'impossible, éclate, avec une grâce inexprimable, le rire d'une grande bouche, rouge et blanche, et délicieuse, qui





0.36 O DESEJO DE PINTAR

Infeliz pode ser o homem, mas feliz é o artista que o desejo dilacera!

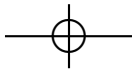
Ando louco para pintar aquela que tão raro apareceu e tão depressa fugiu, como algo belo e saudoso atrás do viajante transportado noite adentro. Há tanto tempo já, que ela desapareceu!

Ela é bela, e mais que bela: é surpreendente. O negro nela excede, e tudo que ela inspira é noturno e profundo. Seus olhos são dois antros em que cintila vagamente o mistério, e seu olhar ilumina qual um raio: é uma explosão dentro das trevas.

Eu a compararia a um sol negro, se pudéssemos conceber um astro negro vertendo luz e felicidade. Mas ela lembra mais naturalmente a lua, que sem dúvida a marcou com sua temível influência; não a lua branca dos idílios, semelhante a uma noiva fria, mas a lua sinistra e inebriante, suspensa no fundo de uma noite tempestuosa e atropelada pelas nuvens apressadas; não a lua mansa e discreta a visitar o sono dos puros, mas a lua arrancada do céu, vencida e revoltada, que as Feiticeiras tessálias obrigam duramente a dançar na relva apavorada!

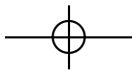
Na sua fronte pequena residem a vontade tenaz e o amor da presa. Entretanto, na base deste rosto inquietante, em que narinas moventes aspiram o desconhecido e o impossível, rebenta, com graça indizível, o riso de uma boca grande, vermelha e branca, e deliciosa, que faz sonhar com o mila-

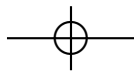




fait rêver au miracle d'une superbe fleur éclore dans un terrain volcanique.

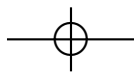
Il y a des femmes qui inspirent l'envie de les vaincre et de jouir d'elles ; mais celle-ci donne le désir de mourir lentement sous son regard.





gre de uma flor deslumbrante desabrochando em terreno vulcânico.

Há mulheres que inspiram a vontade de vencê-las e desfrutá-las; mas esta dá o desejo de morrer lentamente sob seu olhar.





0.37 LES BIENFAITS DE LA LUNE

La Lune, qui est le caprice même, regarda par la fenêtre pendant que tu dormais dans ton berceau, et se dit : « Cette enfant me plaît. »

Et elle descendit moelleusement son escalier de nuages et passa sans bruit à travers les vitres. Puis elle s'étendit sur toi avec la tendresse souple d'une mère, et elle déposa ses couleurs sur ta face. Tes prunelles en sont restées vertes, et tes joues extraordinairement pâles. C'est en contemplant cette visiteuse que tes yeux se sont si bizarrement agrandis ; et elle t'a si tendrement serrée à la gorge que tu en as gardé pour toujours l'envie de pleurer.

Cependant, dans l'expansion de sa joie, la Lune remplissait toute la chambre comme une atmosphère phosphorique, comme un poison lumineux ; et toute cette lumière vivante pensait et disait : « Tu subiras éternellement l'influence de mon baiser. Tu seras belle à ma manière. Tu aimeras ce que j'aime et ce qui m'aime : l'eau, les nuages, le silence et la nuit ; la mer immense et verte ; l'eau informe et multiforme ; le lieu où tu ne seras pas ; l'amant que tu ne connaîtras pas ; les fleurs monstrueuses ; les parfums qui font délirer ; les chats qui se pâment sur les pianos, et qui gémissent comme les femmes, d'une voix rauque et douce !

« Et tu serais aimée de mes amants, courtisée par mes courtisans. Tu seras la reine des hommes aux yeux verts dont j'ai serré aussi la gorge dans mes caresses nocturnes ; de ceux-là qui aiment la mer, la mer immense, tumultueuse et verte, l'eau informe et multiforme, le lieu où ils ne sont





0.37 OS FAVORES DA LUA

A lua, que é o capricho em si, olhou pela janela enquanto você dormia em seu berço, e pensou: “Gosot desta criança”.

E ela desceu suavemente sua escadaria de nuvens e passou sem ruído através das vidraças. Então se estendeu sobre você com a branda ternura de uma mãe e pôs cores dela no seu rosto. Assim suas pupilas se tornaram verdes e suas faces extraordinariamente pálidas. Foi contemplando essa visitante que seus olhos tão estranhamente se dilataram; e tão carinhosamente ela apertou-lhe a garganta que você conservou para sempre a vontade de chorar.

Entretanto, na sua expansão de alegria, a Lua preenchia o quarto inteiro qual uma atmosfera fosfórica, um veneno luminoso; e aquela luz viva toda pensava e dizia: “Você há de sofrer eternamente a influência do meu beijo. Há de ser bela à minha maneira. Há de amar aquilo que eu amo e aquilo que me ama: a água, as nuvens, o silêncio e a noite, o mar imenso e verde, a água informe e multiforme; o lugar em que não estiver; o amante que não conhecer; as flores monstruosas, os aromas que causam delírio; os gatos que se pasmam sobre os pianos e gemem, como as mulheres, com uma voz rouca e doce!

E você será amada por meus amantes, cortejada por meus cortesãos. Será a rainha dos homens de olhos verdes cuja garganta também apertei em minhas carícias noturnas; daqueles que amam o mar, o mar imenso, tumultuoso e verde, a água informe e multiforme, o lugar em que não





pas, la femme qu'ils ne connaissent pas, les fleurs sinistres qui ressemblent aux encensoirs d'une religion inconnue, les parfums qui troublent la volonté, et les animaux sauvages et voluptueux qui sont les emblèmes de leur folie. »

Et c'est pour cela, maudite chère enfant gâtée, que je suis maintenant couché à tes pieds, cherchant dans toute ta personne le reflet de la redoutable Divinité, de la fatidique marraine, de la nourrice empoisonneuse de tous les *lunatiques*.





estão, a mulher que não conhecem, as flores sinistras que lembram incensórios de uma religião ignorada, os aromas que perturbam a vontade, e os animais selvagens e voluptuosos que são os emblemas da sua loucura.”

E é por isto, maldita querida criança mimada, que aqui estou deitado aos seus pés, buscando em toda a sua pessoa o reflexo da temível Divindade, da fatídica madrinha, da ama que envenena todos os *lunáticos*.





0.38 LAQUELLE EST LA VRAIE ?

J'ai connu une certaine Bénédicte, qui remplissait l'atmosphère d'idéal, et dont les yeux répandaient le désir de la grandeur, de la beauté, de la gloire et de tout ce qui fait croire à l'immortalité.

Mais cette fille miraculeuse était trop belle pour vivre longtemps, aussi est-elle morte quelques jours après que j'eus fait sa connaissance, et c'est moi-même qui l'ai enterrée, un jour que le printemps agitait son encensoir jusque dans les cimetières. C'est moi qui l'ai enterrée, bien close dans une bière d'un bois parfumé et incorruptible comme les coffres de l'Inde.

Et comme mes yeux restaient fichés sur le lieu où était enfoui mon trésor, je vis subitement une petite personne qui ressemblait singulièrement à la défunte, et qui, piétinant sur la terre fraîche avec une violence hystérique et bizarre, disait en éclatant de rire : « C'est moi, la vraie Bénédicte ! C'est moi, une fameuse canaille ! Et pour la punition de ta folie et de ton aveuglement, tu m'aimeras telle que je suis ! »

Mais moi, furieux, j'ai répondu : « Non ! non ! non ! » Et pour mieux accentuer mon refus, j'ai frappé si violemment la terre du pied que ma jambe s'est enfoncée jusqu'au genou dans la sépulture récente, et que, comme un loup pris au piège, je reste attaché, pour toujours peut-être, à la fosse de l'idéal.





0.38 QUAL SERÁ A VERDADEIRA?

Conheci uma certa Benedicta, que enchia a atmosfera de ideal, e cujos olhos espalhavam o desejo da grandeza, beleza, glória e tudo o que faz crer na imortalidade.

Mas esta moça milagrosa era bonita demais para viver muito tempo; assim, morreu poucos dias depois que a conheci, e fui eu mesmo quem a sepultou, num dia em que a primavera agitava seu incensório até dentro dos cemitérios. Fui eu quem a sepultou, bem fechada num esquife de madeira perfumada e incorruptível como os baús indianos.

E enquanto meus olhos se mantinham grudados no lugar onde estava enterrado o meu tesouro, avistei de súbito uma pessoinha singularmente parecida com a defunta que, espezinhando a terra fresca com estranha e histérica violência, dizia, dando risada: A verdadeira Benedicta sou eu! Sou eu, uma bela canalha! E como castigo por sua loucura e cegueira, você há de me amar assim como sou!

Mas eu, furioso, respondi: “Não! Não! Não!” E para melhor acentuar minha recusa, espezinhei a terra com tanta violência que minha perna afundou até o joelho na sepultura recente e, feito um lobo preso na armadilha, estou atado, quem sabe para sempre, à fossa do ideal.





0.39 UN CHEVAL DE RACE

Elle est bien laide. Elle est délicieuse pourtant !

Le Temps et l'Amour l'ont marquée de leurs griffes et lui ont cruellement enseigné ce que chaque minute et chaque baiser emportent de jeunesse et de fraîcheur.

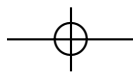
Elle est vraiment laide ; elle est fourmi, araignée, si vous voulez, squelette même ; mais aussi elle est breuvage, magistère, sorcellerie ! en somme, elle est exquise.

Le Temps n'a pu rompre l'harmonie pétillante de sa démarche ni l'élégance indestructible de son armature. L'Amour n'a pas altéré la suavité de son haleine d'enfant ; et le Temps n'a rien arraché de son abondance crinière d'où s'exhale en fauves parfums toute la vitalité endiablée du Midi français : Nîmes, Aix, Arles, Avignon, Narbonne, Toulouse, villes bénies du soleil, amoureuses et charmantes !

Le Temps et l'Amour l'ont vainement mordue à belles dents ; ils n'ont rien diminué du charme vague, mais éternel, de sa poitrine garçonnière.

Usée peut-être, mais non fatiguée, et toujours héroïque, elle fait penser à ces chevaux de grande race que l'œil du véritable amateur reconnaît, même attelés à un carrosse de louage ou à un lourd chariot.

Et puis elle est si douce et si fervente ! Elle aime comme on aime en automne ; on dirait que les approches de l'hiver allument dans son cœur un feu nouveau, et la servilité de sa tendresse n'a jamais rien de fatigant.





0.39 UM CAVALO DE RAÇA

Ela é um bocado feia. No entanto, é deliciosa!

O Tempo e o Amor a marcaram com suas garras e lhe ensinaram cruelmente o que cada minuto e cada beijo levam consigo de juventude e frescor.

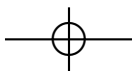
Ela é realmente feia; é formiga, aranha, o que quiserem, esqueleto até; mas é também beberagem, magistério, bruxaria! Em suma, é uma delícia.

O Tempo não conseguiu romper a harmonia crepitante do seu andar nem a inabalável elegância de sua estrutura. O Amor não alterou a suavidade do seu hálito de criança, e o Tempo nada arrancou da sua abundante crina de onde se exala em selvagens perfumes toda a endiabrada vitalidade do sul da França: Nîmes, Aix, Arles, Avignon, Narbonne, Toulouse, abençoadas cidades do sol, charmosas e enamoradas!

O Tempo e o Amor em vão a morderam a plenos dentes; em nada diminuíram o charme vago, mas eterno, do seu peito viril.

Desgastada, talvez, mas não cansada, e sempre heroica, lembra os cavalos de grande raça, que o olhar do autêntico amador reconhece mesmo quando atrelados a uma carruagem de aluguel ou pesada carroça.

Além disso, é tão doce e fervorosa! Ama como se ama no outono; a proximidade do inverno parece acender no seu coração um fogo novo, e o servilismo do seu carinho nunca é em nada cansativo.





0.40 LE MIROIR

Un homme épouvantable entre et se regarde dans la glace.

« — Pourquoi vous regardez-vous au miroir, puisque vous ne pouvez vous y voir qu'avec déplaisir ? »

L'homme épouvantable me répond : « — Monsieur, d'après les immortels principes de 89, tous les hommes sont égaux en droits ; donc je possède le droit de me mirer ; avec plaisir ou déplaisir, cela ne regarde que ma conscience. »

Au nom du bon sens, j'avais sans doute raison ; mais, au point de vue de la loi, il n'avait pas tort.





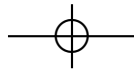
0.40 O ESPELHO

Entra um homem horrendo e se olha no espelho.

“Por que olhar-se no espelho se nele só vai se ver com desprazer?”

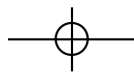
O homem horrendo me responde: “Meu senhor, segundo os imortais princípios de 89, todos os homens são iguais em direitos; possuo, portanto, o direito de mirar-me; se com prazer ou desprazer, só diz respeito à minha consciência”.

Pelo bom-senso, sem dúvida, eu estava certo; do ponto de vista da lei, porém, ele não estava errado.



0.41 LE PORT



Un port est un séjour charmant pour une âme fatiguée des luttes de la vie. L'ampleur du ciel, l'architecture mobile des nuages, les colorations changeantes de la mer, le scintillement des phares, sont un prisme merveilleusement propre à amuser les yeux sans jamais les lasser. Les formes élancées des navires, au gréement compliqué, auxquels la houle imprime des oscillations harmonieuses, servent à entretenir dans l'âme le goût du rythme et de la beauté. Et puis, surtout, il y a une sorte de plaisir mystérieux et aristocratique pour celui qui n'a plus ni curiosité ni ambition, à contempler, couché dans le belvédère ou accoudé sur le môle, tous ces mouvements de ceux qui partent et de ceux qui reviennent, de ceux qui ont encore la force de vouloir, le désir de voyager ou de s'enrichir.





0.41 O PORTO

Um porto é uma morada encantadora para uma alma cansada das lides da vida. A amplitude do céu, a arquitetura móvel das nuvens, as colorações mutantes do mar, o cintilar dos faróis, são um prisma maravilhosamente próprio para divertir os olhos sem jamais enfastiá-los. As formas esbeltas dos navios, de enxárcia complicada, nos quais o marulho imprime oscilações harmoniosas, servem para cultivar na alma o gosto do ritmo e da beleza. E existe também, sobretudo, uma espécie de prazer misterioso e aristocrático, para aquele que já não tem curiosidade ou ambição, em contemplar, deitado no belvedere ou apoiado no quebra-mar, os movimentos todos daqueles que partem e retornam, daqueles que ainda possuem a força de querer, o desejo de viajar ou de enriquecer.





0.42 PORTRAITS DE MAÎTRESSES

Dans un boudoir d'hommes, c'est-à-dire dans un fumoir attenant à un élégant tripot, quatre hommes fumaient et buvaient. Ils n'étaient précisément ni jeunes ni vieux, ni beaux ni laids, mais vieux ou jeunes, ils portaient cette distinction non méconnaissable des vétérans de la joie, cet indescriptible je ne sais quoi, cette tristesse froide et railleuse qui dit clairement : « Nous avons fortement vécu, et nous cherchons ce que nous pourrions aimer et estimer. »

L'un d'eux jeta la causerie sur le sujet des femmes. Il eût été plus philosophique de n'en pas parler du tout ; mais il y a des gens d'esprit qui, après boire, ne méprisent pas les conversations banales. On écoute alors celui qui parle, comme on écouterait de la musique de danse.

« Tous les hommes, disait celui-ci, ont eu l'âge de Chérubin : c'est l'époque où, faute de dryades, on embrasse, sans dégoût, le tronc des chênes. C'est le premier degré de l'amour. Au second degré, on commence à choisir. Pouvoir délibérer, c'est déjà une décadence. C'est alors qu'on recherche décidément la beauté. Pour moi, messieurs, je me fais gloire d'être arrivé, depuis longtemps, à l'époque climatique du troisième degré où la beauté elle-même ne suffit plus, si elle n'est assaisonnée par le parfum, la parure, et cetera. J'avouerai même que j'aspire quelquefois, comme à un bonheur inconnu, à un certain quatrième degré qui doit marquer le calme absolu. Mais, durant toute ma vie, excepté à l'âge de Chérubin, j'ai été plus sensible que tout autre à l'énervante sottise, à l'irritante médiocrité des femmes. Ce





0.42 RETRATOS DE AMANTES

Numa saleta para homens, ou seja, numa sala de fumar adjacente a um elegante bordel, quatro homens fumavam e bebiam. Não eram exatamente jovens, nem velhos, nem belos, nem feios; mas, velhos ou jovens, traziam essa distinção, não imperceptível, dos veteranos da alegria, esse indescritível não sei quê, essa tristeza fria e zombeteira que diz claramente: “Já vivemos intensamente e estamos em busca de algo para amar e estimar”.

Um deles puxou a conversa para o assunto das mulheres. Teria sido mais filosófico sequer tocar nele; mas existem pessoas de espírito que, depois de beber, não desprezam as conversas banais. Escuta-se, então, quem está falando como se escutaria música de dança.

“Todos os homens”, dizia, “já tiveram a idade de Querubim.³² é a época em que, na falta de dríades,³³ abraçamos, sem desgostar, o tronco dos carvalhos. É o primeiro nível do amor. No segundo nível, começamos a escolher. Poder deliberar já é em si uma decadência. É então que procuramos decididamente a beleza. Quanto a mim, senhores, orgulho-me de ter chegado, há muito tempo, na época climática do terceiro nível, quando a beleza em si já não basta quando não temperada pelo perfume, pelo adorno, *et cetera*. Confesso até que aspiro, às vezes, como que a uma felicidade desconhecida, a um quarto nível que deve indicar a calma absoluta. Durante toda a minha vida, porém, exceto na idade de Querubim, fui mais sensível que qualquer outro à enervante tolice, à irritante mediocridade das mu-





que j'aime surtout dans les animaux, c'est leur candeur. Jugez donc combien j'ai dû souffrir par ma dernière maîtresse.

« C'était la bâtarde d'un prince. Belle, cela va sans dire; sans cela, pourquoi l'aurais-je prise? Mais elle gâtait cette grande qualité par une ambition malséante et difforme. C'était une femme qui voulait toujours faire l'homme. « Vous n'êtes pas un homme! »

« Ah! si j'étais un homme! De nous deux, c'est moi qui suis l'homme!» Tels étaient les insupportables refrains qui sortaient de cette bouche d'où je n'aurais voulu voir s'envoler que des chansons. A propos d'un livre, d'un poème, d'un opéra pour lequel je laissais échapper mon admiration : “Vous croyez peut-être que cela est très fort?” disait-elle aussitôt; est-ce que vous vous connaissez en force? et elle argumentait.

« Un beau jour elle s'est mise à la chimie; de sorte qu'entre ma bouche et la sienne je trouvai désormais un masque de verre. Avec tout cela, fort bégueule. Si parfois je la bousculais par un geste un peu trop amoureux, elle se convulsait comme une sensitive violée...”

— Comment cela a-t-il fini? dit l'un des trois autres. Je ne vous savais pas si patient.

— Dieu, reprit-il, mit le remède dans le mal. Un jour je trouvai cette Minerve, affamée de force idéale, en tête-à-tête avec mon domestique, et dans une situation qui m'obligea à me retirer discrètement pour ne pas les faire rougir. Le soir je les congédiai tous les deux, en leur payant les arrérages de leurs gages.





lheres. O que mais gosto nos animais é a sua candura. Pois avaliem o quanto não sofri com a minha última amante.

Era a bastarda de um príncipe. Bela, é escusado dizer; se não, por que a teria tomado? Mas estragava essa grande qualidade com uma ambição inconveniente e disforme. Era uma mulher que sempre queria bancar o homem. “Você não é homem! Ah! Se eu fosse homem! De nós dois, o homem sou eu!” Tais eram os insuportáveis refrões que saíam daquela boca, de onde eu queria que surgissem apenas canções. A respeito de um livro, um poema, uma ópera pela qual eu deixava transparecer minha admiração: “Então você acredita que isto tem força?” ela logo dizia; “será que você entende de força?”, e argumentava.

Um belo dia passou a se dedicar à química; de modo que entre a minha boca e a dela encontrei a partir de então uma máscara de vidro. Além do mais, melindrosíssima. Se eu, por vezes, a atropelava com um gesto meio apaixonado demais, ela se convulsava feito uma sensitiva violada...

— E como é que isso terminou? disse um dos outros três. Não sabia que você era tão paciente.

— Deus — ele prosseguiu — trouxe ao mal o remédio. Um dia encontrei esta Minerva, faminta de força ideal, num particular com meu empregado, e numa situação que me obrigou a me retirar discretamente para não fazê-los corar. À noite despedi os dois, pagando os atrasados dos seus honorários.





— Pour moi, reprit l'interrupteur, je n'ai à me plaindre que de moi-même. Le bonheur est venu habiter chez moi, et je ne l'ai pas reconnu. La destinée m'avait, en ces derniers temps, octroyé la jouissance d'une femme qui était bien la plus douce, la plus soumise et la plus dévouée des créatures, et toujours prête ! et sans enthousiasme ! « Je le veux bien, puisque cela vous est agréable. » C'était sa réponse ordinaire. Vous donneriez la bastonnade à ce mur ou à ce canapé, que vous en tireriez plus de soupirs que n'en tiraient du sein de ma maîtresse les élans de l'amour le plus forcené. Après un an de vie commune, elle m'avoua qu'elle n'avait jamais connu le plaisir. Je me dégoûtai de ce duel inégal, et cette fille incomparable se maria. J'eus plus tard la fantaisie de la revoir, et elle me dit, en me montrant six beaux enfants : « Eh bien ! mon cher ami, l'épouse est encore aussi vierge que l'était votre maîtresse. » Rien n'était changé dans cette personne. Quelquefois je la regrette : j'aurais dû l'épouser.

Les autres se mirent à rire, et un troisième dit à son tour :

« Messieurs, j'ai connu des jouissances que vous avez peut-être négligées. Je veux parler du comique dans l'amour, et d'un comique qui n'exclut pas l'admiration. J'ai plus admiré ma dernière maîtresse que vous n'avez pu, je crois, haïr ou aimer les vôtres. Et tout le monde l'admirait autant que moi. Quand nous entrions dans un restaurant, au bout de quelques minutes, chacun oubliait de manger pour la contempler. Les garçons eux-mêmes et la dame du comptoir ressentaient cette extase contagieuse jusqu'à oublier leurs devoirs. Bref, j'ai vécu quelque temps en tête-à-tête avec un





— Quanto a mim — retomou o interruptor —, só posso queixar-me de mim mesmo. A felicidade veio morar em minha casa, e eu não a reconheci. O destino me concedera, nos últimos tempos, desfrutar de uma mulher que era seguramente a mais doce, a mais submissa e a mais dedicada das criaturas, e sempre pronta! E sem entusiasmo! “Está bem, já que é do seu agrado.” Era sua resposta costumeira. Se você enchesse esta parede ou este sofá de pauladas, arrancaria mais suspiros do que arrancavam, do seio de minha amante, os ímpetos do amor mais exaltado. Depois de um ano de vida em comum, ela me confessou que nunca conhecera o prazer. Desgostei-me com o duelo desigual, e aquela moça incomparável se casou. Tive mais tarde o desejo de revê-la, e ela me disse, mostrando-me seis lindas crianças: “Pois é, caro amigo, a esposa ainda é tão virgem quanto era sua amante.” Nada estava mudado naquela pessoa. Às vezes, sinto sua falta: deveria ter me casado com ela.

Os outros puseram-se a rir, e um terceiro disse por sua vez:

Senhores, conheci gozos que talvez tenham negligenciado. Falo da comicidade no amor, e uma comicidade que não exclui a admiração. Admirei mais minha última amante do que vocês conseguiram, acho eu, odiar ou amar as suas. E todo o mundo a admirava como eu. Quando entrávamos num restaurante, passados alguns minutos todos esqueciam de comer para contemplá-la. Os próprios garçons e a senhora do balcão sentiam esse êxtase contagioso a ponto de esquecerem suas obrigações. Em suma, vivi por algum





phénomène vivant. Elle mangeait, mâchait, broyait, dévorait, engloutissait, mais avec l'air le plus léger et le plus insouciant du monde. Elle m'a tenu ainsi longtemps en extase. Elle avait une manière douce, rêveuse, anglaise et romanesque de dire : « J'ai faim ! » Et elle répétait ces mots jour et nuit en montrant les plus jolies dents du monde, qui vous eussent attendris et égayés à la fois. — J'aurais pu faire ma fortune en la montrant dans les foires comme *monstre polyphage*. Je la nourrissais bien ; et cependant elle m'a quitté...

— Pour un fournisseur aux vivres, sans doute ?

— Quelque chose d'approchant, une espèce d'employé dans l'intendance qui, par quelque tour de bâton à lui connu, fournit peut-être à cette pauvre enfant la ration de plusieurs soldats. C'est du moins ce que j'ai supposé.

— Moi, dit le quatrième, j'ai enduré des souffrances atroces par le contraire de ce qu'on reproche en général à l'égoïste femelle. Je vous trouve mal venus, trop fortunés mortels, à vous plaindre des imperfections de vos maîtresses !

Cela fut dit d'un ton fort sérieux, par un homme d'un aspect doux et posé, d'une physionomie presque cléricale, malheureusement illuminée par des yeux d'un gris clair, de ces yeux dont le regard dit : « Je veux ! » ou : « Il faut ! » ou bien : « Je ne pardonne jamais ! »

« Si, nerveux comme je vous connais, vous, G... lâches et légers comme vous êtes, vous deux, K... et J..., vous aviez été accouplés à une certaine femme de ma connaissance, ou vous vous seriez enfuis, ou vous seriez morts. Moi, j'ai





tempo com um *fenômeno* vivo. Ela comia, mastigava, triturava, devorava, engolia, mas com o jeito mais leve e despreocupado do mundo. Ela me manteve assim muito tempo em êxtase. Tinha uma maneira suave, sonhadora, inglesa e romanesca de dizer: “Estou com fome!” E repetia essas palavras dia e noite, mostrando os dentes mais bonitos do mundo, que os teriam, a um só tempo, comovido e divertido. Eu poderia ter feito fortuna exibindo-a pelas feiras como *monstro polifágico*. Eu a alimentava bem; e no entanto, ela me deixou...

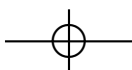
— Por um fornecedor de alimentos, sem dúvida?

— Por algo aproximado, uma espécie de empregado da intendência que, por algum passe de mágica dele conhecido, talvez forneça à pobre menina a ração de vários soldados. Foi, pelo menos, o que imaginei.

— Quanto a mim, — disse o quarto — aguentei sofrimentos atrozes pelo motivo oposto do que em geral se censura à egoísta fêmea. Acho sem fundamento vocês, mortais de muita sorte, se queixarem de imperfeições das suas amantes!”

Aquilo foi dito num tom muito sério, por um homem de aspecto suave e tranquilo, fisionomia quase clerical, infelizmente iluminada por olhos de um cinza claro, desses olhos cujo olhar diz: “Eu quero!” ou “É preciso.” ou então: “Eu nunca perdoo!”

Se, nervoso como o conheço, G..., covardes e levianos como são os dois, K... e J... , vocês tivessem sido acoplados a certa mulher que conheço, teriam fugido ou morrido. Eu,





survécu, comme vous voyez. Figurez-vous une personne incapable de commettre une erreur de sentiment ou de calcul ; figurez-vous une sérénité désolante de caractère ; un dévouement sans comédie et sans emphase ; une douceur sans faiblesse ; une énergie sans violence. L'histoire de mon amour ressemble à un interminable voyage sur une surface pure et polie comme un miroir, vertigineusement monotone, qui aurait réfléchi tous mes sentiments et mes gestes avec l'exactitude ironique de ma propre conscience, de sorte que je ne pouvais pas me permettre un geste ou un sentiment déraisonnable sans apercevoir immédiatement le reproche muet de mon inséparable spectre. L'amour m'apparaissait comme une tutelle. Que de sottises elle m'a empêché de faire, que je regrette de n'avoir pas commises ! Que de dettes payées malgré moi ! Elle me privait de tous les bénéfices que j'aurais pu tirer de ma folie personnelle. Avec une froide et infranchissable règle, elle barrait tous mes caprices. Pour comble d'horreur, elle n'exigeait pas de reconnaissance, le danger passé. Combien de fois ne me suis-je pas retenu de lui sauter à la gorge, en lui criant : « Sois donc imparfaite, misérable ! afin que je puisse t'aimer sans malaise et sans colère ! » Pendant plusieurs années, je l'ai admirée, le cœur plein de haine. Enfin, ce n'est pas moi qui en suis mort ! »

— Ah ! firent les autres, elle est donc morte ?

— Oui ! cela ne pouvait continuer ainsi. L'amour était devenu pour moi un cauchemar accablant. Vaincre ou mourir, comme dit la Politique, telle était l'alternative que m'imposait la destinée ! Un soir, dans un bois... au bord d'une





como estão vendo, sobrevivi. Imaginem uma pessoa incapaz de cometer um erro de sentimento ou de cálculo; imaginem uma aflitiva serenidade de caráter, uma dedicação sem fingimento e sem ênfase, uma doçura sem fraqueza, uma energia sem violência. A história do meu amor lembra uma interminável viagem por uma superfície pura e polida como um espelho, vertiginosamente monótona, que refletisse todos os meus sentimentos e gestos com a irônica exatidão da minha própria consciência, de modo que eu não podia me permitir um gesto ou um sentimento desarrazoado sem perceber imediatamente a muda censura de meu inseparável espectro. O amor me parecia uma tutela. Quantas tolices ela impediu que eu fizesse, que lamento não ter cometido! Quantas dívidas pagas contra a minha vontade! Ela me privava de todos os benefícios que eu poderia tirar da minha loucura particular! Com uma fria e intransponível regra, barrava todos os meus caprichos. Para cúmulo de horror, passado o perigo não exigia gratidão. Quantas vezes me segurei para não saltar-lhe ao pescoço, gritando: “Seja imperfeita, miserável! Para que eu possa amá-la sem mal-estar e sem raiva.” Durante vários anos admirei-a, com o coração cheio de ódio. Por fim, não fui eu quem morreu!

— Ah! — fizeram os outros — Então ela morreu?

— É. Aquilo não podia continuar assim. O amor tinha se tornado para mim um pesadelo opressivo. Vencer ou morrer, como se diz na Política, era a alternativa que o destino me impunha! Certa noite, num bosque... à beira de um





mare..., après une mélancolique promenade où ses yeux, à elle, réfléchissaient la douceur du ciel, et où mon cœur, à moi, était crispé comme l'enfer...

— Quoi !

— Comment !

— Que voulez-vous dire ?

— C'était inévitable. J'ai trop le sentiment de l'équité pour battre, outrager ou congédier un serviteur irréprochable. Mais il fallait accorder ce sentiment avec l'horreur que cet être m'inspirait ; me débarrasser de cet être sans lui manquer de respect. Que vouliez-vous que je fisse d'elle, *puisque'elle était parfaite* ?

Les trois autres compagnons regardèrent celui-ci avec un regard vague et légèrement hébété, comme feignant de ne pas comprendre et comme avouant implicitement qu'ils ne se sentaient pas, quant à eux, capables d'une action aussi rigoureuse, quoique suffisamment expliquée d'ailleurs.

Ensuite on fit apporter de nouvelles bouteilles, pour tuer le Temps qui a la vie si dure, et accélérer la Vie qui coule si lentement.





charco... depois de um passeio melancólico em que os olhos, os dela, refletiam a suavidade do céu, e o coração, o meu, estava crispado feito o inferno...

— O quê!

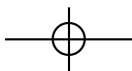
— Como!

— O que quer dizer?

— Era inevitável. Tenho demasiado sentimento de equidade para surrar, ultrajar ou despedir um empregado incensurável. Mas precisava conciliar o sentimento com o horror que aquele ser me inspirava; livrar-me daquele ser sem lhe faltar ao respeito. O que queriam que eu fizesse com ela, *se ela era perfeita?*

Os três outros companheiros olharam para ele com um olhar vago e ligeiramente estonteado, como fingindo não compreender, e como confessando implicitamente que não se sentiam, quanto a eles, capazes de uma ação tão rigorosa, se bem que, por sinal, suficientemente explicada.

Em seguida, mandaram trazer mais garrafas, para matar o Tempo que é tão difícil de morrer, e apressar a Vida que corre tão devagar.



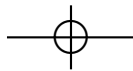


0.43 LE GALANT TIREUR

Comme la voiture traversait le bois, il la fit arrêter dans le voisinage d'un tir, disant qu'il lui serait agréable de tirer quelques balles pour *tuer* le Temps. Tuer ce monstre-là, n'est-ce pas l'occupation la plus ordinaire et la plus légitime de chacun ? — Et il offrit galamment la main à sa chère, délicieuse et exécrationnelle femme, à cette mystérieuse femme à laquelle il doit tant de plaisirs, tant de douleurs, et peut-être aussi une grande partie de son génie.

Plusieurs balles frappèrent loin du but proposé ; l'une d'elles s'enfonça même dans le plafond ; et comme la charmante créature riait follement, se moquant de la maladresse de son époux, celui-ci se tourna brusquement vers elle, et lui dit : « Observez cette poupée, là-bas, à droite, qui porte le nez en l'air et qui a la mine si hautaine. Eh bien ! cher ange, *je me figure que c'est vous.* » Et il ferma les yeux et il lâcha la détente. La poupée fut nettement décapitée.

Alors s'inclinant vers sa chère, sa délicieuse, son exécrationnelle femme, son inévitable et impitoyable Muse, et lui baisant respectueusement la main, il ajouta : « Ah ! mon cher ange, combien je vous remercie de mon adresse ! »



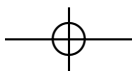


0.43 O GALANTE ATIRADOR

O carro atravessava o bosque, quando ele o fez parar à proximidade de um tiro, dizendo que seria agradável atirar umas balas para *matar* o Tempo. Matar este monstro não é a ocupação mais trivial e legítima de toda pessoa? — E ofereceu galantemente a mão à sua cara, deliciosa e execrável mulher, a misteriosa mulher a quem deve tantos prazeres, tantas dores, e talvez também grande parte do seu gênio.

Várias balas bateram longe do alvo proposto; uma delas chegou a cravar-se no teto; e como a encantadora criatura ria loucamente, zombando da inabilidade do esposo, este voltou-se bruscamente para ela e lhe disse: “Repare naquela boneca, ali, à direita, com nariz arrebitado e um jeito tão altivo. Pois bem, caro anjo, *faço de conta que é você*”. E ele fechou os olhos, e puxou o gatilho. A boneca foi nitidamente decapitada.

Então, inclinando-se para a sua cara, deliciosa, execrável mulher, sua incontornável e impiedosa Musa, e beijando-lhe respeitosamente a mão, acrescentou: Ah! meu caro anjo, que grato lhe sou por minha habilidade!





0.44 LA SOUPE ET LES NUAGES

Ma petite folle bien-aimée me donnait à dîner, et par la fenêtre ouverte de la salle à manger je contemplais les mouvantes architectures que Dieu fait avec les vapeurs, les merveilleuses constructions de l'impalpable. Et je me disais, à travers ma contemplation : «— Toutes ces fantasmagories sont presque aussi belles que les yeux de ma belle bien-aimée, la petite folle monstrueuse aux yeux verts. »

Et tout à coup je reçus un violent coup de poing dans le dos, et j'entendis une voix rauque et charmante, une voix hystérique et comme enrouée par l'eau-de-vie, la voix de ma chère petite bien-aimée, qui disait : «— Allez-vous bientôt manger votre soupe, s... b... de marchand de nuages ? »

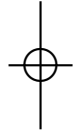




0.44 A SOPA E AS NUVENS

Minha louquinha bem-amada me dava de almoçar, e pela janela aberta da sala de jantar eu contemplava as moventes arquiteturas que Deus cria com os vapores, as maravilhosas construções do impalpável. E pensava, em meio à minha contemplação: “Todas estas fantasmagorias são quase tão belas como os olhos de minha bem-amada, a monstruosa maluquinha de olhos verdes.”

E de repente levei um violento soco nas costas, e ouvi uma voz rouca e encantadora, uma voz histérica e como enrouquecida de aguardente, a voz da minha querida bem-amada, que dizia: “Você vai ou não vai tomar logo a sua sopa, seu safado de um mercador de nuvens?”³⁴





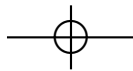
0.45 LE TIR ET LE CIMETIÈRE

— *A la vue du cimetière, Estaminet.* « — Singulière enseigne, — se dit notre promeneur, — mais bien faite pour donner soif ! A coup sûr, le maître de ce cabaret sait apprécier Horace et les poètes élèves d'Epicure. Peut-être même connaît-il le raffinement profond des anciens Egyptiens, pour qui il n'y avait pas de bon festin sans squelette, ou sans un emblème quelconque de la brièveté de la vie. »

Et il entra, but un verre de bière en face des tombes, et fuma lentement un cigare. Puis la fantaisie le prit de descendre dans ce cimetière, dont l'herbe était si haute et si invitante, et où régnait un si riche soleil.

En effet, la lumière et la chaleur y faisaient rage, et l'on eût dit que le soleil ivre se vautrait tout de son long sur un tapis de fleurs magnifiques engraisées par la destruction. Un immense bruissement de vie remplissait l'air — la vie des infiniment petits, — coupé à intervalles réguliers par la crépitation des coups de feu d'un tir voisin, qui éclataient comme l'explosion des bouchons de champagne dans le bourdonnement d'une symphonie en sourdine.

Alors, sous le soleil qui lui chauffait le cerveau et dans l'atmosphère des ardents parfums de la Mort, il entendit une voix chuchoter sous la tombe où il s'était assis. Et cette voix disait : « Maudites soient vos cibles et vos carabines, turbulents vivants, qui vous souciez si peu des défunts et de leur divin repos ! Maudites soient vos ambitions, maudits soient vos calculs, mortels impatients, qui venez étudier l'art de tuer auprès du sanctuaire de la Mort ! Si vous





0.45 O TIRO E O CEMITÉRIO

— *À vista do cemitério, Botequim.* — “Singular tabuleta, — pensou nosso andarilho, — mas, de fato, feita para dar sede! Não há dúvida, o dono desta taberna sabe apreciar Horácio e os poetas alunos de Epicuro.³⁵ Talvez até conheça o profundo refinamento dos antigos egípcios, para quem não havia um bom festim sem um esqueleto, ou sem um emblema qualquer da brevidade da vida.

E entrou, tomou um copo de cerveja frente aos túmulos e fumou lentamente um charuto. Então lhe veio a fantasia de descer ao cemitério, de relva tão alta e tão convidativa, e onde reinava um sol tão rico.

Com efeito, luz e calor ali assolavam furiosamente, e até parecia que o sol embriagado se espreguiçava inteiro num tapete de flores magníficas, adubadas pela destruição. Um imenso sussurro de vida enchia o ar — a vida dos infinitamente pequenos —, interrompido a intervalos regulares pelo crepitar dos disparos de um tiro próximo, feito o estouro de rolhas de champanha no burburinho de uma sinfonia em surdina.

Então, sob o sol que lhe esquentava o cérebro e na atmosfera dos ardentes aromas da Morte, ele ouviu uma voz cochichar sob o túmulo em que estava sentado. E esta voz dizia: “Malditas sejam suas miras e suas carabinas, vivos turbulentos, que tão pouco se importam com os defuntos e com seu repouso divino! Malditas sejam as ambições, malditos sejam seus cálculos, mortais impacientes que vêm estudar a arte de matar junto ao santuário da Morte! Se sou-





saviez comme le prix est facile à gagner, comme le but est facile à toucher, et combien tout est néant, excepté la Mort, vous ne vous fatigueriez pas tant, laborieux vivants, et vous troubleriez moins souvent le sommeil de ceux qui depuis longtemps ont mis dans le But, dans le seul vrai but de la détestable vie ! »





bessem como o prêmio é fácil de ganhar, como o alvo é fácil de acertar, e o quanto tudo é nada, exceto a Morte, vocês não se cansariam tanto, vivos laboriosos, e perturbariam com menos frequência o sono dos que há muito atingiram o Alvo, único alvo verdadeiro desta vida detestável!





0.46 PERTE D'AURÉOLE

— Eh ! quoi ! vous ici, mon cher ? Vous, dans un mauvais lieu ! vous, le buveur de quintessences ! vous, le mangeur d'ambroisie ! En vérité, il y a là de quoi me surprendre.

— Mon cher, vous connaissez ma terreur des chevaux et des voitures. Tout à l'heure, comme je traversais le boulevard, en grande hâte, et que je sautillais dans la boue, à travers ce chaos mouvant où la mort arrive au galop de tous les côtés à la fois, mon auréole, dans un mouvement brusque, a glissé de ma tête dans la fange du macadam. Je n'ai pas eu le courage de la ramasser. J'ai jugé moins désagréable de perdre mes insignes que de me faire rompre les os. Et puis, me suis-je dit, à quelque chose malheur est bon. Je puis maintenant me promener incognito, faire des actions basses, et me livrer à la crapule, comme les simples mortels. Et me voici, tout semblable à vous, comme vous voyez !

— Vous devriez au moins faire afficher cette auréole, ou la faire réclamer par le commissaire.

— Ma foi ! non. Je me trouve bien ici. Vous seul, vous m'avez reconnu. D'ailleurs la dignité m'ennuie. Ensuite je pense avec joie que quelque mauvais poète la ramassera et s'en coiffera impudemment. Faire un heureux, quelle jouissance ! et surtout un heureux qui me fera rire ! Pensez à X, ou à Z ! Hein ! comme ce sera drôle ! »





0.46 PERDA DE AURÉOLA

— O quê!? Você por aqui, meu caro? Num lugar suspeito? Você, o bebedor de quintessências? O comedor de ambrosia? Na verdade, tenho de surpreender-me!

— Você conhece, caro amigo, meu pavor pelos cavalos e pelos carros. Ainda há pouco, quando atravessava a avenida, apressadíssimo, e saltitava na lama em meio a esse caos movediço em que a morte chega a galope por todos os lados ao mesmo tempo, minha auréola, num movimento brusco, escorregou da minha cabeça para a lama da calçada. Não tive coragem de juntá-la. Julguei menos desagradável perder minhas insígnias do que deixar que me rompessem os ossos. E depois, pensei, há males que vêm para bem. Posso agora passear incógnito, praticar ações vis e me entregar à devassidão, como os simples mortais. E aqui estou, igualzinho a você, como vê!

— Você deveria ao menos mandar pôr um anúncio pela auréola, ou mandar reavê-la pelo delegado.

— Não, ora essa! Sinto-me bem aqui. Só você me reconheceu. A dignidade, aliás, me entedia. E também, me alegra pensar que algum poeta ruim há de juntá-la e vesti-la impudentemente. Fazer alguém feliz, que prazer! Principalmente um feliz que ainda vai me fazer rir! Pense em X ou em Z, puxa! Que engraçado vai ser!





0.47 MADEMOISELLE BISTOURI

Comme j'arrivais à l'extrémité du faubourg, sous les éclairs du gaz, je sentis un bras qui se coulait doucement sous le mien, et j'entendis une voix qui me disait à l'oreille : « Vous êtes médecin, monsieur ? »

Je regardai ; c'était une grande fille, robuste, aux yeux très ouverts, légèrement fardée, les cheveux flottant au vent avec les brides de son bonnet.

« — Non ; je ne suis pas médecin. Laissez-moi passer. — Oh ! si ! vous êtes médecin. Je le vois bien. Venez chez moi. Vous serez bien content de moi, allez ! — Sans doute, j'irai vous voir, mais plus tard, *après le médecin*, que diable !... Ah ! ah ! — fit-elle, toujours suspendue à mon bras, et en éclatant de rire, — vous êtes un médecin farceur, j'en ai connu plusieurs dans ce genre-là. Venez. »

J'aime passionnément le mystère, parce que j'ai toujours l'espoir de le débrouiller. Je me laissai donc entraîner par cette compagne, ou plutôt par cette énigme inespérée.

J'omets la description du taudis ; on peut la trouver dans plusieurs vieux poètes français bien connus. Seulement, détail non aperçu par Régnier, deux ou trois portraits de docteurs célèbres étaient suspendus aux murs.

Comme je fus dorloté ! Grand feu, vin chaud, cigares ; et en m'offrant ces bonnes choses et en allumant elle-même un cigare, la bouffonne créature me disait : « Faites comme chez vous, mon ami, mettez-vous à l'aise. Ça vous rappellera l'hôpital et le bon temps de la jeunesse. — Ah ça ! où donc avez-vous gagné ces cheveux blancs ? Vous n'étiez pas ainsi,





0.47 SENHORITA BISTURI

Eu estava chegando ao final do subúrbio, sob os clarões do gás, quando senti um braço se insinuando suavemente sob o meu e ouvi uma voz que cochichava: “Moço, o senhor é médico?”

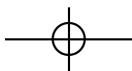
Olhei: era uma jovem alta, forte, com olhos muito abertos, ligeiramente maquiada, os cabelos esvoaçando junto às fitas do seu gorro.

“Não, não sou médico.” Deixe-me passar.” “Oh! Claro que o senhor é médico, estou vendo. Vamos até a minha casa. Vamos, o senhor vai ficar satisfeito comigo!” “Sem dúvida, irei visitá-la, mas mais tarde, *depois do médico*, que diabos!...” “Ah! Ah!”, ela fez, ainda pendurada em meu braço, e caindo na gargalhada, “o senhor é um médico brincalhão, conheci vários deste tipo. Venha!”

Amo apaixonadamente o mistério, pois sempre tenho a esperança de elucidá-lo. Deixei-me, portanto, arrastar por aquela companheira, ou melhor, aquele enigma inesperado.

Omito a descrição do casebre; pode ser encontrada em vários antigos poetas franceses bem conhecidos. Só que, detalhe não percebido por Régnier,³⁶ dois ou três retratos de médicos famosos estavam pendurados nas paredes.

Como fui paparicado! Um bom fogo, vinho quente, charutos; e ao me oferecer estas coisas boas e ela própria acendendo um charuto, a bufona criatura me dizia: “Esteja em casa, caro amigo, fique à vontade. Isto vai lhe lembrar o hospital e os bons tempos da juventude. Ora essa! Onde arranjou esses cabelos brancos? O senhor não era assim,





il n'y a pas encore bien longtemps, quand vous étiez interne de L... Je me souviens que c'était vous qui l'assistiez dans les opérations graves. En voilà un homme qui aime couper, tailler et rogner ! C'était vous qui lui tendiez les instruments, les fils et les éponges. — Et comme, l'opération faite, il disait fièrement, en regardant sa montre : « Cinq minutes, messieurs ! — Oh ! moi, je vais partout. Je connais bien ces Messieurs. »

Quelques instants plus tard, me tutoyant, elle reprenait son antienne, et me disait : « Tu es médecin, n'est-ce pas, mon chat ? »

Cet inintelligible refrain me fit sauter sur mes jambes. « Non ! criai-je furieux.

— Chirurgien, alors ?

— Non ! non ! à moins que ce ne soit pour te couper la tête ! S... s...c... de s... m... !

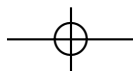
— Attends, reprit-elle, tu vas voir. »

Et elle tira d'une armoire une liasse de papiers, qui n'était autre chose que la collection des portraits des médecins illustres de ce temps, lithographiés par Maurin, qu'on a pu voir étalée pendant plusieurs années sur le quai Voltaire.

« Tiens ! le reconnais-tu celui-ci ?

— Oui ! c'est X. Le nom est au bas d'ailleurs ; mais je le connais personnellement.

— Je savais bien ! Tiens ! voilà Z., celui qui disait à son cours, en parlant de X. : « Ce monstre qui porte sur son visage la noirceur de son âme ! » Tout cela, parce que l'autre n'était pas de son avis dans la même affaire ! Comme on





ainda pouco tempo atrás, quando era residente de L... Lembro que era o senhor quem o assistia nas cirurgias graves. Está aí um homem que gosta de cortar, entalhar e roer! Era o senhor quem lhe alcançava os instrumentos, os fios e as esponjas. E com que orgulho ele dizia, terminada a cirurgia, olhando o relógio: “Cinco minutos, senhores!” Ah! Eu ando por toda parte. Conheço bem esses senhores.”

Instantes mais tarde, tratando-me por você, retomava a sua cantilena, e me dizia: “Você é médico, não é, meu gato?”.

Esse ininteligível refrão fez com que eu me erguesse num salto. “Não!” gritei, furioso.

— Cirurgião, então?

— Não! Não! A não ser que seja para cortar a sua cabeça! Santo sagrado cibório de Santa Caftina!³⁷

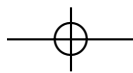
— Espere, replicou, você vai ver.

E tirou de um armário um maço de papéis, que nada mais era que a coleção de retratos dos médicos ilustres daquele tempo, litografados por Maurin, que esteve exposta durante muitos anos no Quai Voltaire.

— Olhe! Reconhece esse aqui?

— Sim, é X. O nome está embaixo, aliás; mas eu o conheço pessoalmente.

— Eu sabia! Olhe! Esse é Z., aquele que dizia na sua aula, referindo-se a X.: “Esse monstro que traz no rosto a negritude da própria alma!”. Só porque o outro não partilhava a opinião dele sobre um caso! Como ríamos disso na





riait de ça à l'Ecole, dans le temps ! Tu t'en souviens ? — Tiens, voilà K., celui qui dénonçait au gouvernement les insurgés qu'il soignait à son hôpital. C'était le temps des émeutes. Comment est-ce possible qu'un si bel homme ait si peu de cœur ? — Voici maintenant W., un fameux médecin anglais ; je l'ai attrapé à son voyage à Paris. Il a l'air d'une demoiselle, n'est-ce pas ? »

Et comme je touchais à un paquet ficelé, posé aussi sur le guéridon : « Attends un peu, dit-elle ; — ça, c'est les internes, et ce paquet-ci, c'est les externes. »

Et elle déploya en éventail une masse d'images photographiques, représentant des physionomies beaucoup plus jeunes.

« Quand nous nous reverrons, tu me donneras ton portrait, n'est-ce pas, chéri ?

— Mais, lui dis-je, suivant à mon tour, moi aussi, mon idée fixe, — pourquoi me crois-tu médecin ?

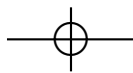
— C'est que tu es si gentil et si bon pour les femmes !

— Singulière logique ! me dis-je à moi-même.

— Oh ! je ne m'y trompe guère ; j'en ai connu un bon nombre. J'aime tant ces messieurs, que, bien que je ne sois pas malade, je vais quelquefois les voir, rien que pour les voir. Il y en a qui me disent froidement : « Vous n'êtes pas malade du tout ! » Mais il y en a d'autres qui me comprennent, parce que je leur fais des mines.

— Et quand ils ne te comprennent pas... ?

— Dame ! comme je les ai dérangés *inutilement*, je laisse dix francs sur la cheminée. — C'est si bon et si doux, ces





Escola, na época! Você se lembra? Olhe! Esse é K., que denunciava ao governo os insurretos que tratava em seu hospital. Era o tempo das rebeliões. Como será possível um homem tão bonito ter tão pouco coração? Agora, esse é W., um famoso médico inglês; eu o peguei quando viajou para Paris. Parece uma donzela, não é mesmo?

E, como eu tocasse num pacote atado com barbante que também estava em cima da mesinha: “Espere um pouco”, ela disse, “aqui estão os residentes internos, e nesse pacote estão os externos”.

E ela espalhou em leque um monte de imagens fotográficas representando fisionomias bem mais jovens.

— Quando nos virmos de novo, você vai me dar um retrato seu, não é, querido?

— Mas — disse eu, também seguindo, por minha vez, minha ideia fixa —, por que é que você acha que eu sou médico?

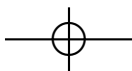
— É que você é tão afável e tão bom com as mulheres!

— Que lógica singular!, pensei comigo mesmo.

— Oh! Eu nunca me engano; conheci um bom número deles. Gosto tanto desses senhores que, apesar de não estar doente, às vezes vou vê-los, só por vê-los. Alguns me dizem friamente: “Você não está nem um pouco doente!” Mas há outros que me compreendem, porque consigo seduzi-los.

— E quando não a compreendem?

— Ora! Já que os incomodei *inutilmente*, deixo dez francos sobre a lareira. São tão bons e tão doces, esses homens!





hommes-là ! — J'ai découvert à la Piété un petit interne, qui est joli comme un ange, et qui est poli ! et qui travaille, le pauvre garçon ! Ses camarades m'ont dit qu'il n'avait pas le sou, parce que ses parents sont des pauvres qui ne peuvent rien lui envoyer. Cela m'a donné : confiance. Après tout, je suis assez belle femme, quoique pas trop jeune. Je lui ai dit : « Viens me voir, viens me voir souvent. Et avec moi, ne te gêne pas ; je n'ai pas besoin d'argent. » Mais tu comprends que je lui ai fait entendre ça par une foule de façons ; je ne le lui ai pas dit tout crûment ; j'avais si peur de l'humilier, ce cher enfant ! — Eh bien ! croirais-tu que j'ai une drôle d'envie que je n'ose pas lui dire ? — Je voudrais qu'il vînt me voir avec sa trousse et son tablier, même avec un peu de sang dessus ! »

Elle dit cela d'un air fort candide, comme un homme sensible dirait à une comédienne qu'il aimerait : « Je veux vous voir vêtue du costume que vous portiez dans ce fameux rôle que vous avez créé. »

Moi, m'obstinant, je repris : « Peux-tu te souvenir de l'époque et de l'occasion où est née en toi cette passion si particulière ? »

Difficilement je me fis comprendre ; enfin j'y parvins : Mais alors elle me répondit d'un air très triste, et même, autant que je peux me souvenir, en détournant les yeux : « Je ne sais pas... je ne me souviens pas. »

Quelles bizarreries ne trouve-t-on pas dans une grande ville, quand on sait se promener et regarder ? La vie fourmille de monstres innocents. — Seigneur, mon Dieu ! vous,





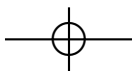
Descobri no Piété³⁸ um residentezinho, lindo como um anjo e tão bem-educado! E como trabalha, pobre rapaz! Seus colegas me disseram que ele não tem dinheiro porque os pais são uns pobres que não podem lhe mandar nada. Isto me deu confiança. Afinal, sou uma mulher bastante bonita, apesar de não muito jovem. Eu disse a ele: “Venha me visitar, venha me visitar seguidamente. E comigo, não faça cerimônia; não preciso de dinheiro”. Mas você compreende que eu dei a entender isso por uma série de maneiras; não disse assim cruamente; tinha tanto medo de humilhar o pobre merino! Pois bem! Você acredita que eu tenho um desejo esquisito que não ousou dizer a ele? Queria que ele viesse me visitar com sua maleta e seu jaleco, até com um pouco de sangue em cima!

Ela disse isto com tanta candura, como um homem sensível diria a uma atriz que ele amasse: “Quero vê-la vestida com o traje que você usava naquele famoso papel que criou”.

Eu, persistindo, repliquei: “Você consegue lembrar da época em que surgiu em você essa paixão tão singular?”.

Foi difícil fazer-me entender; consegui, finalmente. Mas ela então respondeu com um ar muito triste, e até, tanto quanto me lembre, desviando o olhar: “Eu não sei.. não lembro”.

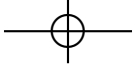
Que esquisitices não encontramos numa cidade grande, quando sabemos passear e olhar? A vida fervilha de monstros inocentes. Senhor, meu Deus! Vós, o Criador, vós, o





le Créateur, vous, le Maître ; vous qui avez fait la Loi et la Liberté ; vous, le souverain qui laissez faire, vous, le juge qui pardonnez ; vous qui êtes plein de motifs et de causes, et qui avez peut-être mis dans mon esprit le goût de l'horreur pour convertir mon cœur, comme la guérison au bout d'une lame ; Seigneur, ayez pitié, ayez pitié des fous et des folles ! O Créateur ! peut-il exister des monstres aux yeux de Celui-là seul qui sait pourquoi ils existent, comment ils *se sont faits* et comment ils auraient pu ne pas se faire ?





Mestre; vós que fizestes a Lei e a Liberdade; vós, Soberano que deixais acontecer, vós, juiz que perdoais; vós que estais repleto de motivos e causas e que talvez tenhais colocado o gosto do horror em meu espírito a fim de converter meu coração, feito a cura na ponta de uma lâmina! Senhor, tende piedade, tende piedade dos loucos e das loucas! Oh, Criador! Acaso podem existir monstros aos olhos d'Aquele único que sabe por que eles existem, como eles *se fizeram* e como poderiam não se terem feito?



0.48 ANYWHERE OUT OF THE WORLD
(N'IMPORTE OÙ HORS DU MONDE)

Cette vie est un hôpital où chaque malade est possédé du désir de changer de lit. Celui-ci voudrait souffrir en face du poêle, et celui-là croit qu'il guérirait à côté de la fenêtre.

Il me semble que je serais toujours bien là où je ne suis pas, et cette question de déménagement en est une que je discute sans cesse avec mon âme.

« Dis-moi, mon âme, pauvre âme refroidie, que penserais-tu d'habiter Lisbonne ? Il doit y faire chaud, et tu t'y ragaillardirais comme un lézard. Cette ville est au bord de l'eau ; on dit qu'elle est bâtie en marbre, et que le peuple y a une telle haine du végétal, qu'il arrache tous les arbres. Voilà un paysage selon ton goût ; un paysage fait avec la lumière et le minéral, et le liquide pour les réfléchir ! »

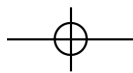
Mon âme ne répond pas.

« Puisque tu aimes tant le repos, avec le spectacle du mouvement, veux-tu venir habiter la Hollande, cette terre béatifiante ? Peut-être te divertiras-tu dans cette contrée dont tu as souvent admiré l'image dans les musées. Que penserais-tu de Rotterdam, toi qui aimes les forêts de mâts, et les navires amarrés au pied des maisons ? »

Mon âme reste muette.

« Batavia te sourirait peut-être davantage ? Nous y trouverions d'ailleurs l'esprit de l'Europe marié à la beauté tropicale. »

Pas un mot. — Mon âme serait-elle morte ?





0.48 ANY WHERE OUT OF THE WORLD,³⁹
QUALQUER LUGAR FORA DO MUNDO

Esta vida é um hospital em que cada doente está possuído pelo desejo de mudar de leito. Esse queria sofrer diante da estufa e aquele acredita que iria se curar do lado da janela.

Parece-me que eu sempre estaria bem onde não estou, e essa questão da mudança é uma das que discuto sem cessar com minha alma.

“Diga-me, alma minha, pobre alma arrefecida, o que você diria de morar em Lisboa? Deve fazer calor por lá, e você poderia se revigorar feito um lagarto. A cidade fica à beira d’água; dizem que é construída em mármore, e que o povo tem tal ódio dos vegetais que arranca todas as árvores. Está aí uma paisagem ao seu gosto; paisagem feita de luz e mineral, e líquido para refleti-los.”

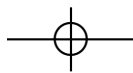
Minha alma não responde.

“Já que aprecia tanto o descanso com o espetáculo do movimento, quer ir morar na Holanda, essa terra beatífica? Você talvez se distraia nessa região cuja imagem seguidamente admirou nos museus. O que diria de Rotterdam, você que tanto gosta das florestas de mastros, e dos navios atracados junto às casas?”

Minha alma permanece muda.

“Batávia⁴⁰ talvez lhe conviesse melhor? Lá, aliás, encontraríamos o espírito da Europa unido à beleza tropical.”

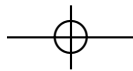
Nenhuma palavra. Minha alma estaria morta!?





« En es-tu donc venue à ce point d'engourdissement que tu ne te plaises que dans ton mal ? S'il en est ainsi, fuyons vers les pays qui sont les analogies de la Mort. — Je tiens notre affaire, pauvre âme ! Nous ferons nos malles pour Bornéo. Allons plus loin encore, à l'extrême bout de la Baltique ; encore plus loin de la vie, si c'est possible ; installons-nous au pôle. Là le soleil ne frise qu'obliquement la terre, et les lentes alternatives de la lumière et de la nuit suppriment la variété et augmentent la monotonie, cette moitié du néant. Là, nous pourrons prendre de longs bains de ténèbres, cependant que, pour nous divertir, les aurores boréales nous enverront de temps en temps leurs gerbes roses, comme des reflets d'un feu d'artifice de l'Enfer ! »

Enfin, mon âme fait explosion, et sagement elle me crie : « N'importe où ! n'importe où ! pourvu que ce soit hors de ce monde ! »





“Você teria então chegado a tal ponto de torpor que só se apraz em sua própria dor? Se é assim, fuja para os países que são analogias da Morte! Tenho a nossa solução, pobre alma! Faremos as malas para Tornio.⁴¹ Vamos mais longe ainda, ao ponto extremo do Báltico; mais longe ainda da vida, se possível: instalemo-nos no polo. Lá o sol não faz mais que roçar obliquamente a terra, e as lentas alternâncias entre a luz e a noite suprimem a variedade e aumentam a monotonia, essa metade do nada. Lá, vamos poder tomar longos banhos de trevas enquanto, para nos distrair, as auroras boreais nos enviarão de quando em quando seus feixes rosados, como reflexos de um fogo de artifício do Inferno!”

Enfim, minha alma explode e, sabiamente, me grita:

“Qualquer lugar! Qualquer lugar! Desde que fora deste mundo!”





0.49 ASSOMMONS LES PAUVRES !

Pendant quinze jours je m'étais confiné dans ma chambre, et je m'étais entouré des livres à la mode dans ce temps-là (il y a seize ou dix-sept ans) ; je veux parler des livres où il est traité de l'art de rendre les peuples heureux, sages et riches, en vingt-quatre heures. J'avais donc digéré, — avalé, veux-je dire, — toutes les élucubrations de tous ces entrepreneurs de bonheur public, — de ceux qui conseillent à tous les pauvres de se faire esclaves, et de ceux qui leur persuadent qu'ils sont tous des rois détrônés. — On ne trouvera pas surprenant que je fusse alors dans un état d'esprit avoisinant le vertige ou la stupidité.

Il m'avait semblé seulement que je sentais, confiné au fond de mon intellect, le germe obscur d'une idée supérieure à toutes les formules de bonne femme dont j'avais récemment parcouru le dictionnaire. Mais ce n'était que l'idée d'une idée, quelque chose d'infiniment vague.

Et je sortis avec une grande soif. Car le goût passionné des mauvaises lectures engendre un besoin proportionnel du grand air et des rafraîchissants.

Comme j'allais entrer dans un cabaret, un mendiant me tendit son chapeau, avec un de ces regards inoubliables qui culbuteraient les trônes, si l'esprit remuait la matière, et si l'œil d'un magnétiseur faisait mûrir les raisins.

En même temps, j'entendis une voix qui chuchotait à mon oreille, une voix que je reconnus bien ; c'était celle d'un bon Ange, ou d'un bon Démon, qui m'accompagne





0.49 ESPANQUEMOS OS POBRES!

Eu tinha, durante quinze dias, me confinado em meu quarto e me cercado dos livros da moda naquela época (dezesseis, dezessete anos atrás); quero dizer, dos livros em que é tratada a arte de tornar os povos felizes, sábios e ricos em vinte e quatro horas. Tinha, pois, digerido — engolido, quero dizer — todas as elucubrações de todos esses empreiteiros da felicidade pública — os que aconselham todos os pobres a se fazerem escravos, e os que os convencem de que são todos reis destronados. Ninguém há de estranhar que eu me encontrasse então num estado de espírito que beirava a vertigem ou estupidez.

Tinha a impressão de sentir apenas, confinado no fundo do meu intelecto, o gérmen obscuro de uma ideia superior a todas as receitas de comadre cujo dicionário eu havia recentemente percorrido. Não passava, porém, da ideia de uma ideia, algo infinitamente vago.

E saí, com muita sede. Pois o gosto apaixonado das más leituras gera uma necessidade proporcional de ar puro e refresco.

Ia entrando numa taberna, quando um mendigo me estendeu o chapéu, com um desses olhares inesquecíveis que derrubariam os tronos, se o espírito revolvesse a matéria e se o olhar de um magnetizador pudesse amadurecer as uvas.

Ao mesmo tempo, ouvi uma voz que sussurrava em meu ouvido; uma voz que reconheci muito bem: a voz de um Anjo bom, ou um bom Demônio, que me acompanha





partout. Puisque Socrate avait son bon Démon, pourquoi n'aurais-je pas mon bon Ange, et pourquoi n'aurais-je pas l'honneur, comme Socrate, d'obtenir mon brevet de folie, signé du subtil Lélut et du bien-avisé Baillarger ?

Il existe cette différence entre le Démon de Socrate et le mien, que celui de Socrate ne se manifestait à lui que pour défendre, avertir, empêcher, et que le mien daigne conseiller, suggérer, persuader. Ce pauvre Socrate n'avait qu'un Démon prohibiteur ; le mien est un grand affirmateur, le mien est un Démon d'action, un Démon de combat.

Or, sa voix me chuchotait ceci : « Celui-là seul est l'égal d'un autre, qui le prouve, et celui-là seul est digne de la liberté, qui sait la conquérir. »

Immédiatement, je sautai sur mon mendiant. D'un seul coup de poing, je lui bouchai un œil, qui devint, en une seconde, gros comme une balle. Je cassai un de mes ongles à lui briser deux dents, et comme je ne me sentais pas assez fort, étant né délicat et m'étant peu exercé à la boxe, pour assommer rapidement ce vieillard, je le saisis d'une main par le collet de son habit, de l'autre, je l'empoignai à la gorge, et je me mis à lui secouer vigoureusement la tête contre un mur. Je dois avouer que j'avais préalablement inspecté les environs d'un coup d'œil, et que j'avais vérifié que dans cette banlieue déserte je me trouvais, pour un assez long temps, hors de la portée de tout agent de police.

Ayant ensuite, par un coup de pied lancé dans le dos, assez énergique pour briser les omoplates, terrassé ce sexagenaire affaibli, je me saisis d'une grosse branche d'arbre





em toda parte. Se Sócrates tinha o seu bom Demônio, por que eu não teria o meu Anjo bom, e por que eu não teria, como Sócrates, a honra de obter meu certificado de loucura, assinado pelo sutil Lelut ou o tão sensato Baillarger?⁴²

Existe, entre o Demônio de Sócrates e o meu, a diferença que o de Sócrates só se manifestava a ele para proibir, avisar, impedir, e que o meu se digna aconselhar, sugerir, persuadir. O pobre Sócrates só tinha um Demônio proibidor; o meu é um grande afirmador, o meu é um Demônio de ação, ou um Demônio de combate.

Ora, eis o que sua voz me cochichava: “Só é o igual do outro quem pode prová-lo, e só é digno da liberdade quem sabe conquistá-la”.

Imediatamente, me joguei sobre o meu mendigo. Com um murro só lhe acertei um olho que, num instante, ficou do tamanho de uma bola. Quebrei uma unha ao rebentar dois dos seus dentes, e como não me sentisse forte o bastante, tendo nascido delicado e pouco tendo me exercitado no boxe, para espancar rapidamente o velhinho, agarrei-o com uma mão pelo colarinho, com a outra segurei seu pescoço, e me pus a bater vigorosamente sua cabeça contra um muro. Devo confessar que eu tinha previamente, com um olhar, examinado os arredores e concluído que naquele subúrbio deserto, estaria por um bom tempo fora do alcance de qualquer policial.

Derrubando em seguida o fraco sexagenário com um pontapé desfechado em suas costas, enérgico o bastante para romper-lhe as omoplatas, agarrei um galho grande de





qui traînait à terre, et je le battis avec l'énergie obstinée des cuisiniers qui veulent attendrir un beefsteak.

Tout à coup, — ô miracle ! ô jouissance du philosophe qui vérifie l'excellence de sa théorie ! — je vis cette antique carcasse se retourner, se redresser avec une énergie que je n'aurais jamais soupçonnée dans une machine si singulièrement détraquée, et, avec un regard de haine qui me parut de *bon augure*, le malandrin décrépît se jeta sur moi, me pocha les deux yeux, me cassa quatre dents, et avec la même branche d'arbre me battit dru comme plâtre. — Par mon énergique médication, je lui avais donc rendu l'orgueil et la vie.

Alors, je lui fis force signes pour lui faire comprendre que je considérais la discussion comme finie ; et me relevant avec la satisfaction d'un sophiste du Portique, je lui dis : « Monsieur, vous êtes mon égal ! veuillez me faire l'honneur de partager avec moi ma bourse ; et souvenez- vous, si vous êtes réellement philanthrope, qu'il faut appliquer à tous vos confrères, quand ils vous demanderont l'aumône, la théorie que j'ai eu la *douleur* d'essayer sur votre dos. »

Il m'a bien juré qu'il avait compris ma théorie, et qu'il obéirait à mes conseils.





árvore que estava jogado no chão e o surrei com a energia obstinada dos cozinheiros querendo amaciar um bife.

De repente — oh, milagre! Oh, gozo do filósofo que comprova a excelência de sua teoria! — vi a vetusta carcaça se virar, erguer-se com uma energia que eu jamais teria suspeitado numa máquina tão singularmente avariada e, com um olhar de ódio que me pareceu de *bom augúrio*, o patife decrepito se atirou em cima de mim, me contundiu os dois olhos, quebrou-me quatro dentes, e com o mesmo galho de árvore me moeu de pancadas. Com a minha enérgica medicação, portanto, eu tinha lhe devolvido o orgulho e a vida.

Fiz então uns tantos sinais dando a entender que considerava finda a discussão e, reerguendo-me com a satisfação de um sofista do Pórtico, disse-lhe: “O senhor, o senhor é meu igual! Queira me dar a honra de dividir minha bolsa comigo; e lembre-se, se for realmente um filantropo, que é preciso aplicar em todos os seus companheiros, quando lhe pedirem esmola, a teoria que tive a *dor* de experimentar nas suas costas”.

Ele jurou que tinha entendido a minha teoria e acataria os meus conselhos.





0.50 LES BONS CHIENS

A M. Joseph Stevens

Je n'ai jamais rougi, même devant les jeunes écrivains de mon siècle, de mon admiration pour Buffon : mais aujourd'hui ce n'est pas l'âme de ce peintre de la nature pompeuse que j'appellerai à mon aide. Non.

Bien plus volontiers je m'adresserais à Sterne, et je lui dirais : « Descends du ciel, ou monte vers moi des champs Elyséens, pour m'inspirer en faveur des bons chiens, des pauvres chiens, un chant digne de toi, sentimental farceur, farceur incomparable ! Reviens à califourchon sur ce fameux âne qui t'accompagne toujours dans la mémoire de la postérité ; et surtout que cet âne n'oublie pas de porter, délicatement suspendu entre ses lèvres, son immortel macaron ! »

Arrière la muse académique ! Je n'ai que faire de cette vieille bégueule. J'invoque la muse familière, la citadine, la vivante, pour qu'elle m'aide à chanter les bons chiens, les pauvres chiens, les chiens crottés, ceux-là que chacun écarte, comme pestiférés et pouilleux, excepté le pauvre dont ils sont les associés, et le poète qui les regarde d'un œil fraternel.

Fi du chien bellâtre, de ce fat quadrupède, danois, king-charles, carlin ou gredin, si enchanté de lui-même qu'il s'élance indiscretement dans les jambes ou sur les genoux du visiteur, comme s'il était sûr de plaire, turbulent comme un enfant, sot comme une lorette, quelquefois hargneux et insolent comme un domestique ! Fi surtout de ces serpents





0.50 OS BONS CÃES⁴³

A M. Joseph Stevens

Nunca me envergonhei, nem perante os jovens escritores do meu século, da minha admiração por Buffon,⁴⁴ mas hoje não é a alma desse pintor da natureza pomposa que chamarei em meu auxílio. Não.

De muito mais bom grado eu me dirigiria à Sterne, e lhe diria: “Desça do céu, ou se eleve para mim dos Campos Elísios, e me inspire em favor dos bons cães, dos pobres cães, um canto digno de você, sentimental farsista, farsista incomparável! Volte escarranchado naquele famoso jumento que ainda o acompanha na memória da posteridade; e que o jumento sobretudo não se esqueça de trazer, delicadamente pendurado entre os beijos, seu imortal biscoito”.⁴⁵

Vade retro, a musa acadêmica! Não me interessa essa velha melindrosa. Invoco a musa familiar, urbana, viva, para que me ajude a cantar os bons cães, os pobres cães, os cães enlameados, esses que todos evitam como pestíferos e piolhentos, exceto o pobre, de quem são os sócios, e o poeta, que os mira com olhar fraternal.

Fora, o cão lindinho, esse fátuo quadrúpede, dinamarquês, King Charles, dogue ou carlindogue, tão encantado consigo mesmo que se joga indiscretamente nas pernas ou no colo da visita, como que seguro de estar agradando, bagunceiro feito criança, bobo feito uma rameira, às vezes rabugento e insolente feito um empregado! Fora, antes de mais nada, essas cobras de quatro patas, trêmulas





à quatre pattes, frissonnants et désœuvrés, qu'on nomme le-
vrettes, et qui ne logent même pas dans leur museau pointu
assez de flair pour suivre la piste d'un ami, ni dans leur tête
aplatie assez d'intelligence pour jouer au domino !

A la niche, tous ces fatigants parasites !

Qu'ils retournent à leur niche soyeuse et capitonnée !
Je chante le chien crotté, le chien pauvre, le chien sans
domicile, le chien flâneur, le chien saltimbanque, le chien
dont l'instinct, comme celui du pauvre, du bohémien et de
l'histriion, est merveilleusement aiguillonné par la nécessité,
cette si bonne mère, cette vraie patronne des intelligences !

Je chante les chiens calamiteux, soit ceux qui errent, so-
litaires, dans les ravines sinueuses des immenses villes, soit
ceux qui ont dit à l'homme abandonné, avec des yeux cli-
gnotants et spirituels : « Prends-moi avec toi, et de nos deux
misères nous ferons peut-être une espèce de bonheur ! »

« *Où vont les chiens ?* » disait autrefois Nestor Roqueplan
dans un immortel feuilleton qu'il a sans doute oublié, et dont
moi seul, et Sainte-Beuve peut-être, nous nous souvenons
encore : aujourd'hui.

Où vont les chiens, dites-vous, hommes peu attentifs ?
Ils vont à leurs affaires.

Rendez-vous d'affaires, rendez-vous d'amour. A travers
la brume, à travers la neige, à travers la crotte, sous la
canicule mordante, sous la pluie ruisselante, ils vont, ils
viennent, ils trottent, ils passent sous les voitures, excités
par les puces, la passion, le besoin ou le devoir. Comme





e desocupadas, denominadas lebréus, que sequer encerram no focinho pontudo faro suficiente para seguir a pista de um amigo, e nem, na cabeça achatada, inteligência para jogar dominó!

Para a toca, esses cansativos parasitas todos!

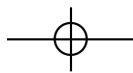
Que voltem para a sua toca sedosa e acolchoada! Eu canto o cão enlameado, o cão pobre, o cão sem domicílio, o cão vagabundo, o cão saltimbanco, o cão cujo instinto, como o do pobre, do cigano e do histrião, é formidavelmente aguçado pela necessidade, essa mãe tão boa, legítima padroeira das inteligências!

Eu canto os cães calamitosos, quer os que vagam, solitários, nos córregos sinuosos das cidades imensas, quer os que disseram ao homem abandonado, piscando os olhos maliciosos: “Leve-me com você, e com nossas duas misérias talvez possamos criar alguma espécie de felicidade!”.

“*Para onde vão os cães?*” perguntava antigamente Nestor Roqueplan⁴⁶ num imortal folhetim que ele decerto esqueceu, e que só eu, e Sainte-Beuve⁴⁷ talvez, ainda hoje lembramos.

Para onde vão os cães?, perguntam vocês, homens pouco atentos? Vão tratar dos seus negócios.

Encontros de negócios, encontros de amor. Em meio à bruma, em meio à neve, em meio à lama, sob a canícula mordaz, sob a chuva torrencial, eles vão, eles vêm, eles trotam, eles passam debaixo dos carros, excitados pelas pulgas, pela paixão, pela necessidade ou pelo dever. Como





nous, ils se sont levés de bon matin, et ils cherchent leur vie où courent à leurs plaisirs.

Il y en a qui couchent dans une ruine de la banlieue et qui viennent, chaque jour, à heure fixe, réclamer la sportule à la porte d'une cuisine : du Palais-Royal ; d'autres qui accourent, par troupes, de plus de cinq lieues, pour partager le repas que leur a préparé la charité de certaines pucelles sexagénaires, dont le cœur inoccupé s'est donné aux bêtes, parce que les hommes imbéciles n'en veulent plus.

D'autres qui, comme des nègres marrons, affolés d'amour, quittent, à de certains jours, leur département pour venir à la ville, gambader pendant une heure autour d'une belle chienne, un peu négligée dans sa toilette ; mais fière et reconnaissante.

Et ils sont tous très exacts, sans carnets, sans notes et sans portefeuilles.

Connaissez-vous la paresseuse Belgique, et avez-vous admiré, comme moi, tous ces chiens vigoureux attelés à la charrette du boucher, de la laitière ou du boulanger, et qui témoignent, par leurs aboiements triomphants, du plaisir orgueilleux qu'ils éprouvent à rivaliser avec les chevaux ?

En voici deux qui appartiennent à un ordre encore plus civilisé. Permettez-moi de vous introduire dans la chambre du saltimbanque absent. Un lit, en bois peint, sans rideaux, des couvertures traînantes et souillées de punaises, deux chaises de paille, un poêle de fonte, un ou deux instruments de musique détraqués. Oh ! le triste mobilier ! Mais regardez, je vous prie, ces deux personnages intelligents, habillés de





nós, levantaram-se cedo de manhã e estão em busca de sua vida ou correndo para os seus prazeres.

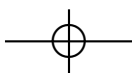
Há os que dormem numa ruína da periferia e vêm, todo dia, à mesma hora, pedir esmola na porta de uma cozinha do Palais Royal; outros acorrem, em bandos, de mais de cinco léguas para partilhar a refeição preparada pela caridade de algumas donzelas sexagenárias, cujo coração desocupado se entrega aos bichos porque os homens, imbecis, já não o querem.

Outros, feito negros fugitivos, enlouquecidos de amor, deixam certos dias seu distrito para vir à cidade e ficar uma hora saltitando em volta de uma linda cadela, um pouco negligente em sua toalete, mas altiva e agradecida.

E são todos muito pontuais, sem agenda ou anotações e sem carteira.

Vocês conhecem a preguiçosa Bélgica, puderam, como eu, admirar aqueles cães vigorosos atrelados à carroça do açougueiro, da leiteira ou do padeiro e demonstram, com seus latidos triunfantes, o orgulhoso prazer que eles sentem em competir com os cavalos?

Aqui estão dois que pertencem a uma ordem ainda mais civilizada! Permitam-me introduzi-los no quarto do saltimbanco ausente. Uma cama de madeira pintada, sem cortinas, cobertores espalhados e manchados por percevejos, duas cadeiras de palha, uma salamandra, um ou dois instrumentos musicais avariados. Oh! Que triste mobília! Mas vejamos, por favor, essas duas figuras inteligentes, vestidas com





vêtements à la fois éraillés et somptueux, coiffés comme des troubadours ou des militaires, qui surveillent, : avec une attention de sorciers, l'*œuvre sans nom* qui mitonne sur le poêle allumé, et au centre de laquelle une longue cuiller se dresse, plantée comme un de ces mâts aériens qui annoncent que la maçonnerie est achevée.

N'est-il pas juste que de si zélés comédiens ne se mettent pas en route sans avoir lesté leur estomac d'une soupe puissante et solide ? Et ne pardonneriez-vous pas un peu de sensualité à ces pauvres diables qui ont à affronter tout le jour l'indifférence du public et les injustices d'un directeur qui se fait la grosse part et mange à lui seul plus de soupe que quatre comédiens ?

Que de fois j'ai contemplé, souriant et attendri, tous ces philosophes à quatre pattes, esclaves complaisants, soumis ou dévoués, que le dictionnaire républicain pourrait aussi bien qualifier d'*officieux*, si la république, trop occupée du *bonheur* des hommes, avait le temps de ménager l'*honneur* des chiens !

Et que de fois j'ai pensé qu'il y avait peut-être quelque part (qui sait, après tout ?), pour récompenser tant de courage, tant de patience et de labeur, un paradis spécial pour les bons chiens, les pauvres chiens, les chiens crottés et désolés. Swedenborg affirme bien qu'il y en a un pour les Turcs et un pour les Hollandais !

Les bergers de Virgile et de Théocrite attendaient, pour prix de leurs chants alternés, un bon fromage, une flûte du meilleur faiseur ou une chèvre aux mamelles gonflées. Le





roupas a um tempo puídas e suntuosas, a cabeça coberta qual trovadores ou militares, vigiando com uma atenção de feiticeiro a *obra sem nome* que cozinha lentamente na salamandra acesa, e no centro da qual se ergue uma longa colher, plantada como um destes mastros aéreos a anunciar que os alicerces da construção estão prontos.

Não será justo que tão zelosos atores não se ponham a caminho sem antes forrar o estômago com uma sopa forte e consistente? E vocês não desculpariam um pouco de sensualidade nestes pobres diabos que têm de enfrentar o dia inteiro a indiferença do público e as injustiças de um diretor, que leva a parte do leão e come, sozinho, mais sopa que quatro atores?

Quantas vezes não contemplei, sorridente e comovido, todos esses filósofos de quatro patas, escravos complacentes, submissos ou dedicados, que o dicionário republicano poderia afinal qualificar de *obsequiosos*, se a república, por demais ocupada com a *felicidade* dos homens, tivesse tempo de considerar a *dignidade* dos cães!

E quantas vezes não pensei que talvez houvesse em algum lugar (quem sabe, afinal?), para recompensar tanta coragem, tanta paciência e labor, um paraíso especial para os bons cães, os pobres cães, os cães enlameados e desolados. Pois se Swedenborg⁴⁸ afirma que existe um para os turcos e outro para os holandeses!

Os pastores de Virgílio e Teócrito⁴⁹ esperavam, em prêmio por seus cantos alternados, um bom queijo, uma flauta do melhor artífice ou uma cabra de mamas intumescidas. O





poète qui a chanté les pauvres chiens a reçu pour récompense un beau gilet, d'une couleur, à la fois riche et fanée, qui fait penser aux soleils d'automne, à la beauté des femmes mûres et aux étés de la Saint-Martin.

Aucun de ceux qui étaient présents dans la taverne de la rue Villa-Hermosa n'oubliera avec quelle pétulance le peintre s'est dépouillé de son gilet en faveur du poète, tant il a bien compris qu'il était bon et honnête de chanter les pauvres chiens.

Tel un magnifique tyran italien, du bon temps, offrait au divin Arétin soit une dague enrichie de pierreries, soit un manteau de cour, en échange d'un précieux sonnet ou d'un curieux poème satirique.

Et toutes les fois que le poète endosse le gilet du peintre, il est contraint de penser aux bons chiens, aux chiens philosophes, aux étés de la Saint-Martin et à la beauté des femmes très mûres.





poeta que cantou os pobres cães recebeu em recompensa um lindo colete, de uma cor a um tempo rica e esmaecida, que lembra os sóis de outono, a beleza das mulheres maduras e os veranicos de Saint-Martin.⁵⁰

Nenhum dos que estavam presentes na taberna da rua Villa-Hermosa há de esquecer com que vivacidade o pintor se desfez do seu colete em favor do poeta, tendo tão bem entendido como é bom e honesto cantar os pobres cães.

Qual um grandioso tirano italiano dos bons tempos, que ofertava ao divino Aretino,⁵¹ quer uma adaga enriquecida de pedrarias, quer um manto de corte, em troca de um precioso soneto ou curioso poema satírico.

E todas as vezes que o poeta veste o colete do pintor, é obrigado a pensar nos bons cães, nos cães filósofos, nos veranicos de Saint-Martin e na beleza das mulheres muito maduras.






0.51 ÉPILOGUE

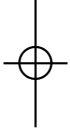
Le cœur content je suis monté sur la montagne
D'où l'on peut contempler la ville en son ampleur,
Hôpital, lupanar, purgatoire, enfer, bain,

Où son énormité fleurit comme une fleur.
Tu sais bien, ô Satan, patron de ma détresse,
Que je n'allais pas là pour répandre un vain pleur ;

Mais comme un vieux paillard d'une vieille maîtresse,
Je voulais m'enivrer de l'énorme catin
Dont le charme éternel me rajeunit sans cesse.



Que tu dormes encor dans les draps du matin,
Lourde, obscure, enrhumée, ou que tu te pavanes
Dans les voiles du soir passémentés d'or fin,



Je t'aime, ô capitale infâme ! Courtisanes
Et bandits, tels souvent vous offrez des plaisirs
Que ne comprennent pas les vulgaires profanes.




0.51 EPÍLOGO

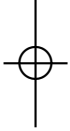
De coração contente, subi até a montanha
De onde se contempla a cidade em vastidão,
Hospital, lupanares, purgatório, inferno, prisão,

Onde toda aberração floresce feito flor.
Bem sabes, ó Satã, padroeiro da minha aflição,
Que não fui até lá para verter um pranto vão;

Mas, como um velho devasso de uma velha amante,
Queria inebriar-me da enorme meretriz
Cujo encanto infernal sem cessar me remoça.



Quer durmas ainda nos lençóis da manhã,
Pesada, resfriada, obscura, quer te pavoneies
Nos véus do entardecer entecidos de ouro fino,



Eu te amo, ó capital infame! Cortesãs
E bandidos, tais os prazeres que amiúde oferecem
E não são compreendidos pelo vulgo profano.

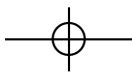


Notas

- 1 o texto francês segue o estabelecido por marcel a. ruff para as œuvres complètes de baudelaire editadas pelas editions du seuil, coleção l'intégrale, paris, 1968. foram consultadas também a edição crítica dos petits poèmes en prose, classiques garnier, paris, 1980 (da qual foram seguidos os textos dos poemas XLIV a XLVII) e nouveaux classiques larousse, paris, 1971.
- 2 confiteor, eu confesso, é o primeiro termo da oração cristã de confissão.
- 3 Sendo *idole* em francês uma palavra feminina, preferiu-se manter o gênero em português, em respeito ao contexto e a despeito da estranheza que possa causar.
- 4 François-René de Chateaubriand (1768-1848), *Mémoires d'outre-tombe*, I, III, 11.
- 5 A Quimera, na mitologia grega, era um monstro que cuspia fogo, dotado de cabeça e peito de leão, tronco de cabra e cauda de dragão.
- 6 Minos, Éaco e Radamanto eram, na mitologia grega, os três juízes do Inferno.
- 7 Vênus procura traduzir a palavra *Vénustre* com que, em francês, Baudelaire reproduz ironicamente a pronúncia da saltadora para Vênus.
- 8 Citação adaptada da fábula “Les Grenouilles qui demandent un roi”, de La Fontaine (1621-1695).
- 9 Luc de Clapier, marquis de Vauvenargues (1715-1747), moralista do século XVIII. Sua obra completa havia sido editada em 1857.

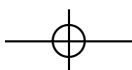


- 10 O pintor Edouard Manet (1832-1883) tornara-se, por volta de 1860, amigo íntimo de Baudelaire. Seu quadro *La musique aux Tuileries* (pintado em 1861, exposto em 1862), nascido de uma sugestão do poeta, aproxima-se desta descrição.
- 11 Palhaços e farsistas procuram traduzir *queues rouges* (palhaços portadores de uma peruca vermelha em forma de rabo-de-cavalo) e *jocrisses* (valetes, personagens de comédia).
- 12 A descrição desta terra de promessa sugere a Holanda, à qual também se referem vários detalhes do poema, notadamente no 6º parágrafo.
- 13 Obra do compositor alemão Carl von Weber (1786-1826).
- 14 A sugestão de Baudelaire foi posteriormente posta em prática por vários compositores: surgiram seis *Convite à Viagem*, sendo a de Duparc (1870) a mais conhecida.
- 15 Mont-de-Piété: Casa de Penhores.
- 16 Os Gnomos são espíritos da terra, as Salamandras do fogo, as Sílfides e os Silfos, dos ares, os Ondinos e as Ondinas (Nixas em alemão), das águas, segundo mitologias diversas.
- 17 na mitologia grega, eros era o deus do amor e do desejo, e pluto, o deus das riquezas.
- 18 Baco era o deus romano do vinho (Dioniso, na mitologia grega).
- 19 As noites de Sabá eram assembleias de bruxos e bruxas, segundo a superstição popular.
- 20 Robinson Crusoé, personagem da obra de mesmo nome do escritor inglês Daniel Defoe (1660-1731).
- 21 Claude Santerre, general da Guarda Nacional durante a Revolução Francesa, ordenou um rufar de tambores para impedir que fossem ouvidas as últimas palavras de Luis XVI, proferidas do cadafalso.



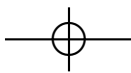


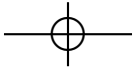


- 22 “Toda a nossa infelicidade advém do fato de não podermos ficar sós.” Jean de La Bruyère (1645-1696), *“Les Caractères”*, capítulo De L’homme.
- 23 Blaise Pascal (1623-1662), *Pensées*.
- 24 Na mitologia grega, Hebe é a deusa da juventude e Ganimedes, um príncipe troiano de quem Zeus fez o copeiro dos deuses.
- 25 A história dos lotófagos é contada por Homero no Canto IX da *Odisseia*.
- 26 O pintor Edouard Manet (ver nota 1. do poema XIII) tinha nesta época por modelo um garoto chamado Alexandre, que inspirou muitas de suas pinturas (*O menino e o cão*, *O guitarista*). Alexandre, de fato, foi achado enforcado no ateliê de Manet em 1861. Nada comprova, entretanto, a atitude da mãe relatada por Baudelaire no poema.
- 27 o tirso, bastão envolto por pâmpanos e hera, com a extremidade em forma de pinha, era atributo de Baco, sendo usado pelas bacantes.
- 28 Franz Liszt (1811-1886), músico húngaro cuja obra encarna o ideal poético de Baudelaire. Pouco se sabe sobre as relações entre os dois artistas, que foram, no entanto, bastante estreitas.
- 29 As Bacantes (em francês: bacchantes) eram sacerdotisas de Baco, deus do vinho, e celebravam as bacanais. Baudelaire impõe aqui à palavra o gênero masculino (inexistente em francês e português) para designar Liszt.
- 30 A cidade eterna é Roma, onde Liszt costumava passar temporadas, e os países sonhadores representam a Alemanha, onde sua música era muito executada.
- 31 Gambrinus, rei legendário, contemporâneo de Carlos Magno, a quem é atribuída a invenção da arte de fabricar cerveja.
- 32 O Querubim é o anjo que, na primeira hierarquia, ocupa o segundo lugar, sendo representado nas Artes com corpo de criança.





- 33 As driades eram, na mitologia grega, as ninfas dos bosques.
- 34 “Seu safado de um mercador de nuvens” procura traduzir a expressão “Sacr   bougre de marchand de nuages”, constante do manuscrito original e reduzida a iniciais na edi  o de 1869.
- 35 Filósofo grego (séc. III a.C.) cuja doutrina, que visava o prazer oriundo do   sp  rito e da prática da virtude, acabou deixando de seu autor a imagem de um libertino. Horácio, poeta romano (séc. I a.C.), proclamava-se um dos seus discípulos.
- 36 Mathurin Régnier (1573-1613), poeta conhecido por sua sátira ágil, muito lido por Baudelaire.
- 37 “Santo sagrado Cib  rio de Santa Caftina” procura traduzir a expressão “Sacr   saint ciboire de sainte maquerelle”, constante do manuscrito original e reduzida a iniciais na edi  o de 1869.
- 38 *Hôpital de la Pi  te*, em Paris.
- 39 o título *any where out of the world*    uma cita  o do poema “bridge of sighs”, de thomas hood, também citado por edgar a. poe em seu “poetic principle”.
- 40 Batávia (hoje Jacarta), capital da Indonésia.
- 41 Tornio, cidade da Finlândia.
- 42 Lelut e Baillarger, médicos contemporâneos de Baudelaire que explicavam a genialidade através da loucura. O primeiro escrevera um artigo demonstrando a loucura de Sócrates.
- 43 poema escrito na bélgica, onde baudelaire fizera amizade com joseph stevens, pintor de animais — de cães, principalmente — e autor do quadro *o interior do saltimbanco*, aqui descrito. stevens presenteara baudelaire com um colete seu que o poeta há muito admirava. este escreveu então o poema dedicado aos cães, em prova de gratidão.
- 44 Georges Louis Leclerc, conde de Buffon, filósofo e naturalista (1707-1778), autor de uma volumosa *Histoire Naturelle*.
- 45 Referência ao episódio do jumento morto na *Viagem sentimental*, de Laurence Sterne (1713-1768).




- 
- 
- 
- 46 Nestor Roqueplan (1804-1869), redator de um folhetim publicado às segundas-feiras em *Le Constitutionnel*.
- 47 5. Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), escritor francês que se dedicou à crítica e à história literárias.
- 48 Emmanuel Swedenborg (1688-1772), místico sueco muito popular durante o Romantismo (Hedra, 2009)....
- 49 Teócrito, poeta grego (séc. III a.C.) e Virgílio, poeta romano (séc. I a.C.), ambos representantes do gênero bucólico e pastoril.
- 50 Como são chamados, na França, os últimos dias quentes que ocorrem às vezes em meados de novembro, quando o outono já está adiantado.
- 51 Aretino (1492-1557), poeta satírico italiano.



Índice

Introdução, por Dirceu Villa	6
Pequenos poemas em prosa	29
0.1 L'ÉTRANGER	34
0.1 O ESTRANGEIRO	35
0.2 LE DÉSESPOIR DE LA VEILLE	36
0.2 O DESESPERO DA VELHA	37
0.3 LE «CONFITEOR» DE L'ARTISTE	38
0.3 O “CONFITEOR”	39
0.4 UN PLAISANT	40
0.4 UM ENGRAÇADINHO	41
0.5 LA CHAMBRE DOUBLE	42
0.5 O QUARTO DUPLO	43
0.6 CHACUN SA CHIMÈRE	50
0.6 CADA QUAL COM SUA QUIMERA	51
0.7 LE FOU ET LA VÉNUS	54
0.7 O LOUCO E A VÊNUS	55
0.8 LE CHIEN ET LE FLACON	56
0.8 O CÃO E O FRASCO	57
0.9 LE MAUVAIS VITRIER	58
0.9 O MAU VIDRACEIRO	59
0.10 A UNE HEURE DU MATIN	66
0.10 À UMA HORA DA MANHÃ	67
0.11 LA FEMME SAUVAGE ET LA PETITE-MAITRESSE	70
0.11 A MULHER SELVAGEM E A PEQUENA-AMANTE	71
0.12 LES FOULES	76





0.12	AS MASSAS	77
0.13	LES VEUVES	80
0.13	AS VIÚVAS	81
0.14	LE VIEUX SALTIMBANQUE	88
0.14	O VELHO SALTIMBANCO	89
0.15	LE GÂTEAU	94
0.15	O BOLO	95
0.16	L'HORLOGE	100
0.16	O RELÓGIO	101
0.17	UN HÉMISPÈRE DANS UNE CHEVELURE	104
0.17	UM HEMISFÉRIO NUMA CABELEIRA	105
0.18	L'INVITATION AU VOYAGE	108
0.18	CONVITE À VIAGEM	109
0.19	LE JOUJOU DU PAUVRE	114
0.19	O BRINQUEDO DO POBRE	115
0.20	LES DONS DES FÉES	118
0.20	OS DONS DAS FADAS	119
0.21	LES TENTATIONS, OU ÉROS, PLUTUS ET LA GLOIRE	126
0.21	AS TENTAÇÕES, OU EROS, PLUTO E A GRÓRIA	127
0.22	LE CRÉPUSCULE DU SOIR	136
0.22	O CREPÚSCULO DA TARDE	137
0.23	LA SOLITUDE	142
0.23	A SOLIDÃO	143
0.24	LES PROJETS	146
0.24	OS PROJETOS	147
0.25	LA BELLE DOROTHÉE	150
0.25	A BELA DOROTHÉE	151
0.26	LES YEUX DES PAUVRES	156
0.26	OS OLHOS DOS POBRES	157
0.27	UNE MORT HÉROIQUE	162
0.27	UMA MORTE HEROICA	163
0.28	LA FAUSSE MONNAIE	174

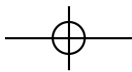
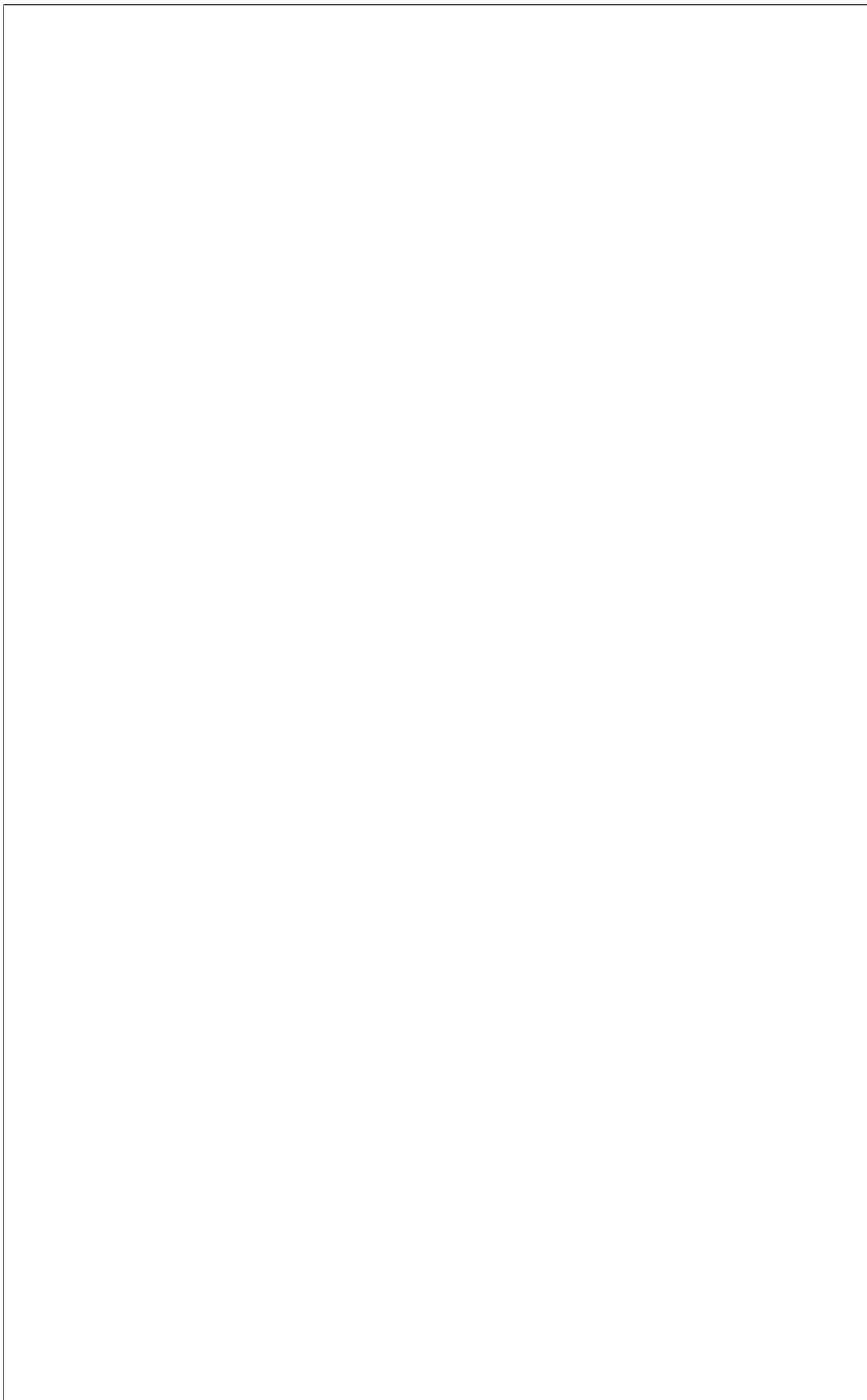




0.28	A MOEDA FALSA	175
0.29	LE JOUEUR GÉNÉREUX	180
0.29	O JOGADOR GENEROSO	181
0.30	LA CORDE	190
0.30	A CORDA	191
0.31	LES VOCATIONS	200
0.31	AS VOCAÇÕES	201
0.32	LE THYRSE	210
0.32	O TIRSO	211
0.33	ENIVREZ-VOUS	214
0.33	EMBRIAGUEM-SE	215
0.34	DÉJÀ!	216
0.34	JÁ!?	217
0.35	LES FENÊTRES	220
0.35	AS JANELAS	221
0.36	LE DÉSIR DE PEINDRE	222
0.36	O DESEJO DE PINTAR	223
0.37	LES BIENFAITS DE LA LUNE	226
0.37	OS FAVORES DA LUA	227
0.38	LAQUELLE EST LA VRAIE?	230
0.38	QUAL SERÁ A VERDADEIRA?	231
0.39	UN CHEVAL DE RACE	232
0.39	UM CAVALO DE RAÇA	233
0.40	LE MIROIR	234
0.40	O ESPELHO	235
0.41	LE PORT	236
0.41	O PORTO	237
0.42	PORTRAITS DE MAÎTRESSES	238
0.42	RETRATOS DE AMANTES	239
0.43	LE GALANT TIREUR	250
0.43	O GALANTE ATIRADOR	251
0.44	LA SOUPE ET LES NUAGES	252





0.44	A SOPA E AS NUVENS	253
0.45	LE TIR ET LE CIMETIÈRE	254
0.45	O TIRO E O CEMITÉRIO	255
0.46	PERTE D'AURÉOLE	258
0.46	A PERDA DE AURÉOLA	259
0.47	MADEMOISELLE BISTOURI	260
0.47	SENHORITA BISTURI	261
0.48	ANYWHERE OUT OF THE WORLD (N'IMPORTE OÙ HORS DU MONDE)	270
0.48	ANY WHERE OUT OF THE WORLD, QUALQUER LUGAR FORA DO MUNDO	271
0.49	ASSOMMONS LES PAUVRES!	274
0.49	ESPANQUEMOS OS POBRES!	275
0.50	LES BONS CHIENS	280
0.50	OS BONS CÃES	281
0.51	ÉPILOGUE	290
0.51	EPÍLOGO	291
	Índice	297



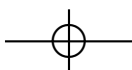
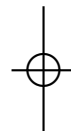
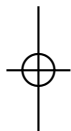


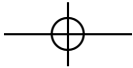


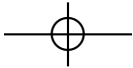
COLEÇÃO HEDRA

1. Iracema,
José de Alencar
 2. Don Juan,
Molière
 3. Contos indianos,
Stéphane Mallarmé
 4. Auto da barca do Inferno,
Gil Vicente
 5. Poemas completos de Alberto Caeiro,
Fernando Pessoa
 6. Triunfos,
Francisco Petrarca
 7. A cidade e as serras,
Eça de Queiroz
 8. O retrato de Dorian Gray,
Oscar Wilde
 9. A história trágica do Doutor Fausto,
Christopher Marlowe
 10. Os sofrimentos do jovem Werther,
Johann Wolfgang von Goethe
 11. Dos novos sistemas na arte,
Kazimir Maliévitch
 12. Mensagem,
Fernando Pessoa
 13. Metamorfoses,
Ovidio
 14. Micromegas e outros contos,
Voltaire
 15. O sobrinho de Rameau,
Denis Diderot
 16. Carta sobre a tolerância,
John Locke
- 
- 



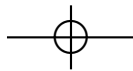
17. Discursos ímpios,
Marquês de Sade
18. O príncipe,
Nicolau Maquiavel
19. Dao De Jing,
Lao Zi
20. O fim do ciúme e outros contos,
Marcel Proust
21. Pequenos poemas em prosa,
Charles Baudelaire
22. Fé e saber,
Friedrich Hegel
23. Joana d'Arc,
Jules Michelet
24. Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos,
Maimônides
25. O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios,
Emma Goldman
26. Eu acuso! | O processo do capitão Dreyfus,
Zola | Rui Barbosa
27. Apologia de Galileu,
Tommaso Campanella
28. Sobre verdade e mentira,
Friedrich Nietzsche
29. O princípio anarquista e outros ensaios,
Piotr Kropotkin
30. Os soviets traídos pelos bolcheviques,
Rudolf Rocker
31. Poemas,
Lord Byron
32. Sonetos,
William Shakespeare
33. A vida é sonho,
Calderón de la Barca



- 
- 
- 
- 
34. Escritos revolucionários,
Errico Malatesta
35. Sagas,
August Strindberg
36. O mundo ou tratado da luz,
René Descartes
37. O Ateneu,
Raul Pompeia
38. Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas,
Luis de Góngora y Argote
39. A vênus das peles,
Sacher-Masoch
40. Escritos sobre arte,
Charles Baudelaire
41. Cântico dos cânticos,
[Salomão]
42. Americanismo e fordismo,
Antonio Gramsci
43. O princípio do Estado e outros ensaios,
Mikhail Bakunin
44. História da província Santa Cruz,
Pero de Magalhães Gandavo
45. Balada dos enforcados e outros poemas,
François Villon
46. Sátiras, fábulas, aforismos e profecias,
Leonardo Da Vinci
47. O cego e outros contos,
D.H. Lawrence
48. Rashômon e outros contos,
Ryūnosuke Akutagawa
49. História da anarquia (vol. 1),
Max Nettlau
50. Imitação de Cristo,
Tomás de Kempis



51. O casamento do Céu e do Inferno,
William Blake
52. Cartas a favor da escravidão,
José de Alencar
53. Utopia Brasil,
Darcy Ribeiro
54. Flossie, a Vênus de quinze anos,
Algernon Charles Swinburne
55. Teleny, ou o reverso da medalha,
Oscar Wilde
56. A filosofia na era trágica dos gregos,
Friedrich Nietzsche
57. No coração das trevas,
Joseph Conrad
58. Viagem sentimental,
Laurence Sterne
59. Arcana Coelestia e Apocalipsis revelata,
Emanuel Swedenborg
60. Saga dos Volsungos,
Anônimo do séc. XIII
61. Um anarquista e outros contos,
Joseph Conrad
62. A monadologia e outros textos,
Gottfried Wilhelm Leibniz
63. Cultura estética e liberdade,
Friedrich Schiller
64. A pele do lobo e outras peças,
Artur Azevedo
65. Poesia basca: das origens à Guerra Civil
66. Poesia catalã: das origens à Guerra Civil
67. Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil
68. Poesia galega: das origens à Guerra Civil
69. O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio,
E.T.A. Hoffmann



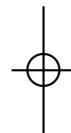


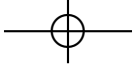

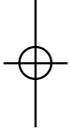
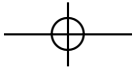
70. Tratados da terra e gente do Brasil,
Fernão Cardim
71. Entre camponeses,
Errico Malatesta
72. O Rabi de Bacherach,
Heinrich Heine
73. Bom Crioulo,
Adolfo Caminha
74. Um gato indiscreto e outros contos,
Saki
75. Viagem em volta do meu quarto,
Xavier de Maistre
76. Hawthorne e seus musgos,
Herman Melville
77. A metamorfose,
Franz Kafka
78. Ode ao Vento Oeste e outros poemas,
Percy Bysshe Shelley
79. Oração aos moços,
Rui Barbosa
80. Feitiço de amor e outros contos,
Ludwig Tieck
81. O corno de si próprio e outros contos,
Marquês de Sade
82. Investigação sobre o entendimento humano,
David Hume
83. Sobre os sonhos e outros diálogos,
Jorge Luis Borges | Osvaldo Ferrari
84. Sobre a filosofia e outros diálogos,
Jorge Luis Borges | Osvaldo Ferrari
85. Sobre a amizade e outros diálogos,
Jorge Luis Borges | Osvaldo Ferrari
86. A voz dos botequins e outros poemas,
Paul Verlaine

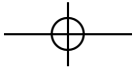


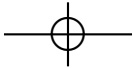


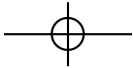




87. Gente de Hemsö,
August Strindberg
88. Senhorita Júlia e outras peças,
August Strindberg
89. Correspondência,
Goethe | Schiller
90. Índice das coisas mais notáveis,
Antônio Vieira
91. Tratado descritivo do Brasil em 1587,
Gabriel Soares de Sousa
92. Poemas da cabana montanhosa,
Saigyō
93. Autobiografia de uma pulga,
[Stanislas de Rhodes]
94. A volta do parafuso,
Henry James
95. Ode sobre a melancolia e outros poemas,
John Keats
96. Teatro de êxtase,
Fernando Pessoa
97. Carmilla — A vampira de Karnstein,
Sheridan Le Fanu
98. Pensamento político de Maquiavel,
Johann Gottlieb Fichte
99. Inferno,
August Strindberg
100. Contos clássicos de vampiro,
Lord Byron, Bram Stoker e outros
101. O primeiro Hamlet,
William Shakespeare
102. Noites egípcias e outros contos,
Aleksandr Púchkin
103. A carteira de meu tio,
Joaquim Manuel de Macedo

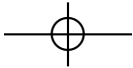


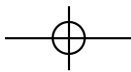
- 
- 
- 
- 
104. O desertor,
Silva Alvarenga
105. Jerusalém,
William Blake
106. As bacantes,
Eurípides
107. Emília Galotti,
Gotthold Ephraim Lessing
108. Contos húngaros,
Dezso Kosztolányi, Frigyes Karinthy, Géza Csáth e Gyula Krúdy
109. Viagem aos Estados Unidos,
Alexis de Tocqueville
110. Émile e Sophie ou os solitários,
Jean-Jacques Rousseau
111. Manifesto comunista,
Karl Marx e Friedrich Engels
112. A fábrica de robôs,
Karel Tchápek
113. Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. I),
Arthur Schopenhauer
114. O novo Epicuro: as delícias do sexo,
Edward Sellon
115. Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875,
Mikhail Bakunin
116. Sobre a liberdade,
John Stuart Mill
117. A velha Izerguil e outros contos,
Maksim Górkí
118. Pequeno-burgueses,
Maksim Górkí
119. Primeiro livro dos Amores,
Ovídio
120. Educação e sociologia,
Émile Durkheim

- 
- 
- 
- 
121. Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia,
Bernardo Guimarães
122. A nostálgica e outros contos,
Alexandros Papadiamántis
123. Lisístrata,
Aristófanes
124. A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias,
Marcel Schwob
125. O livro de Monelle,
Marcel Schwob
126. A última folha e outros contos,
O. Henry
127. Romanceiro cigano,
Federico García Lorca
128. Sobre o riso e a loucura,
[Hipócrates]
129. Hino a Afrodite e outros poemas,
Safo de Lesbos
130. Anarquia pela educação,
Élisée Reclus
131. Ernestine ou o nascimento do amor,
Stendhal
132. Odisseia,
Homero
133. O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde,
Robert Louis Stevenson
134. História da anarquia (vol. 2),
Max Nettlau
135. Eu,
Augusto dos Anjos
136. Farsa de Inês Pereira,
Gil Vicente
137. Sobre a ética — Parerga e paralipomena (v. II, t. II),
Arthur Schopenhauer

- 
- 
- 
138. Contos de amor, de loucura e de morte,
Horacio Quiroga
139. Memórias do subsolo,
Fiódor Dostoiévski
140. A arte da guerra,
Nicolau Maquiavel
141. O cortiço,
Aluísio Azevedo
142. Elogio da loucura,
Erasmus de Rotterdam
143. Oliver Twist,
Charles Dickens
144. O ladrão honesto e outros contos,
Fiódor Dostoiévski
145. O que eu vi, o que nós veremos,
Santos-Dumont
146. Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida,
Friedrich Nietzsche
147. Édipo Rei,
Sófocles
148. Fedro,
Platão
149. A conjuração de Catilina,
Salústio

«SÉRIE LARGEPOST»

1. Dao De Jing,
Lao Zi
2. Cadernos: Esperança do mundo,
Albert Camus
3. Cadernos: A desmedida na medida,
Albert Camus
4. Cadernos: A guerra começou...,
Albert Camus
- 



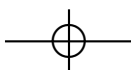
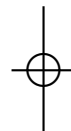
5. Escritos sobre literatura,
Sigmund Freud
6. O destino do erudito,
Johann Gottlieb Fichte
7. Diários de Adão e Eva,
Mark Twain
8. Diário de um escritor (1873),
Fiódor Dostoiévski

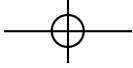


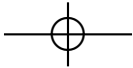
«SÉRIE SEXO»

1. A vênus das peles,
Sacher-Masoch
2. O outro lado da moeda,
Oscar Wilde
3. Poesia Vaginal,
Glauco Mattoso
4. Perversão: a forma erótica do ódio,
Robert Stoller
5. A vênus de quinze anos,
Algernon Charles Swinburne
6. Explosão: romance da etnologia,
Hubert Fichte

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

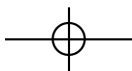
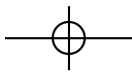
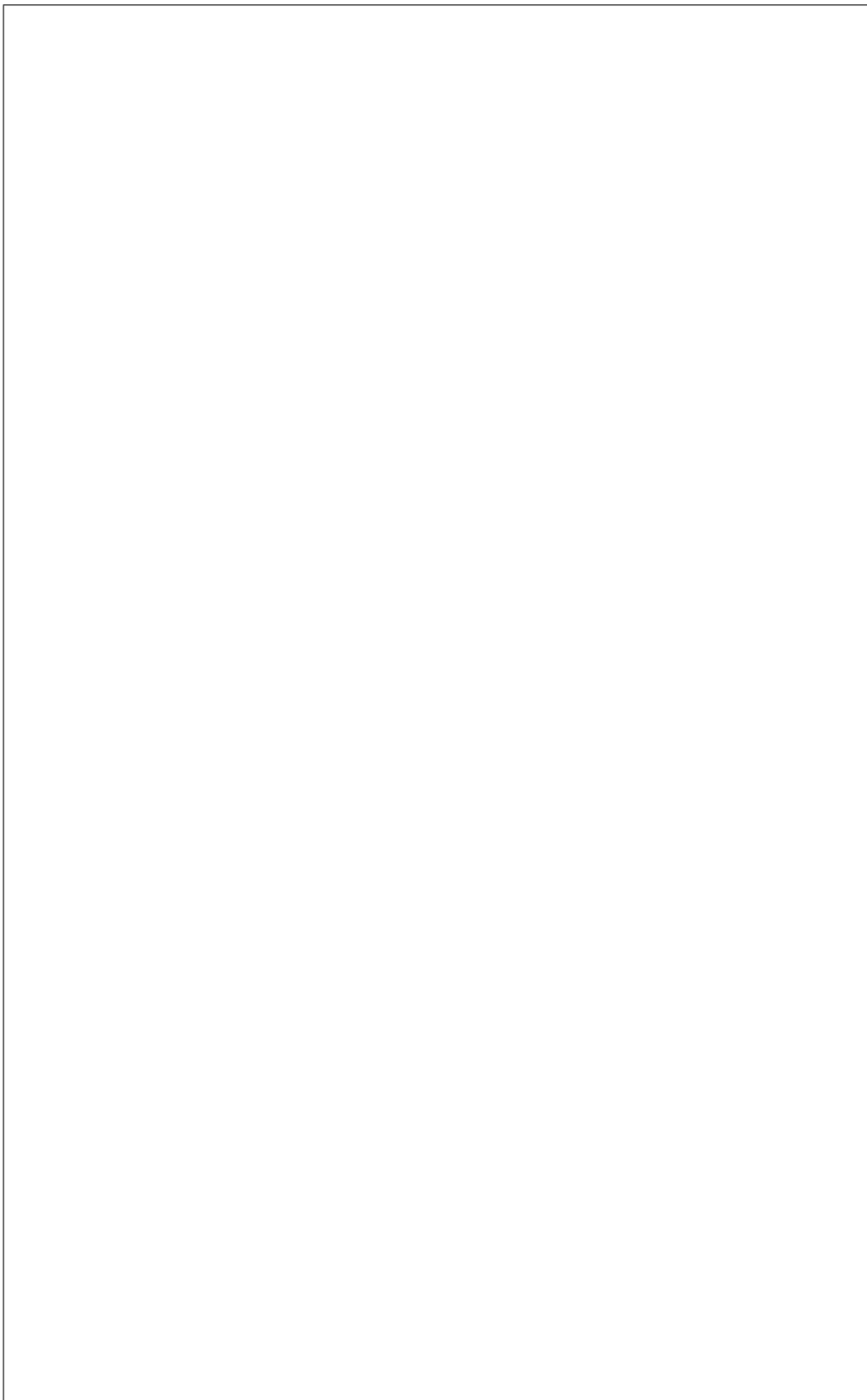
1. Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica,
Tales Ab'Sáber
2. Crédito à morte,
Anselm Jappe
3. Universidade, cidade e cidadania,
Franklin Leopoldo e Silva
4. O quarto poder: uma outra história,
Paulo Henrique Amorim
5. Dilma Rousseff e o ódio político,
Tales Ab'Sáber



- 
- 
- 
- 
6. Descobrindo o Islã no Brasil,
Karla Lima
 7. Michel Temer e o fascismo comum,
Tales Ab'Sáber
 8. Lugar de negro, lugar de branco?,
Douglas Rodrigues Barros

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. Dostoiévski e a dialética,
Flávio Ricardo Vassoler
2. O renascimento do autor,
Caio Gagliardi





Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro em nossas oficinas,
em 6 de setembro de 2019, em tipografia Libertine, com diversos
softwares livres, entre eles, Lua^WTeX, git & ruby.
(v. 665f65b)

